

Mariá Boeira Lodetti

**CONTINUIDADE PARTIDA: IMPACTOS  
PSICOLÓGICOS DA IMIGRAÇÃO EM REFUGIADOS  
SÍRIOS RESIDENTES NA GRANDE FLORIANÓPOLIS  
(BRASIL)**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lucienne Martins Borges

Florianópolis

2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Boeira Lodetti, Mariá  
CONTINUIDADE PARTIDA: IMPACTOS PSICOLÓGICOS DA  
IMIGRAÇÃO EM REFUGIADOS SÍRIOS RESIDENTES NA GRANDE  
FLORIANÓPOLIS (BRASIL) / Mariá Boeira Lodetti ;  
orientadora, Lucienne Martins Borges , 2018.  
155 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de  
Santa Catarina, , Programa de Pós-Graduação em  
Psicologia, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.


1. Psicologia. 2. refugiados sírios. 3.  
Etnopsiquiatria. 4. imigração forçada. 5. saúde  
mental. I. , Lucienne Martins Borges. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de  
Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

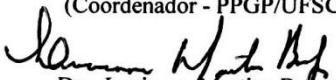
**Mariá Boeira Lodetti**


**CONTINUIDADE PARTIDA: IMPACTOS PSICOLÓGICOS DA  
IMIGRAÇÃO EM REFUGIADOS SÍRIOS RESIDENTES NA  
GRANDE FLORIANÓPOLIS (BRASIL)**


Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 11 de Maio de 2018.

  
Dr. Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes  
(Coordenador - PPGP/UFSC)

  
Dra. Lucienne Martins Borges  
(PPGP UFSC - Orientadora)

  
Dra. Andrea Vieira Zanella  
(PPGP UFSC - Examinadora Interna)

  
Dra. Gláucia de Oliveira Assis  
(PPGH UDESC - Examinadora Externa)

Dra. Ana Lucia Mandelli de Marsillac  
(PPGP UFSC - Examinadora Suplente Interna)

Dra. Ivania Jann Luna  
(CCS UFSC Mestrado Profissional em Saúde Mental e Atenção  
Psicossocial - Examinadora Externa Suplente)



*« C'est notre regard qui enferme souvent les autres dans leurs plus étroites appartenances, et c'est notre regard aussi qui peut les libérer. » (Maalof)*

*“É o nosso olhar que muitas vezes isola os outros dentro de seus mais estreitos pertencimentos, e é também o nosso olhar que pode liberá-los.” (Maalof)*



A Waldemar do Santos Boeira (*in memoriam*) pela bagagem de conhecimento alicerçada sempre no amor e no compromisso com o outro, que me foi transmitida.

## AGRADECIMENTOS

Este mestrado representa mais que uma etapa acadêmica: representa o encerramento de parte de um intenso processo que começou há alguns anos e me proporcionou importantes experiências humanas, profissionais e acadêmicas repletas de elementos sobre as diferenças e as relações humanas. Meus agradecimentos refletem muitos dos privilegiados bons encontros da minha vida. Assim, agradeço:

À Maria das Graças Velho Boeira pela transmissão da alegria da vida; pela proteção que me autorizava e desafiava desde pequena a ir um pouco mais além. Obrigada por me apresentar desde tão cedo a sua forma de construir uma sala de aula e por me transmitir seu amor em ocupar um lugar de ensino. Obrigada pelos incontáveis recursos de amor, de confiança, pelo imenso suporte.

Ao Ildo Luis Lodetti pela transmissão de elementos que me fizeram espontaneamente lembrar o ímpeto do significado de proteção.

Ao Daniel Boeira Lodetti e ao Marcel Boeira Lodetti por me permitirem aprender desde muito cedo a conviver com a diferença e a compartilhar; por me instigarem e desafiarem quase todo momento. Obrigada por esse espaço repleto de amor e de parceria que construímos juntos.

À Terezinha Vieira Boeira pela forte cumplicidade construída desde o berço, pelo cuidado, pela transmissão do poder de tantos rituais culturais, pela atenção e pelo aconchego.

Ao Francisco Sales Velho Boeira pelo imenso amor, confiança e transmissão de tantos saberes. Agradeço igualmente a preservação e transmissão simbólicas e concretas dos legados do vovô; legados que nos remetem tão intimamente ao sentimento de pertencimento e de unidade.

À Mônica de Curtis Boeira pelo olhar de tanto carinho; pela transmissão de gastronomias repletas de amor; pelas milhares de tardes imersas em cafezinhos e em conversas que nos levam a viajar bem longe. Um infinito obrigada também pelo olhar – tão cuidadoso – na leitura das palavras dessa dissertação.

À Loraines Dal Pont Lodetti pela diversão, pela espontaneidade; por me colocar intensamente em contato com rituais ítalo-brasileiros tão agradáveis; pelas inúmeras porções de amor transmitidas em tantos almoços de domingo.



Aos meus mestres Lucienne Martins Borges e Jean-Bernard Pocreau.

À Lucienne pelo vínculo de confiança. Um dia falávamos sobre a função de transmissão do saber do professor. Como é para mim mais que professora/orientadora, naturalmente essa função expandiu-se pelos mais diferentes saberes da vivência humana; todos eles se encontram em um elemento que me é sempre lembrado por você: a importância do investimento nas relações, no cuidado. Obrigada pela confiança; por ser uma significativa referência; por me mostrar diferentes caminhos e neles me acompanhar, sempre questionando a minha forma de conduzi-los.

À Jean-Bernard Pocreau de m'avoir permis d'apprendre ta façon mobiliser toutes tes connaissances et ta sensibilité envers l'autre et, naturellement, envers la société. C'est un grand privilège de pouvoir participer aux différents groupes qui tu es responsable, de pouvoir écouter tes réflexions et de témoigner ta belle façon d'être en relation thérapeutique.

À ma petite Rafaela Borges Pocreau por me colocar em contato com uma infinita energia cheia de vida por meio da qual posso resgatar criatividade e leveza. Merci d'être toujours partante pour un « on y go » dans des aventures gastronomiques et des aventures sur la glace.

À Jayana Bressan Borinelli pela relação fraterna, pelas risadas, pelo suporte e paciência ilimitados. À Luiza Balthazar pela cumplicidade, consistência e perpetuidade. À Luísa Biava pela parceria, continuidade e filiação e à Mariana Nunes pela autenticidade e vivacidade. Essas amigas de muitos e muitos anos, de quem está sempre comigo nas mais diversas e importantes etapas e rituais da vida. Obrigada por esse vínculo tão forte que mantemos entre nós, obrigada por construir comigo esse lugar de referência tão agradável ao qual sempre posso voltar. Obrigada por seguirem junto comigo há tantos anos. É muito bom ter vocês na minha vida, cada uma de um jeito único e especial.

À Ana Laura Tridapalli pela amizade. É sempre muito bom estar perto de ti, compartilhar contigo tantos espaços e encontros agradáveis. A tua amizade foi um grande presente que o mestrado me proporcionou e pela qual sou imensamente grata.

À Fernanda Lima Fonseca, grande amiga e colega de graduação. Obrigada pela proximidade, apesar das fronteiras, que nos permite retomar o mesmo bom e leve contato de sempre.

A todos do NEMPsiC, Núcleo em que tive o privilégio de estar presente desde sua fundação e a oportunidade de desenvolver inúmeros

projetos e de estar em contato com muitas pessoas que me ensinaram tanto sobre a força de um grupo. À Allyne F. O. Barros, Márcio Jibrin e Ana Paula Freitas, colegas de profissão e importantes pessoas que muito me ensinaram sobre pesquisa e parceria.

À Vanina Bertozzi pour la belle rencontre où nous avons pu apporter à fond nos côtés – tellement – français et brésilien à Québec. Pour l'amitié qui se maintient malgré les années et la distance.

À Sara Samir Ibrahim Eldousseky pour ton regard méditerranéen plus légère sur la vie. Pour m'voir fait comprendre la vraie force d'une rencontre « du sud ». Oualà-ri, choukrane habiba !

Par ailleurs, j'aimerais remercier aussi mes amis Daniel Floriano, Marie-Lou Lessard, Anas El Alem, Beatriz Dias Miranda, Farimata Ndir, Nayeli Sanchez, Asma Ouennich, Thierry Pateau. À vous tous : dieuredieuf, choukrane, grácias, merci, obrigada !

À tous de l'Équipe de recherche en partenariat sur la diversité culturelle et l'immigration dans la région de Québec (ÉDIQ) qui m'ont tellement bien accueilli à l'Université Laval et qui ont validé, une fois de plus, mon désir d'y retourner. Merci d'avoir été mes partenaires de recherche pendant plusieurs heures dans notre « igloo » sur le toit du Bonenfant. Merci d'avoir élargie ces relations à des souper, déjeuner et même au chalet dans la campagne. Merci à Justine Laloux, Laurie Arsenault-Paré, Isidora Benitez Janezic, Marie-Elisa Fortin et Marie-Éve Rousson-Godbout.

Merci surtout à Prof. Stéphanie Arsenault, responsable de l'Édiq, pour l'ouverture et la disponibilité depuis le début de notre rencontre qui m'a donné vraiment l'envie de rester plus parmi vous.

Ao CNPQ pelas bolsas de iniciação científica que me permitiram a imersão no campo da pesquisa acadêmica. À CAPES pela bolsa de mestrado que me permitiu continuidade das atividades acadêmicas. À UFSC e ao PPGP pela estrutura e apoio.

Às professoras Gláucia de Oliveira Assis, Andrea Vieira Zanella e Ana Lúcia Mandelli de Marsillac, que aceitaram o(s) convite(s) para participarem das minhas bancas de qualificação e defesa.

A todos os contribuintes brasileiros que financiaram meus estudos em uma universidade federal pública e de qualidade, a UFSC.

Aos participantes desta pesquisa que aceitaram este encontro e que nele estiveram muito presentes, compartilhando comigo suas histórias de vida. Choukrane!



## RESUMO

A imigração refere-se ao movimento de atravessamento de fronteiras físicas e simbólicas para se estabelecer em outro país. Esse movimento é capaz de desencadear uma incoerência entre elementos de cultura de origem do migrante e elementos da cultura da sociedade de destino ao qual ele está inserido. Ele se depara com um outro universo cultural. É sobre esse encontro intercultural no qual a Etnopsiquiatria – disciplina em que se baseia o quadro teórico da presente pesquisa – visa debruçar-se. A incoerência desencadeada pelo movimento migratório pode levar o imigrante a um estado de vulnerabilidade psíquica. Nos casos de imigração involuntária, ou forçada, entende-se que não houve um desejo de deixar o país, mas que isso foi feito como única tentativa de assegurar a vida, como é o caso atualmente dos refugiados sírios. Atualmente eles representam 39% da população de refugiados reconhecidos no Brasil. Assim, a presente pesquisa objetiva compreender quais os impactos psicológicos decorrentes da imigração de refugiados sírios estabelecidos na Grande Florianópolis. Caracterizada como uma pesquisa exploratória, descritiva e de abordagem qualitativa, realizaram-se 13 entrevistas com utilização de dois instrumentos: roteiro de entrevista semiestruturado e *Formulário sociodemográfico intercultural do NEMPsiC*. Os participantes são todos adultos, 11 são homens e 2 mulheres. A maior parte deles (7) tem entre 20 e 30 anos. Quanto aos significados atribuídos ao processo migratório, constatou-se diferentes elementos de todo o percurso que fazem referência ao contexto de guerra que desencadeou a imigração forçada; que prolongou a precariedade e a exposição à violência nos múltiplos deslocamentos nos países vizinhos à Síria; que os levaram ao Brasil e à Florianópolis. Observou-se sintomas clínicos que surgiram após o processo migratório, como sintomas depressivos, os quais foram expressos pelo sentimento de solidão, tristeza, perda de apetite e de peso e desesperança em relação ao futuro; sintomas somáticos, no sistema digestivo, pressão no coração, dores nas costas e dor de cabeça; e sintomas pós-traumáticos, como distúrbio do sono, revivência dos episódios traumáticos e hipervigilância. No que se refere aos fatores de risco, destaca-se a experiência em si enquanto imigrante/refugiado, os múltiplos deslocamentos, o fato de alguns terem origem palestina, as barreiras linguísticas no Brasil, ameaças em torno da identidade/cultura síria, a falta de políticas de acolhimento, a falta de um serviço na UFSC

que ofereça ajuda especializada à integração universitária e episódios de discriminação vividos. Quanto aos fatores de risco verificou-se a manutenção com os vínculos de referência pelo contato virtual com a família, existência de um grupo de mulheres síria em Florianópolis e importância da instituição religiosa; alguns elementos da cultura síria, como alimentação e religião; e, por fim, experiências no país de acolhimento, como os planos profissionais dos participantes e o contato de alguns deles com brasileiros. Nesse sentido, o estudo demonstra a importância de produção de conhecimento sobre a especificidade do refúgio sírio no Brasil e sua relação com os impactos psicológicos da imigração forçada. Ademais, reitera a importância de formação aos profissionais da saúde e da assistência social e a criação de ações na Universidade Federal de Santa Catarina que facilitem a integração escolar de refugiados.

**Palavras-chave:** refugiados sírios; Etnopsiquiatria; imigração forçada; saúde mental; Brasil

## ABSTRACT

Immigration refers to the movement of crossing physical and symbolic boundaries to settle in another country. This movement can trigger an incoherence between elements of the migrant's culture of origin and elements of the culture of the destination society in which he is inserted. He faces other cultural universe. It is about this intercultural encounter in which Ethnopsychiatry - the discipline on which the theoretical framework of this research is based - aims to address. The incoherence triggered by the migratory movement can lead the immigrant to a state of psychic vulnerability. In cases of involuntary or forced immigration, it is understood that there was no desire to leave the country, but that was done the only attempt to ensure survival, such as the current case of the Syrian refugees. Currently they represent 39% of the recognized refugee population in Brazil. Thus, the present research aims to understand the psychological impact of the immigration of Syrian refugees established in Greater Florianópolis. Characterized as an exploratory, descriptive and qualitative approach, 13 interviews were conducted using two instruments: semi-structured interview script and NEMPsiC intercultural sociodemographic form. The participants are all adults, 11 are men and 2 are women. Most of them (7) are between 20 and 30 years old. As to the meanings attributed to the migratory process, different elements of the whole course were made that refer to the context of war that triggered forced immigration; which has prolonged precariousness and exposure to violence in multiple displacements in neighboring Syria; which took them to Brazil and Florianópolis. Clinical symptoms that emerged after the migratory process were observed, such as depressive symptoms, which were expressed by the feeling of loneliness, sadness, loss of appetite and weight and hopelessness in relation to the future; somatic symptoms, in the digestive system, pressure in the heart, back pain and headache; and post-traumatic symptoms, such as sleep disturbance, recurrence of traumatic episodes, and hypervigilance. With regard to risk factors, we highlight the experience as an immigrant / refugee, multiple displacements, the fact that some are of Palestinian origin, language barriers in Brazil, threats around Syrian identity / culture, the lack of reception policies, the lack of a service in the UFSC that offers specialized help to the university integration and episodes of discrimination. As for the risk factors, the maintenance of referral links through virtual contact with the family, the existence of a Syrian women's group in Florianópolis and the

importance of the religious institution were verified; some elements of Syrian culture, such as food and religion; and, finally, experiences in the host country, such as the professional plans of the participants and the contact of some of them with Brazilians. In this regard, the study demonstrates the importance of knowledge production on the specificity of the Syrian refuge in Brazil and its relation with the psychological impacts of forced immigration. In addition, it reiterates the importance of training health professionals and social assistance and the creation of actions at the Federal University of Santa Catarina that facilitate the school integration of refugees.

**Keywords:** Syrian refugees; Ethnopsychiatry; forced immigration; mental health; Brazil

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1.</b> Categorias .....	76
<b>Figura 2.</b> Categoria 1 - Significados atribuídos ao processo migratório.....	77
<b>Figura 3.</b> Cidades dos participantes .....	78
<b>Figura 4</b> Cidades dos deslocamentos .....	83
<b>Figura 5.</b> Categoria 2 – Sintomas clínicos do processo migratório .....	89
<b>Figura 6.</b> Categoria 3 - Fatores de risco .....	97
<b>Figura 7.</b> Deslocamento Síria, Líbano e Jordânia .....	99
<b>Figura 8.</b> Deslocamento Síria, Líbano, Jordânia, Egito, Turquia .....	100
<b>Figura 9.</b> Deslocamento Síria, Líbano, Egito, Turquia, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita .....	101
<b>Figura 10.</b> Categoria 4 - Fatores de proteção.....	110





## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1.</b> Caracterização dos participantes .....	64
---	----



## **LISTA DE ABREVIATURAS**

ACDH - Alto Comissariado das Nações Unidas para Direitos Humanos  
ACNUR - Alto Comissariado da ONU para Refugiados  
COMIGRAR - Conferência Nacional sobre Migrações e Refúgio  
CONARE - Comitê Nacional para os Refugiados  
GAIRF - Grupo de Apoio aos Imigrantes e Refugiados de Florianópolis e região  
OIM - Organização Internacional para as migrações  
OMS - Organização Mundial de Saúde  
ONU - Organização das Nações Unidas  
NEMPsiC - Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Culturas  
SAPSIR© - Service d'Aide Psychologique Spécialisée aux Immigrants et Réfugiés  
UNHCR - United Nations High Commissioner for Refugees  
UN - United Nations



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>23</b>
<b>2. OBJETIVOS .....</b>	<b>29</b>
<b>2.1 Objetivo Geral .....</b>	<b>29</b>
<b>2.2 Objetivos Específicos.....</b>	<b>29</b>
<b>3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>31</b>
<b>3.1 Imigração e direitos humanos .....</b>	<b>31</b>
<b>3.1.1 O contexto brasileiro .....</b>	<b>35</b>
<b>3.2 Etnopsiquiatria e cultura .....</b>	<b>39</b>
<b>3.3 Impactos Psicológicos da Imigração Involuntária.....</b>	<b>45</b>
<b>3.4. A Síria – سوريا.....</b>	<b>53</b>
<b>3.4.1 A situação geopolítica na Síria .....</b>	<b>56</b>
<b>4. MÉTODO.....</b>	<b>59</b>
<b>4.1 Caracterização da pesquisa .....</b>	<b>59</b>
<b>4.2 Contexto e participantes .....</b>	<b>59</b>
<b>4.3 Instrumentos .....</b>	<b>61</b>
<b>4.4 Procedimentos.....</b>	<b>61</b>
<b>4.5 Análise de dados .....</b>	<b>62</b>
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>65</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>121</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>129</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>143</b>
<b>APÊNDICA A - ROTEIRO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....</b>	<b>143</b>

<b>APÊNCICE B - FORMULÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO INTERCULTURAL DO NEMPSIC .....</b>	<b>147</b>
<b>APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>153</b>





## 1. INTRODUÇÃO

A experiência como imigrante – o contato com outras culturas, o convívio com a diferença – suscitaram questionamentos sobre os impactos que a experiência migratória pode produzir em um sujeito. O contato<sup>1</sup> com refugiados acrescentou importante elemento a esses questionamentos: o fato de que eles, os refugiados, deixaram seus países com uma motivação determinada pela impossibilidade de vida no lugar onde habitavam. Exemplo disso é a situação da guerra civil que acomete a Síria desde 2011.

A devastação operada nesse país, denunciada por imagens, vozes e vídeos propagados nos meios de comunicação, gera questionamentos quanto à possível continuidade de uma história de vida marcada pela destruição e pela ruptura geradas pela guerra. A chegada ao Brasil e, mais especificamente, à região da Grande Florianópolis, de refugiados sírios à busca de alguma possibilidade de vida, culminou em indagações em relação aos impactos psicológicos do processo migratório nessa população.

Imigrante é aquele que se depara diariamente com diversos elementos culturais que constroem a lógica de uma sociedade que não é a de sua origem. Imigrante é estrangeiro. A dessemelhança é marcada diariamente em suas experiências: pessoas, cheiros, lugares, barulhos, enfim, modos de fazer e de ser não correspondem àqueles de sua cultura fundante. Ele se depara com um outro universo cultural. É sobre esse encontro intercultural no qual a Etnopsiquiatria – disciplina em que se baseia o quadro teórico da presente pesquisa – visa debruçar-se. A Etnopsiquiatria propõe a complementariedade entre os conhecimentos da Psicanálise e da Antropologia, partindo do ponto primordial de que não existe homem sem cultura (Nathan, 1986) e, por conseguinte, de que toda manifestação humana tem na sua essência uma cultura (Moro, 2015). Desse modo, o psiquismo humano se funda, de forma

---

<sup>1</sup> Esse contato se deu tanto no contexto clínico – participação da pesquisadora como co-terapeuta do SAPSIR© e da Clínica Intercultural – quanto na atuação da pesquisadora como representante do NEMPsiC no Grupo de Apoio aos Imigrantes e Refugiados de Florianópolis e região (GAIRF).

interdependente, em meio aos elementos culturais proporcionados na singularidade de sua cultura (Devereux 1977; Laplantine, 1998; Moro, 2001; Nathan, 1994). Para compreender o comportamento humano, a Psicanálise fornece os elementos do psiquismo do homem que são da especificidade do humano e, a Antropologia, as características desse homem na cultura e na sociedade (Devereux, 1977).

Há que se considerar, então, o papel fundamental da cultura na constituição psíquica – a cultura é compreendida como um quadro formado por diferentes propriedades significativas que fornecem ao sujeito indicadores e possibilidades de modos de agir e de pensar com coerência (Moro, 2015). A língua é uma dessas propriedades: consiste no símbolo mais singular de um grupo social, pois indica uma dinâmica, uma sintaxe, uma interpretação semântica; além disso, desencadeia sentimentos ligados à identidade (Nathan, 1994). Os costumes, os rituais de passagem, as formações de parentesco, a alimentação e suas formas de preparo e de compartilhamento, as manifestações artísticas, as funções sociais, as hierarquias, as formas de cuidado são também propriedades da cultura. Tudo isso determina as formas de expressão e as respostas possíveis para os eventos do curso da vida. Essas propriedades são organizadas por meio de significados transmitidos para o sujeito, os quais possibilitam a comunicação entre o mundo interno e o mundo externo (Martins-Borges & Pocreau, 2009; Moro, 2001).

Imigrantes são pessoas que cruzaram a fronteira de seu país e, atualmente, representam cerca de 245 milhões da população mundial (United Nations [UN], 2016). São pessoas que se encontram distantes do seu contexto cultural e podem deparar-se com a ausência de correspondência entre elementos de sua cultura de origem e da cultura da sociedade de destino ao qual elas estão atualmente inseridas. Essa incoerência pode levar o imigrante a um estado de vulnerabilidade psíquica (Pocreau & Martins-Borges, 2006).

A motivação que leva alguém a migrar distingue-se entre voluntária e involuntária – ou forçada. Essa diferenciação é fundamental, dada a influência de cada tipo de motivação no processo pré-migratório, na partida, na chegada e na integração à sociedade de destino. (Guyon, 2011; Saillant, 2007). Na motivação voluntária, há o desejo de deslocamento, a preparação para a partida e a possibilidade de retorno. Na motivação involuntária, ao contrário, o deslocamento geográfico não é uma escolha, mas a única possibilidade de o sujeito manter-se vivo. A partida é muito rápida, repentina e a possibilidade de retorno muitas vezes não existe (Martins-Borges, 2013). Na categoria de

imigração involuntária, encontram-se os refugiados, sujeitos protagonistas desta pesquisa. A ONU define o refugiado como "uma pessoa que está fora do seu país natal devido a fundados temores de perseguição relacionados a raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opinião política" (Alto Comissariado Das Nações Unidas Para Refugiados [ACNUR], 2013, p. 4). Essa descrição fornece elementos que possibilitam pensar em diferentes desencadeadores de situações de risco à vida dessas pessoas, as quais podem ter causado o deslocamento forçado. No caso da guerra, é evidente o perigo de vida: são superados todos os limites fundamentais do Direito Internacional. Nesse contexto específico, não se reconhecem os sujeitos: dizem-se os laços comunitários entre aqueles que lutam entre si e deixa-se uma herança que, por muito tempo, impedirá qualquer possibilidade de reestabelecimento desses laços (Freud, 1915/2010). O sujeito, testemunha dessa destruição, "pode estar perplexo num mundo que para ele se tornou estrangeiro, sua grande pátria tendo desmoronado, o patrimônio comum tendo sido devastado, os concidadãos divididos e envilecidos" (Freud, 1915/2010, p. 162).

A Síria, localizada no Oriente Médio, está oficialmente em Guerra Civil desde 2011. Nessa época, uma veiculação midiática enfatizava o aumento de uma insatisfação geral no mundo árabe – nomeada, no Ocidente, de Primavera Árabe –, movimento que derrubou os governos da Tunísia e do Egito. Na Síria, os protestos começaram em Daraa e nas cidades da região periférica de Damasco (Kazour, Zahreddine, Maragel, Almustafa, Soufia, Haddad & Richa, 2017) – dentre elas, a cidade de Douma. As primeiras manifestações foram motivadas pelo protesto à tortura infligida pelo governo sírio a 15 garotos que haviam feito grafites de termos revolucionários na parede de uma escola. O estopim para a intensificação da crise foi a morte de um desses meninos, Hamza al-Khateeb, após ter sido torturado (Al Jazeera, 2016). Em seguida, a maior atuação do automeado Estado Islâmico no território – e, por conseguinte, da Rússia, Estados Unidos, a França, o Reino Unido, Turquia, Iraque, Irã, Arábia Saudita, grupos curdos, grupos Sunitas e grupos Xiitas (Eskander, 2014; Nasser, 2011; Omran, 2014) – levou o país a uma guerra civil, que já dura mais de 7 anos, que já matou mais de 500 mil pessoas e que não apresenta perspectivas de cessar (El Pais, 2018). Antes do início da guerra a população da Síria era composta por cerca de 22 milhões de habitantes; hoje o país conta com um número muito menor de habitantes. Isso se deve em parte ao movimento em massa de refugiados sírios, deslocamento sobre o qual

vêm sendo divulgadas informações, principalmente em jornais e sites das organizações internacionais (Ghumman; McCord & Texas, 2016). Seus habitantes diariamente são forçados a deixar suas casas, suas cidades e até mesmo o país diante da impossibilidade de viverem em um território em que a vida e a integridade são ameaçadas o tempo todo.

Para as Nações Unidas (2017), essas pessoas são reconhecidas como deslocados forçados, e, mais especificamente, como deslocados internos – aqueles que saíram de suas casas e de suas cidades, mas ainda permanecem na Síria; como refugiados – aqueles que já atravessaram as fronteiras internacionais – e como demandantes de asilos – aqueles que ainda não tiveram um status oficial de refugiado e estão solicitando proteção internacional. A população de deslocados internos é de 6,3 milhões de sírios; a de refugiados é de 5.6 milhões – a maior parte deles encontra-se na Turquia: 3,5 milhões; no Líbano: 991 mil; na Jordânia: 661 mil; no Iraque: 248 mil, e no Egito: 128 mil; a de demandantes de asilo é de 180 mil (United Nations, 2017; Portail Opérationnel - UNHCR, 2018). Portanto, que mais de 50% da população síria não se encontra mais em suas casas desde o início dos conflitos, em 2011 (United Nations, 2017). Para além do impacto de dimensões estatísticas que só crescem, o fenômeno chama a atenção pela sua complexidade.

Refugiados, frequentemente vítimas de guerras – como a população da Síria –, são marcados por eventos de fortes rupturas, as quais colocam em xeque a possibilidade de continuidade, quando já perderam quase tudo. O acúmulo de perdas é capaz de fragmentar um quadro de representações que sustentava o sujeito; os acontecimentos o submetem a uma condição excessiva de fragilidade e por isso podem assumir um caráter traumático (Melo Carvalho, 2012). Além disso, os refugiados se encontram fora de seu berço cultural, o que pode tornar ainda mais profundo os impactos psicológicos que essas vivências de rupturas podem desencadear.

No Brasil, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) desenvolve seus trabalhos em conjunto com o Ministério da Justiça (MJ), representado pelo Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE). Em abril de 2018 o MJ divulgou seu mais recente relatório, segundo o qual o número oficial de refugiados reconhecidos no Brasil é de, aproximadamente, 10 mil, e o de solicitações de reconhecimento em trâmite, de 86 mil. Conforme esse mesmo relatório, em 10 anos o número de refugiados reconhecidos no Brasil subiu de aproximadamente 3.300 para 10 mil – o documento não traz especificações quanto ao número de solicitações de

reconhecimento, que se acredita ter igualmente aumentado. Esse crescimento – associado ao fato de que, entre os refugiados reconhecidos no Brasil de 2007 a 2017, mais da metade dos refugiados reconhecidos não habita mais em território nacional – implica providências urgentes por parte dos órgãos públicos, no sentido de criar condições para que esses indivíduos se estabeleçam – e permaneçam – no Brasil: são necessárias medidas que visem à garantia – e à melhoria – dos serviços ofertados a essas populações; além disso, faz-se mister o investimento em ações de apoio e também na elaboração de novas práticas. Dentre os refugiados acolhidos no Brasil, encontram-se os sírios, que representam atualmente o maior grupo de refugiados acolhidos no país – cerca de 39% (Ministério da Justiça, 2018). Nesse sentido, Florianópolis foi uma das cidades que mais recebeu refugiados sírios – cerca de 120 pessoas<sup>2</sup>. Segundo essa mesma estatística, de 2015, estimava-se que muitos desses refugiados sírios haviam se fixado no centro de Florianópolis e trabalhavam no comércio, principalmente no comércio alimentício. Eles começaram a chegar ao Brasil a partir da criação da Normativa n.17 de setembro de 2013, através da qual o Comitê Nacional para Refugiados, por razões humanitárias, passa a conceder visto aos refugiados sírios que estavam em um dos 18 países vizinhos da Síria e que desejavam se refugiar no Brasil (Calegari & Baeninger, 2014; Godoy, 2014; Resolução Normativa n. 17, 2013).

Algumas pessoas se deslocam porque querem se deslocar; outras, como no caso dos refugiados, se deslocam porque precisam se deslocar para se manterem vivas. A chegada dos refugiados sírios vítimas da guerra civil é recente no Brasil, e as especificidades do processo migratório dessa população são praticamente desconhecidas. Aos poucos o Brasil reaparece no cenário internacional como um dos destinos possíveis de imigração. Dado que o desconhecimento consiste em um dos maiores dificultadores à integração, considera-se essencial a produção de conhecimento científico sistematizado e acessível que contribua para ações de sensibilização da população em geral e para a qualificação de profissionais que atuam diretamente com refugiados na atenção à saúde e psicossocial.

---

<sup>2</sup> Essa estimativa é de 2015, e foi fornecida pelo Grupo de Apoio a Imigrantes e Refugiados de Florianópolis e região (GAIRF), do qual a pesquisadora é membro.

À vista disso, o presente projeto de pesquisa se propõe a responder ao seguinte questionamento: **quais os impactos psicológicos da imigração em refugiados sírios que residem na Grande Florianópolis?**

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

Compreender os impactos psicológicos da imigração em refugiados sírios que residem na Grande Florianópolis

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

Caracterizar os significados atribuídos ao processo migratório por refugiados sírios;

Identificar os sintomas clínicos decorrentes do processo migratório;

Identificar os fatores de risco pré e pós-migratórios de refugiados sírios residentes na Grande Florianópolis;

Identificar os fatores de proteção pré e pós-migratórios de refugiados sírios residentes na Grande Florianópolis.





### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 3.1 IMIGRAÇÃO E DIREITOS HUMANOS

Os Direitos Humanos são universais e referem-se a direitos universalmente garantidos a cada ser humano, sem nenhum tipo de discriminação (Alto Comissariado das Nações Unidas para Direitos Humanos [ACDH], 2014). Nesse sentido, entende-se que, em princípio, nenhuma pessoa pode ter seus direitos humanos retirados. Assim, apresenta-se a seguir o contexto em que se agregam, no plano internacional, os Direitos Humanos, Migrações e Refúgio, bem como inicia-se uma discussão dos elementos que diferenciam uma imigração voluntária de uma involuntária em suas respectivas etapas do processo migratório. Por fim, apresenta-se brevemente o contexto brasileiro e as mudanças mais recentes que ocorreram no Brasil no que se refere à relação entre Direitos Humanos, Migrações e Refúgio.

Para o desenvolvimento desta explanação, faz-se necessário referir brevemente alguns importantes fatos históricos. Em 1945, mesmo ano do final da Segunda Guerra Mundial, foi criada a Organização das Nações Unidas (ONU), instituição que visava à paz e à segurança internacional; para alcançar tal objetivo, em dezembro de 1948, diferentes representantes, membros da ONU de todas as regiões do mundo, elaboraram um documento que oficializa os Direitos Humanos, tornando-os uma questão de preocupação internacional mediante a Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada nesse mesmo ano durante a Assembleia Geral das Nações Unidas. A Declaração, cujo objetivo é proteger a integridade de indivíduos ou grupo de indivíduos, representa o primeiro documento que visa à proteção universal dos direitos humanos (ACDH, 2014).

Para garantir a aplicação desses direitos, o Direito Internacional dos Direitos Humanos prevê obrigações entre os Estados que devem ser cumpridas para que se obtenha a proteção de indivíduos ou grupos. Entre os artigos previstos na Declaração Universal dos Direitos Humanos, o Art. XIII, inciso 2, disserta sobre o direito de todo ser humano “deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a este regressar” (UNESCO, 1998, p. 3); o Art. XIV, inciso 1, prevê que “todo ser humano vítima de perseguição tem o direito de procurar e de gozar de asilo em outros países” (UNESCO, 1998, p. 3) e o Art. XXV afirma que

“todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar-lhe, e a sua família, saúde e bem-estar [...]” (UNESCO, 1998, p. 4). Tais artigos foram destacados porque fazem alusão ao direito do movimento migratório, ou seja, de deixar o país; do asilo em outros países; e, por último, da garantia de cuidados de saúde: três questões centrais na presente pesquisa.

Em paralelo à aplicação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, oficializou-se em 1951 a Convenção das Nações Unidas sobre o Estatuto dos Refugiados; este novo documento que passou a ser adotado a partir de 1954, disserta sobre os padrões básicos para a definição e o tratamento internacional de refugiados. Este documento concede o status de refugiado à pessoa que:

temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer -se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele. (Convenção relativa ao Estatuto do Refugiado, 1951, p. 2)

Além de ocupar-se da significação precisa de “refugiado”, a Convenção de 1951 inseriu uma cláusula que impede a devolução de refugiados ou de solicitantes de asilo ao país em que essas pessoas sofriam algum tipo de perseguição (Convenção relativa ao Estatuto do Refugiado, 1951). Cabe ressaltar que tal Convenção continha igualmente duas cláusulas que restringiam a utilização do termo refugiado somente a vítimas dos eventos ocorridos na Europa até o ano de 1951. Seguente a esse documento, o Protocolo de 1967, instrumento independente da Convenção de 1951, elimina tais limitações geográficas e temporais previstas. Esta mudança foi desencadeada principalmente pelo contexto de lutas pela independência afro-asiáticas do período. Esses dois documentos, a Convenção de 51 e o Protocolo de 67, são conhecidos como “Estatuto dos Refugiados” e foram ratificados pelo Brasil em 1961 e 1972, respectivamente (Jubilut, 2007).

Afora importantes eventos históricos que consideram o movimento migratório na pauta do Direito Internacional dos Direitos

Humanos, o fenômeno da migração pode ser estudado por diferentes atravessamentos de referenciais teóricos das diferentes áreas do conhecimento. A maioria dos estudos migratórios concentram-se na demografia, na economia e na sociologia, relacionando os estudos demográficos às taxas populacionais, os estudos econômicos ao enfoque de uma análise do mercado de trabalho e os estudos sociológicos às funções das redes sociais (Gomes, 2005). Em termos descritivos, a migração consiste no movimento de uma pessoa ou de um grupo de pessoas no sentido de deixar um país e entrar em outro, ou seja, relaciona-se ao cruzamento de fronteiras internacionais (OIM, 2009). A compreensão deste fenômeno enquanto processo introduz a noção do movimento, que é composto pela demarcação de diferentes eventos que estão imersos na maior ou na menor influência de elementos individuais e sociais (Briggs, 2011). Em termos categóricos, pode-se pensar nas seguintes etapas desse processo: 1) a pré-migração, ou seja, o período anterior ao deslocamento, 2) a partida, referindo-se à saída do país de onde emigra e 3) a chegada ao país de acolhimento. Cabe destacar que as razões pelas quais uma pessoa ou um grupo realiza esse deslocamento é essencial para a compreensão das demarcações e eventos que caracterizam o tipo de migração, a qual pode ser distinguida entre voluntária e involuntária – ou forçada.

No primeiro caso, existe um desejo de sair de um país e passar a habitar em outro. A escolha pode ser planejada e coerente com os propósitos de vida do migrante (Dow, 2011; Padilla, 2013). Esses propósitos estão geralmente associados aos contextos profissional e familiar da pessoa, que usa como argumento de imigração as condições atrativas do país de destino, tais como maior qualidade de vida. Assim, é possível que na etapa pré-migratória essa pessoa procure se ver em tal país, que busque fotos e outros tipos de recursos que lhe permitam imaginar como poderá ser sua vida naquele determinado lugar. No período de preparação para a saída, também é possível que a pessoa que deixa o país realize despedidas e escolha para levar consigo objetos e comidas que façam referência à sua origem, como se levasse consigo simbolicamente um pedacinho da sua cultura, da sua terra natal. Após a entrada em um novo país, a pessoa passa a ter status de imigrante no país de acolhimento, e de emigrante no país de origem (Martins-Borges & Pocreau, 2015). Seu reconhecimento como imigrante leva-o à necessidade de obedecer a determinadas regras de direitos, deveres e privações, conforme o tipo de visto ou residência. No entanto, a

nacionalidade do país de origem é mantida e, concomitantemente, a sua proteção e a possibilidade de retorno (Lussi & Marinuci, 2007).

Nos casos em que a migração é nomeada involuntária – ou forçada –, entende-se que a pessoa não tinha o projeto de deixar o seu país, mas o fez como única tentativa de assegurar a própria vida, uma vez que os elementos que forçam esse deslocamento são as guerras, os genocídios e as perseguições individuais ou grupais por motivos de nacionalidade, religião, política, etnia, sexo ou por outros elementos que coloquem a vida em ameaça (Martins-Borges, 2013). Nesta compreensão de imigração forçada, acrescenta-se igualmente aquela realizada por razões oriundas de catástrofes naturais, dado que as condições de alguns países que são alvos de desastres da natureza muitas vezes não conseguem oferecer aos seus habitantes um mínimo de reparação diante das graves consequências de trágicos acidentes naturais (Jibrin, Boeira-Lodetti & Martins-Borges, 2017). Nesse viés, Wihtol-Wenden (2018) aponta a urgente necessidade da construção de uma norma internacional alternativa à Convenção de Geneva capaz de assegurar a proteção de pessoas vítimas de catástrofes naturais em determinados contextos e países. São países que, muitas vezes já estavam imersos em circunstâncias de pobreza incapacitante – como no caso do Haiti, que carecia de condições básicas para a população que sofreu o terremoto de 2010 (Barros & Martins-Borges, 2018) –, e, por isso, tornam-se geradores de imigrantes forçados.

Já a guerra, cujas motivações têm origem na desavença entre os seres humanos, tende a gerar consequências drásticas para toda a população civil de um país ou de um grupo de países. Essa população, diante de um cenário que pouco ou nada oferece como possibilidade de permanência, vê-se obrigada a deixar seu país. Uma vez que atravessam as fronteiras internacionais, ou seja, quando não estão mais no seu país, essas pessoas podem ser identificadas como refugiadas, status reconhecido pela Organização das Nações Unidas. Segundo dados divulgados por este órgão, o número oficial de refugiados até o final de 2016 era de 22.5 milhões de pessoas (United Nations, 2017).

Esse deslocamento muitas vezes é abrupto e, com relação à etapa pré-migratória, não há possibilidade de planejamento e de projeção em outro país. Frequentemente não é sabido qual é o destino. O período entre a partida e a chegada pode tornar-se longo, como uma transição que era para ser provisória e se torna permanente, como nos casos dos campos de refugiados (Martins-Borges, 2013). Salienta-se que, em muitos casos, a possibilidade de retorno é inexistente, uma vez que o

país de origem se encontra dizimado. É o que se observa com os refugiados da guerra da Síria, onde cidades estão destruídas ou mantêm-se tomadas por constantes ameaças de bombas e de outros tipos de ataques fatais. Nesse sentido, Dow (2011) refere-se aos refugiados não como aqueles que são puxados para fora de seu país, mas como aqueles que são empurrados para fora. Dessa reflexão compreende-se que a possibilidade de ser “puxado” faz alusão ao desejo de sair de um país e entrar em outro pelas diferentes opções coerentes que são atrativas àquele que deixa o país. A noção do “empurrado” alude à não-possibilidade de escolha, à não-possibilidade de permanência e à não-possibilidade de retorno. Independente do tipo de migração, é necessário ressaltar que as perdas resultantes da distância geográfica e afetiva suscitadas pelo deslocamento se fazem presentes nos dois grupos (Dow, 2011). No entanto, o tipo de deslocamento e os eventos desencadeados por meio dele influenciam diretamente o processo de chegada e de integração ao novo país (Guyon, 2011; Saillant, 2007). Por isso, a diferenciação entre imigração voluntária e imigração involuntária torna-se de intrínseca importância para uma compreensão do processo sob o ponto de vista psíquico (Martins-Borges, 2013).

### **3.1.1 O CONTEXTO BRASILEIRO**

Quanto ao contexto migratório no Brasil, aponta-se uma mudança ocorrida a partir dos anos 80, quando o país que sobretudo enviava migrantes, passa também a receber novos imigrantes, ou seja, os fluxos predominantemente emigratórios passam a ser também imigratórios (Jardim, 2013). Esse período dos anos 80 é marcado pela entrada no Brasil principalmente de grupos de imigrantes coreanos e latino-americanos no Brasil (Assis & Sasaki, 2001).

No que concerne ao cenário legislativo brasileiro, o Art. 5º da Constituição de 1988 igualou os direitos dos brasileiros com os dos estrangeiros residentes no país quanto aos direitos fundamentais da vida, liberdade, igualdade, segurança e propriedade (Constituição, 1988). No entanto, a principal<sup>3</sup> lei que norteava os direitos dos imigrantes no Brasil

---

<sup>3</sup> Em 1997 sanciona-se no Brasil a Lei do Refúgio 9.474 que define mecanismos de implementação do Estatuto de Refugiados de 51. Assim, ela se restringe aos imigrantes com status de refugiado reconhecido pela ONU.

era anterior ao cenário constitucional: a Lei do Estrangeiro 6.815 (1980), fora sancionada em 1980, em meio a um contexto de ditadura civil e militar no país. Dessa forma, ainda que os juristas devessem nortear sua interpretação da lei por meio dos princípios constitucionais que regem o país, alguns pontos da Lei do Estrangeiro ainda suscitavam dúvidas e outros dificultavam a garantia dos direitos dos estrangeiros no Brasil.

A partir dos anos 2000, em plena vigência de uma lei brasileira considerada defasada, que poderia colocar em risco a garantia de direitos dos estrangeiros no Brasil, observou-se em nosso país, a chegada de haitianos, senegaleses, ganeses e o aumento das solicitações de refúgio (Assis, 2018) – muitas destas também realizadas por refugiados sírios (Ministério da Justiça, 2018).

Diante desse cenário, diferentes organizações não-governamentais e representações de congregações religiosas criaram ações para a garantia dos direitos dessa população de imigrantes recém-chegados (Jardim, 2013). Além disso, em maio de 2014 realizou-se a 1ª Conferência Nacional sobre Migrações e Refúgio (COMIGRAR), na cidade de São Paulo. O objetivo da conferência era gerar reflexões para a integração da temática migratória às políticas públicas do Brasil. O evento, organizado pelo Ministério da Justiça, Ministério do Trabalho e Ministério das Relações Exteriores, reuniu migrantes, refugiados, profissionais envolvidos na temática migratória, estudiosos, servidores públicos e diversas representações da sociedade civil que vivenciam a realidade migratória. (Ministério da Justiça, 2014). Destaca-se que, na maior parte dos anos que compõem as primeiras duas décadas do século XXI – mais especificamente de 2003 a 2016 – o Brasil estava sob governo<sup>4</sup> de um grupo político que, na sua base de ação, deu grande enfoque às políticas sociais. Exemplo disso foi a criação do Sistema Único de Assistência Social, em 2005, que tinha o objetivo de prestar serviços que vão ao encontro da seguridade e da proteção social básica à população brasileira (Silva & Corgozinho, 2011). E foi nesse contexto, – em que as ações sociais ganhavam relevo – que a COMIGRAR se realizou.

---

<sup>4</sup> Governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003 a 2011) e de Dilma Rousseff (2011 a 2016).

Os anos seguintes foram de grandes conflitos políticos e econômicos no Brasil. O grupo político supracitado deixou o poder, e em decorrência disso foram suspensas as medidas de direitos sociais. Por conseguinte, registra-se também a tentativa de diminuição do acolhimento de imigrantes no Brasil. Exemplo disso é a interrupção, por parte do presidente Michel Temer, das negociações que o Brasil realizava com a União Europeia para o acolhimento de refugiados (BBC, 2016).

É neste contexto de instabilidade nacional que, em maio de 2017, o presidente assina a Nova Lei da Migração (Lei 13.445/2017), que entrou em vigor no país 180 dias após tal assinatura (Oliveira, 2017) em substituição ao Estatuto do Estrangeiro (1980). Ainda que aprovada com 20 vetos, a Lei promove importantes mudanças e avanços que propiciam maior proteção e garantia de direitos aos imigrantes (Assis, 2018; Oliveira, 2017), dois quesitos que muitas vezes poderiam ser causa de confusão entre o que previa o Estatuto do Estrangeiro (1980) e o que prevê a Constituição de 1988 (Oliveira, 2017).

Exemplo desses avanços é a retirada do caráter de ameaça à segurança nacional que o estrangeiro representava no antigo Estatuto do Estrangeiro (1980); com a Nova Lei, o estrangeiro adquire uma nova condição: passa a ser visto sob ótica dos direitos humanos. Nesse sentido, houve uma mudança do paradigma no tratamento do estrangeiro no Brasil, uma vez que ele passa a ser visto e nomeado como imigrante, como um sujeito de direitos (Assis, 2018). Outras mudanças presentes na Lei que merecem ser destacadas concernem ao princípio da não-discriminação, ao combate à homofobia e igualdade de gênero; à proteção dos apátridas; à previsão da existência de vistos por razões humanitárias; à facilitação da regularização dos documentos de imigrantes irregulares; e à garantia de participação política de imigrantes. Segundo Assis (2018):

apesar dos vetos, a nova Lei de Migração ainda é considerada uma conquista dos movimentos sociais, dos migrantes e de entidades da sociedade civil organizada por abolir o Estatuto do Estrangeiro e seu paradigma de ver todo e qualquer não-brasileiro como uma ameaça à soberania nacional [...]. A nova lei migratória procurou retirar o ranço autoritário das legislações anteriores, mas convive com as contradições e paradoxos de um país que tem um discurso de

acolhimento aos imigrantes, mas, ao mesmo tempo, continua tratando certos grupos de migrantes na categoria de indesejados e cria mecanismos que podem favorecer a migração qualificada produzindo seletividade migratória (pp. 620, 621 e 622).

No que se refere mais especificamente à questão do visto por motivos humanitários no Brasil, estes, antes mesmo de serem previstos e mencionados pela Nova Lei da Migração (2017), já eram uma prática no país. Desde de 2011, o país adota esta medida como meio legal afim de facilitar a entrada aos requerentes de asilo e refúgio (UNHCR, 2013). No caso específico dos refugiados sírios, o governo brasileiro aprova, em 2013, a Resolução Normativa n.17, que propiciou um rápido reconhecimento do status de refugiados e facilitou o processo de entrada no Brasil para “indivíduos afetados pelo conflito armado na República Árabe Síria que manifestem vontade de buscar refúgio no Brasil” (Resolução Normativa n.17, 2013). Tais vistos eram emitidos nos consulados do Brasil em 18 países, a maior parte deles vizinhos ou próximos da Síria (Godoy, 2014). Segundo Calegari e Baeninger (2014), alguns refugiados sírios que moravam na cidade de São Paulo afirmaram que o Brasil representava o único país que oferecia visto para sírios vítimas do conflito. Destaca-se que esta Resolução Normativa n.17 tinha validade de 2 anos inicialmente. Em 2015 ela foi renovada por mais 2 anos e, novamente, em 2017, por outros 2 anos (Rodrigues, Sala e Siqueira, 2017).

O Ministério da Justiça – por meio do Conselho Nacional de Refugiados (CONARE) criado em 1997 pela Lei do refúgio 9.474 (1997) – é o órgão responsável pelo consentimento das solicitações de refúgio. Esta lei determina os norteadores para a implementação do Estatuto do Refugiado no Brasil. Quanto aos indicadores quantitativos oficiais publicados pelo Ministério da Justiça, observa-se que, no período de 2010 a 2016, o número de solicitações de refúgio cresceu 2.868%, e o número de concessões de refúgio aumentou 127% (Ministério da Justiça, 2016). Já no que se refere ao último relatório divulgado por este órgão, em abril de 2018, o número de refugiados reconhecidos no Brasil era de 10.145 e o de solicitações de reconhecimento em trâmite de 86.007 mil (Ministério da Justiça, 2018). No que diz respeito às características dessa população de imigrantes refugiados reconhecidos, existem diferentes nacionalidades, e os



maiores grupos de refugiados são compostos por sírios (35%), congolese (RDC) (13%), colombianos (10%) e angolanos (8%). O sexo dos refugiados é predominantemente masculino (70%). A entrada dos refugiados sírios se explica principalmente pela criação da Resolução Normativa n.17 (2013), citada anteriormente (Godoy, 2014). Tal relatório do Ministério da Justiça (2018), apesar de recente, deixa muitas lacunas e dúvidas e traz menos riqueza de informações quando comparado a todos os outros divulgados nos anos precedentes.

O contexto brasileiro denota a necessidade da implicação da sociedade brasileira com o acolhimento e a integração dessas populações de modo a garantir a elas os direitos à saúde e bem-estar previstos na Declaração Universal dos Direitos Humanos, na Constituição de 88 do Brasil e mais recentemente na Lei de Migração (2017). Nessa perspectiva, é importante que se conheçam características culturais e históricas dos países de origem dos refugiados, para permitir-lhes uma melhor oferta de serviços com metodologias culturalmente competentes (Briggs, 2011; Dow, 2011), ou seja, serviços que prevejam intervenções pautadas na sensibilidade cultural.

### **3.2 ETNOPSQUIATRIA E CULTURA**

No que é possível se apoiar para pensar o encontro intercultural, sobretudo aquele encontro entre duas pessoas com origens culturais organizadas em torno de lógicas Ocidental e outra não-Ocidental? Como criar um encontro possível entre tais lógicas que sirva, de forma (co)construtivista, a compreender o mal-estar do outro e igualmente identificar com ele seus recursos disponíveis para tratamento? A Etnopsiquiatria é “antes de tudo uma maneira de pensar o sofrimento do outro e de estar em relação com ele” (p. 71. Pocreau, 2013). Nesse sentido, é muito difícil dissertar acerca da teoria da Etnopsiquiatria, proposta por Devereux, sem evocar considerações daqueles que a utilizam na sua dimensão metodológica e intervencionista, tal qual sustentada por Tobie Nathan.

A Etnopsiquiatria é uma disciplina que surge enquanto possibilidade de abordar teorias e processos terapêuticos referentes à saúde mental de populações oriundas de culturas não-ocidentais com o objetivo de oferecer um arcabouço teórico e prático que ajude a responder aos questionamentos supracitados (Pierzo & Legault, 2001).

Nessa perspectiva, a Etnopsiquiatria origina-se da seguinte questão: “Como essas sociedades não-ocidentais compreendem o adoecimento psíquico e fazem seu tratamento segundo suas concepções etiológicas e terapêuticas?” (Laplantine, 1988 *apud* Pierzo & Legault, 2001). Deste ponto de partida surgiu o principal postulado da Etnopsiquiatria – o da universalidade psíquica na singularidade da cultura – e a noção principal dessa disciplina – a do complementarismo entre o discurso da Antropologia e o da Psicanálise –, que, por conseguinte, levaram à necessidade de modificação das formas de pensar e de fazer relativas ao tratamento terapêutico (Moro, 1992). Dado que a maioria dos refugiados é oriunda de sociedades não-ocidentais, inclusive os refugiados sírios, população que concerne a esta pesquisa, a Etnopsiquiatria representa o fundamento em que a presente pesquisa se apoiou. Assim, visa-se apresentar o histórico dos princípios precursores que levaram Georges Devereux à síntese teórica e à criação da respectiva disciplina; busca ainda expor as considerações da experiência adquirida na aplicação da disciplina por meio da metodologia intervencionista proposta por Tobie Nathan (França) – e multiplicada por outros clínicos, com destaque para Marie-Roso Moro (França), Jean-Bernard Pocreau e Lucienne Martins-Borges (Québec, Canadá) (Lacompe, Jama & Legault, 2006).

A Etnopsiquiatria é uma disciplina que trata das exceções. Essa prerrogativa de ocupar-se de exceções surge no momento em que abordagens baseadas em lógicas ocidentais da psiquiatria foram insuficientes para construir uma hipótese que pudesse explicar mal-estar que sofriam os imigrantes, como expressavam tal sofrimento e como poderiam, por intervenção terapêutica, acessar novamente seus elementos culturais como recursos para o tratamento. A partir desse momento desenvolve-se a noção da posição de aprendizagem da Etnopsiquiatria. E, para preencher a lacuna que a lógica ocidental da psiquiatria deixou, surge a noção da posição de aprendizagem da Etnopsiquiatria. Aquele que vai tratar assume que não tem o conhecimento necessário para ajudar e se coloca na posição de aprendizagem: vai junto com o outro, nesse encontro intercultural, construir uma hipótese coerente culturalmente, uma hipótese que ajude a acolher o sofrimento. Fazendo referência a Mauss (1936), etnólogo francês responsável pela fundação do Instituto de Etnologia e realizador de pesquisas em torno de temáticas como a relação entre a religião e o sagrado, Nathan (1993) alude a Etnopsiquiatria como o desconhecido que se encontra na fronteira das ciências. Tal afirmação, paralela ao discurso científico enquanto algo ocidental, constitui, por si só, um

importante obstáculo epistemológico para a Etnopsiquiatria (Nathan, 1986), que ocupa o lugar de aprendiz.

Para compreender os elementos utilizados por Devereux para a síntese da sua teoria baseada no complementarismo, cabe rever alguns nomes que marcaram a história, a começar por Freud. O diálogo entre Antropologia e Psicanálise inicia-se quando da publicação de *Totem e Tabu* (1912/1913), texto por meio do qual Freud pretendia apontar para a universalidade do conceito de complexo de Édipo pela descrição dos significados de totem e tabu em culturas da “psicologia dos povos”. Dessa forma, Freud defende nesse texto a premissa de que, assim como ocorre nas sociedades ocidentais, as organizações nas sociedades “primitivas” também se davam pela proibição implícita do incesto e do assassinato do pai. Para tanto, ele descreve os modos como isso ocorria nesses grupos culturais, baseando-se, para criar suas hipóteses teóricas, numa compreensão filogenética darwinista e nos elementos culturais oferecidos por tais sociedades “primitivas” (Patrick, 1998; Rudinesco & Plon, 1998). Em críticas à proposta de diálogo entre a Psicanálise e a Antropologia teorizada por Freud em *Totem e Tabu*, o antropólogo inglês Malinowski (1884-1942) defendia a ideia de que uma produção científica somente pode ser reconhecida quando se utiliza um método baseado em fatos que podem ser observados diretamente pelo pesquisador e que podem ser descritos de modo exato (Rudinesco e Plon, 1998). Dado que Freud não teve acesso direito aqui, por observação, às culturas utilizadas para a sustentação de sua teoria, Malinowski sustentava sua discordância de que existia um complexo de Édipo universal, comum a todas as culturas, uma vez que a diversificação das funções desempenhadas pelos indivíduos pertencentes aos grupos das sociedades primitivas não correspondia às configurações socioculturais europeias já observáveis (Patrick, 1998).

Com o objetivo de responder às críticas feitas por Malinowski e de reunir elementos que sustentassem a teoria da universalidade do complexo de Édipo, alguns teóricos da psicanálise – Freud, Ferenczi, Wilma Kovacs e Marie Bonaparte – propõem que alguém com formação em Psicanálise e Antropologia (Etnopsicanálise) vá a campo fazer coleta de dados por observação direta e, com as informações colhidas, elabore um estudo do que observou, uma vez que, dada a sua formação, poderia ser a pessoa mais competente para um diálogo entre as disciplinas. Nesse contexto, Geza Roheim (1891-1953) lança-se em viagem exploratória em 1928. Roheim nasceu em 1891, em Budapeste; descendente de judeus, era filho único de uma família de comerciantes

húngaros. Desde pequeno era muito curioso por obras literárias. Aos 12 anos, tinha uma conta aberta em uma das mais importantes livrarias de Budapeste, e, aos 19 anos, apresentou seu primeiro trabalho, sobre a mitologia da lua, para a Sociedade Etnográfica húngara. Escreveu trabalhos sobre o folclore húngaro e era considerado bastante ligado às expressões pela arte que envolviam sua cultura de origem (Rudinesco e Plon, 1998). Com passagem por Áden (Yêmen) e Djibouti (Nordeste da África), ele permaneceu durante nove meses em uma tribo da ilha de Normanby. Utilizando elementos obtidos em sua experiência de campo, Roheim elabora uma teoria segundo a qual cada cultura tem seu trauma infantil específico. Nesse sentido, Roheim afirma que “se fosse possível ter um conhecimento psicanalítico aprofundado de todas as culturas, o que existiria de semelhante entre elas é uma situação infantil específica, de angústia infantil ou tendência libidinal que delimita uma função determinada em cada cultura” (tradução livre. Roheim, 1943 *apud* Patrick, 1998).

Pela noção de trauma infantil singular a cada cultura, Roheim sustentava a premissa de que não há discurso absoluto que corresponda à leitura única do normal e do patológico, uma vez que cada sociedade tem um sofrimento que é próprio dela (Patrick, 1998). A teoria da universalidade do trauma infantil, que ocorre na singularidade de cada cultura, tornou-se, mais tarde, essencial para a constituição da Etnopsiquiatria, visto que a disciplina utiliza a cultura como ponto de apoio para a compreensão da constituição do sujeito e, por conseguinte, para a compreensão de seu sofrimento psíquico (Pocreau & Martins-Borges, 2013).

Posterior a Roheim, Georges Devereux (1908-1985), ou Gyorgy Dobo – seu nome de nascença –, distingue-se na história como quem unificou a teoria elaborada por psicanalistas, antropólogos e etnopsicanalistas que o precederam e a sua experiência clínica como psicanalista e antropólogo, tornando-se o fundador da Etnopsiquiatria. Nascido no território atualmente reconhecido como a Romênia, Devereux, judeu, imigrante, era filho de mãe alemã e pai húngaro. Em 1947, no contexto de pós-guerra no território dos Estados Unidos, Devereux tem seu primeiro e único paciente, Jimmy Picard, um índio americano; com ele, coloca em prática a posição daquele que não sabe, daquele que vai apreender o mundo do outro e com ele compreender os significados e a função de diferentes elementos culturais. Essa experiência e suas considerações sobre ela são base para o que mais tarde ele denomina de Etnopsiquiatria. Destaca-se que nessa época os

especialistas norte-americanos tinham grande reconhecimento graças aos tratamentos que ministravam aos soldados que retornavam ao país com sintomas pós-traumáticos. Devereux foi enviado ao encontro de Jimmy Picard devido à ineficácia dos tratamentos até então ofertados a este paciente (Nathan, 2014). Devereux estudou em Paris com Mauss; realizou seu doutorado em Antropologia nos Estados Unidos, em 1961, quando pesquisou sobre os Mohave, povos nativos americanos (Rudinesco e Plon, 1998) e “demonstrou que as teorias e as práticas referentes à angústia e os adoecimentos próprios aos universos culturais não-ocidentais são sensatas, coerentes, lógicas e eficazes” (p.47, Grandsard, 2009). Em 1963, já de regresso à França, Devereux, a convite de Claude Lévi-Strauss – em quem Devereux também se baseou para referenciar as pesquisas antropológicas que remetem à eficácia de tratamentos em culturas não-ocidentais (Moro, 1992) –, começa a lecionar na École Pratique des Hautes Études e, em 1970, funda a Etnopsiquiatria.

Salienta-se, no entanto, que o nome Etnopsiquiatria não foi criado por Devereux, mas tomado emprestado de Louis Mars, psiquiatra haitiano. A escolha de Devereux no emprego dessa expressão deve-se ao fato do termo Etnopsiquiatria referir-se à eficácia das terapias tradicionais (ou seja, não-ocidentais) tanto quanto à eficácia – já reconhecida – das terapias ocidentais. Assim, o uso do termo corresponde à tentativa de uma geopolítica da psicopatologia, visto que os saberes não-ocidentais eram igualmente considerados um saber, um conhecimento, independentemente dos critérios científicos ocidentais que pejorativamente os classificavam como “crenças”. Esses saberes tradicionais que são conhecidos por pessoas que pertencem às próprias culturas tradicionais/não-ocidentais: ocupando um lugar de cuidado no grupo cultural, essas pessoas dominam diferentes técnicas de tratamento – as quais podem ser ensinadas e mesmo teorizadas, experimentadas, adaptadas e utilizadas (Nathan, 2005).

Sucessor de Devereux e responsável pela criação da metodologia de intervenção da Etnopsiquiatria, Nathan propõe realizar em 1979, no Hospital Avicenne (Bobygny), França, seu primeiro atendimento em Etnopsiquiatria. A principal diferença entre a clínica psicanalítica tradicional e a Etnopsiquiatria é o lugar que esta concede à cultura e à diferença cultural enquanto base teórico-metodológica. Se a cultura constitui uma parte do sujeito de “ser/estar no mundo” (Nathan, 1993), é indispensável a recorrência a ela para a compreensão da expressão do sofrimento psíquico (Ferradji, 2010). O ponto essencial da

Etnopsiquiatria é que não existe homem sem cultura. Em uma metáfora, Nathan (1993) afirma que o homem, assim como possui um fígado, possui uma cultura. Nesse sentido, a Etnopsiquiatria propõe-se a estabelecer as ligações entre o psiquismo e a cultura por meio do argumento de que esta possui papel essencial na constituição do sujeito (Moro, 2001). Há uma equivalência entre ter cultura e ser dotado de psiquismo (Nathan, 1993). Assim, a teoria da Etnopsiquiatria é toda baseada no postulado da universalidade psíquica do sujeito, que se dá na singularidade da cultura de origem (Laplantine, 1998).

Nathan (1986) sustenta que a cultura se utiliza dos mesmos elementos, processos e mecanismos de defesa que o psiquismo; assim, cultura e psiquismo funcionam em dupla, como organizações a que, por meio do conhecimento etnológico e psicológico, se pode ter acesso. Ao encontro disso, “o aparelho psíquico funciona enquanto máquina criadora de ligações, autorregulando-se sobre outra máquina similar, mas de origem externa: a cultura” (Nathan, 1993, p. 299. Tradução livre); ele atua nos mesmos processos e utiliza-se dos mesmos recursos dos mecanismos de defesa que a cultura faz uso. Dessa forma, fica explícita a justificativa da necessidade de se recorrer ao discurso antropológico e psicanalítico para a compreensão do humano enquanto ser partícipe de uma cultura. Esta é a noção do complementarismo da Etnopsiquiatria.

Para esta exposição, pode-se definir cultura como um sistema composto por diferentes elementos que fornecem ao sujeito indicações de como agir e pensar de forma coerente (Moro, 2015). Metaforicamente, é possível relacionar a cultural como uma bússola que orienta o sujeito no curso de sua vida. Ela é composta por elementos significativos, que, dotados de propriedades e de funções – e estruturados de forma dinâmica e autorregulada –, possibilitam a relação de sentido às vivências e eventos da vida (Moro, 2001). Assim, os elementos culturais referem-se, por exemplo, aos valores; às práticas; aos hábitos; às formas de composição familiar; às formas como se organizam e do que são feitos os rituais – de passagem, de alimentação (refeição, de preparo); à lógica de funcionamento e organização de uma sociedade (hierarquias, funções sociais); às formas de composição familiar, etc. Referem-se, ainda, os objetos terapêuticos, como orações, cantos, plantas (Nathan, 1998). Enfim, a cultura, que consiste num conjunto de símbolos que permite ao bebê humanizar-se, representa uma ponte entre o sujeito e o seu ambiente, entre o mundo interno e o mundo externo, proporcionando possibilidades de ser e de fazer, possibilidades

de cuidado e de transmissão social por meio dos significados. (Guerraoui, 2011; Martins-Borges & Pocreau, 2009; Moro, 2001).

Se a cultura significa esse conjunto de produções humanas, compartilhado e transmitido pelas relações, infere-se que ela é implícita e pré-existente à chegada de novos membros um grupo cultural. Relativamente à constituição psíquica, a cultura expressa-se nas significações dos pais em relação ao bebê antes mesmo da chegada deste ao mundo. Assim, ela é transmitida pelos primeiros investimentos afetivos, pelos primeiros vínculos estabelecidos, estruturando o funcionamento psíquico. A cultura proporciona aos membros de um grupo continência e proteção frente ao real, como se fosse um envelope (Pocreau, 2016; Martins-Borges & Pocreau, 2009). Nesse sentido, destaca Grandsard (2009), sobre a teoria de Nathan, “este envelope é indispensável para a construção e o equilíbrio psíquico dos indivíduos [...], e consiste em um conjunto de códigos e de práticas que permitem que o mundo seja compreensível para o sujeito e mesmo previsível, de modo a proteger os humanos da perplexidade e do medo” (p. 47). Desse modo, pela compreensão da função da cultura e da sua intrínseca relação com o psiquismo, é possível deduzir que a imigração pode levar à ruptura desse envelope cultural protetor (Grandsard, 2009).

### **3.3 IMPACTOS PSICOLÓGICOS DA IMIGRAÇÃO INVOLUNTÁRIA**

Na compreensão da Etnopsiquiatria, a articulação entre a cultura e o psiquismo é dinâmica e permanente. A cultura serve de base para o funcionamento psíquico; ela possibilita a mediação entre o real e o mundo interno, permitindo ao sujeito dar sentido a esse real e, assim, suportar o mundo que lhe é externo (Martins-Borges e Pocreau, 2009). O deslocamento gerado pelo processo migratório retira o sujeito de seu contexto cultural, e pode levá-lo a um estado de vulnerabilidade psíquica, uma vez que o equilíbrio dessa correspondência entre o real e o mundo interno é alterado pela perda do quadro cultural de referência. Se antes, no contexto cultural de origem, existia uma correspondência de sentido na decodificação dos significados do comportamento, no deslocamento migratório essa correspondência pode ser rompida e as formas de defesa, por exemplo, fornecidas pela cultura, tornam-se, naturalmente, ineficazes. A não-correspondência seria um resultado das diferenças encontradas no novo contexto cultural, em que o local, as pessoas, as lógicas de organização social modificaram-se

significativamente. Inserem-se no dia a dia do migrante muitos confrontos nesse novo contexto de diferentes referências do seu mundo cultural de origem (Lussi & Marinuci, 2007). Ele passa por um processo de descobrimento de uma sociedade cujas pessoas são de uma cultura que lhe era desconhecido, antes de ali chegar. Na imigração involuntária – e, como visto, o refúgio entra nessa categoria –, isso se acentua mais ainda em razão do caráter forçado do deslocamento e das vivências traumáticas pelas quais passam aqueles que deixam seu país involuntariamente. A continuidade e a coesão encontram-se partidas, o que dificulta a esse sujeito de se reconhecer em si mesmo (Martins-Borges, 2013).

Nesse sentido, objetiva-se apresentar brevemente, com base em consulta ao que está fundamentado na produção do conhecimento científico já sistematizado, as formas como o sofrimento psíquico decorrente do refúgio se expressam, bem como explorar o modo como variáveis do processo migratório podem se caracterizar como fatores de risco ou de proteção. Esses dados são discutidos com base em estudos recentes sobre os impactos psicológicos produzidos especificamente em refugiados oriundos da guerra da Síria.

Os estudos específicos dos impactos psicológicos em refugiados sírios foram acessados por meio das bases de dados Web of sciences, PsycINFO, BVS-Psi, Érudit, Cair.Info. O limite temporal utilizado foi de janeiro de 2012 a dezembro de 2017, tendo em vista o início do conflito em 2011. Os indexadores utilizados na Web of Sciences e PsycINFO foram os seguintes: “psychological distress” AND syrian refugees, “mental disorders” AND syrian refugees e “mental health” AND syrian refugees. Na Érudit foi utilizado “réfugiés syriens” e no Cairm.Info foi utilizado “Réfugiés de Syrie”. No BVS-Psi, diante da inexistência de resultados, utilizou-se somente o indexador “syrian refugees”, quando foi localizado somente 1 estudo.

O foco deste levantamento foi a especificidade da expressão do sofrimento psicológico na população de refugiados sírios vítima da guerra. Dado o foco na população adulta, todos os estudos envolvendo crianças e adolescentes foram excluídos. Outros estudos foram excluídos por trabalharem com populações árabes em geral, por trabalharem com populações de refugiados sem discernimento quanto à origem dos participantes ou por aparecerem em bases distintas. Estudos com o enfoque no tipo de serviços prestados por organizações humanitárias a deslocados internos ou a refugiados em campos de refugiados também foram descartados, uma vez que abordavam



questões voltadas a procedimentos médicos, como vacinas e medidas de urgência diante de pessoas com feridas físicas da guerra. Assim, muitos artigos eram excluídos sem terem sido lidos, pois a leitura prévia dos resumos já apontava um conteúdo que não tratava do ponto central da pesquisa. Inicialmente encontrou-se um total de 54 estudos na Web of Sciences e 41 na PsyINFO. Alguns estudos não estavam disponíveis. Após a filtragem – e a leitura integral de alguns textos – foram selecionados 16 estudos.

Os estudos que previam uma coleta de dados envolvendo um número de participantes ocorreram principalmente nos países vizinhos à Síria – Egito, Jordânia, Turquia, Líbano e Iraque. Também se constatou estudos com refugiados sírios no Canadá, na Noruega e na Suécia. Com exceção dos estudos que se propunham apenas a uma revisão da literatura, todos os outros utilizaram instrumentos de medida como meio de acesso ao estado de saúde mental dos participantes. Com relação ao emprego desse recurso, Hassan et al (2016b *apud* Wells et al 2015) afirmam que é preciso ter cautela na interpretação dos dados colhidos, pois muitos desses instrumentos não avaliam, não acessam, a expressão do sofrimento psíquico codificada culturalmente. E, como a cultura consiste em uma parte do sujeito de “ser/estar no mundo” (Nathan, 1993), conforme já abordado anteriormente, é naturalmente lógico utilizá-la para a compreensão da expressão do sofrimento psíquico (Ferradji, 2010)

No que se refere ao processo migratório, estudiosos diferenciam os estressores que influenciam as diferentes etapas da movimentação – a etapa da pré-migração, a do deslocamento e a da chegada ao país de destino –, e são unânimes em afirmar que o processo pode representar um desencadeador de sofrimento e trazer impactos à saúde e ao bem-estar individual e comunitário, principalmente nos casos de deslocamento forçado (Alemi, James, Siddiq & Montgomery, 2015; Briggs, 2011; Dow, 2011; Martins-Borges e Pocreau, 2013; Molsa, Punamäki, Saarni, Tiilikainen & Honkasalo, 2014;).

Desse modo, os estudos concentrados nos refugiados sírios também abordam com destaque a prevalência de impactos psicológicos por conta da imigração forçada (Ahmed, Bowen & Xin Feng, 2017; Ibraheem & Aljakou, 2017; Hassan, Ventevogel, Jefee-Bahloul, Barkil-Oteo & Kirmayer, 2016a; Kira, Shuwiekh & Rice, 2017; Tinghög Malm, Arwidson, Sigvardsdotter, Lundin & Sabooche, 2017; Weinstein, Legate & Khabbaz, 2016; Wells et al, 2017). A Organização Mundial de Saúde, por meio de um relatório com dados de refugiados sírios vivendo

no Egito, divulgou que correm um risco significativamente maior de ter problemas de saúde mental quando comparados com a população egípcia. O estudo relaciona essa maior probabilidade com variáveis como desemprego – e consecutivas dificuldades financeiras; experiências de discriminação; violações de direitos e recente contato com os conflitos da guerra (OMS, 2015).

Durante a etapa pré-migratória, muitas pessoas são expostas a diferentes tipos de violência extrema que podem se constituir em eventos traumáticos. Em pesquisa que comparava populações de refugiados com populações de nativos, Molsa et al (2014) encontraram níveis de sofrimento psíquico elevados e piora no estado de saúde e na qualidade de vida subjetiva da população de refugiados. Essas observações foram relacionadas aos eventos traumáticos vivenciados no passado, principalmente durante a etapa pré-migratória, quando muitos tiveram as vidas ameaçadas e testemunharam mortes e combates militares. Assim, ainda que as condições no país de acolhimento sejam diferentes das condições anteriores do país em que vivia – como a situação da segurança: há países de acolhimento que são considerados os mais seguros do mundo –, as lembranças das experiências traumáticas exercem um efeito no psiquismo e geram sofrimento (Molsa et al, 2014). No estudo de Kira et al (2017) com 196 refugiados sírios residentes no Cairo (Egito), os autores constataram que 21,9% haviam sido presos e torturados, 17,9% haviam sofrido lesões durante a tortura e 20,9% haviam sofrido lesões devido à guerra. Além disso, dos 196 participantes, 89,8% haviam sido testemunhas de graves violências (Kira et al, 2017). Essa realidade também foi revelada por pesquisas envolvendo os deslocados internos na Síria, que sofreram inúmeras violações: massacres, assassinatos, execução, tortura, tomada de reféns, desaparecimento forçado, estupro e violência sexual, etc. (Hassan et al, 2016b).

O deslocamento do país de origem para o país de destino muitas vezes consiste num processo longo, e os refugiados permanecem em campos, em acampamentos de órgãos de ajuda humanitária internacional, até o momento de partir para o país de acolhimento. Esse período pode durar anos, como nos casos de alguns refugiados da África Central, que ficaram muito tempo em campos vizinhos aos seus países de origem. Com relação aos refugiados sírios, muitos deles são deslocados internos e outros se encontram em campos de refugiados na Turquia, no Líbano, na Jordânia e no Iraque (United Nations, 2016). Assim, os múltiplos deslocamentos – tanto os internos quanto os

externos – se apresentam como uma realidade frequente na guerra da Síria (Ahmed et al, 2017). Eles se explicam primeiramente pela não cessão do fim do conflito e também pelo fato de algumas regiões, antes consideradas seguras, terem, após o início da guerra, se tornado áreas perigosas (Hassan et al, 2016b). Esse período do deslocamento exige uma reorganização familiar e comunitária, e muitas vezes os membros da família precisam redefinir suas funções dentro do grupo. O sofrimento de perdas, não só pela morte ou pela separação de pessoas que estão desaparecidas, mas também pelo afastamento do lar, da cidade, do país – de todo um contexto, enfim, que antes lhes permitia segurança – pode ser acentuado durante esse período de incertezas (Dow, 2011; Hassan et al, 2016b). Além disso, em muitos casos a própria condição física dos campos é de bastante precariedade. No estudo de Kazour et al (2017), realizado em 6 campos da região central de Bekaa (Líbano), onde viviam 452 refugiados sírios, foi constatado um ambiente com condições de vida extremamente difíceis, como superlotação, instalações sanitárias precárias, tendas pouco resistentes.

Além de todas as perdas acumuladas nas primeiras etapas do processo de deslocamento, os refugiados, ao chegarem ao país de destino, deparam-se com um contexto cultural diferente daquele do país de origem. A cultura enquanto conjunto de símbolos atua como ponte na relação do sujeito com o ambiente, entre o mundo interno e o mundo externo, de modo a proporcionar a esse sujeito possibilidades de ser e de fazer, possibilidades de cuidado e de transmissão social por meio dos significados (Martins-Borges & Pocreau, 2009). Estudos observaram que o sofrimento psíquico pode ser mais acentuado quando a diferença entre a cultura da região de origem do migrante e a cultura da região que o recebe é muito acentuada (Molsa et al, 2014), como nos casos de refugiados oriundos de países não-ocidentais que chegam aos países ocidentais (Briggs, 2011). Segundo Dow (2011), o grau de estresse psicológico é mais acentuado nos primeiros dois anos de estada no país de destino. Os estressores que podem estar relacionados aos impactos psicológicos muitas vezes se relacionam à ausência de suporte familiar e social; à necessidade de aprendizagem de um novo idioma; à necessidade de equivalência de diplomas para poder exercer a profissão; à reorganização dos papéis familiares; à necessidade de compreensão de como se tem acesso aos serviços, além da própria compreensão do que são os serviços (Briggs, 2011). Nesse sentido, Smeekes et al (2017) realizaram um estudo sobre refugiados sírios na Turquia em que discutem a importância da participação dos refugiados em grupos para o

fortalecimento da continuidade identitária. Os autores afirmam que pertencer a muitos grupos pode propiciar uma maior chance de continuidade nesses grupos depois da imigração. Além disso, também indicam que os resultados do estudo demonstram que a possibilidade de manutenção da continuidade da identidade social – pelos grupos, por exemplo – pode ser um elemento importante para a saúde mental e o bem-estar dos refugiados.

Estudos identificaram alguns sintomas comumente observados em refugiados, como os sintomas de somatização, de depressão, de ansiedade e de estresse pós-traumático. Esses sintomas foram nomeados por isolamento, frustração, sensação de solidão, sentimento de culpa, sentimento de impotência, dor no corpo, revivência de emoções ligadas às experiências traumáticas, presença de pensamentos intrusivos, pouca perspectiva para o futuro (Alemi et al, 2014; Briggs, 2011; Dow, 2011; Jibrin, 2017; Martins-Borges, 2017; Molsa et al, 2014; Weinstein, Khabbaz & Legate, 2016). Nos estudos específicos a respeito de refugiados sírios foi observada uma sintomatologia parecida (Ghumman et al, 2016), com destaque para a grande número de estudos que investigavam a prevalência de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT). Nesses estudos, os autores perceberam altas taxas de sintomas de TEPT: 33,5% entre 196 refugiados sírios no Egito (Kira et al, 2017); um terço dos 756 sírios na Jordânia (Gammouh et al, 2015); 33,5% dos 352 sírios na Turquia (Alpak et al, 2015); 35,4% dos 452 sírios no Líbano (Kazour et al, 2017); entre 35% e 39% dos 91 refugiados sírios curdos vivendo no Iraque (Ibrahim & Hassan, 2017). Também foram constatadas altas taxas de sintomas de depressão: 43,9% dos 310 refugiados sírios no Líbano (Naja et al, 2016); 30% dos 196 refugiados sírios no Egito (Kira et al, 2017); um terço dos 756 sírios na Jordânia (Gammouh et al, 2015); 40,2% dos 1215 refugiados sírios reassentados na Suécia (Tinghog et al, 2017); mais da metade das 12 refugiadas sírias no Canadá (Ahmed et al, 2017). E, ainda, foi demonstrada presença de sintomas de transtornos de ansiedade: 31,8% dos 1215 sírios reassentados na Suécia (Tinghog et al, 2017); metade das 12 refugiadas sírias reassentadas no Canadá (Ahmed et al, 2017). Ao encontro disso, Hassan et al (2016b) afirmam que a sintomatologia prevalente e clinicamente significativa observada nos estudos sobre populações de refugiados sírios constitui-se de sinais e sintomas relacionados à depressão, a distúrbio do luto prolongado, a transtorno de estresse pós-traumático e a diferentes formas de transtornos de ansiedade.

Alguns indícios aparecem relacionados às sintomatologias supracitadas e, quando associados aos elementos singulares de cada um, podem se configurar fatores de risco ou de proteção para a saúde mental de refugiados. Inicialmente, o fato de ser um imigrante involuntário caracteriza-se por si só em um fator de risco (Lussi & Marinuci, 2007; Martins-Borges, 2013). O conhecimento da língua da sociedade de destino é um fator importante – com potencial de risco ou de proteção –, uma vez que seu domínio do idioma do país de acolhimento pode representar um potente recurso para evitar mal-entendidos e está associado à qualidade de vida (Dow, 2011). Entretanto, cabe ressaltar que seu domínio da língua do país onde o refugiado se estabelece engloba não somente a compreensão verbal, mas também o uso do idioma e dos elementos não-verbais implícitos na comunicação (Molsa et al, 2014). A percepção e/ou o sentimento de discriminação da sociedade em relação ao refugiado, assim como a concepção de estereótipos, – o racismo –, também são elementos que podem constituir risco à saúde (Dow, 2011).

A baixa renda, o desemprego ou os subempregos são condições que podem afetar a saúde mental de refugiados (Alemi et al, 2015; Molsa et al, 2014), e estão correlacionadas aos sintomas de depressão e ansiedade (Dow et al, 2011). Nas pesquisas com refugiados sírios, os autores elencam alguns elementos que podem ser compreendidos como fatores de risco à saúde mental. Hassan et al (2016b) enumera três condições que foram percebidas na sua revisão da literatura acerca dos refugiados sírios: o agravamento de transtornos mentais preexistentes; a existência de problemas causados pelos conflitos relacionados à exposição à violência e ao deslocamento; a existência de difíceis elementos de adaptação relacionados ao contexto pós-emergência, às condições de vida nos países de refúgio. De forma mais detalhada, outros atores apontam como fatores de risco barreiras por conta do idioma, dificuldades financeiras, carência em recursos e serviços de necessidades básicas, dificuldade de acesso aos serviços, risco de violência, violações, exploração, discriminação, exposição direta e indireta ao conflito que atinge sua nação (Ahmed et al, 2017; Kira et al, 2017). Todas essas situações aflitivas podem levar ao isolamento social, ao sentimento de impotência e de incapacidade de planejar o futuro (Care Jordan, 2012).

Estudos com populações de refugiados em geral, sem distinção de origem cultural, apontam diferenças, quanto ao grau de sofrimento psíquico, referentes ao sexo dos participantes. Isso foi observado, por

exemplo, no estudo de Molsa et al (2014), que afirma que, dentre imigrantes originários da África e da Ásia, as mulheres estão mais propensas do que os homens a sintomas de depressão, de ansiedade, de somatização e de estresse pós-traumático. A hipótese dos autores está ligada à reorganização comunitária, na qual as mulheres se encontram mais voltadas ao lar enquanto que os homens estão mais relacionados com a sociedade de acolhimento e tendem a expressar seu sofrimento por adições ou agressividade. Além disso, a etapa do ciclo do desenvolvimento também aparece como um indício de risco ou proteção à saúde mental (Alemi et al 2015; Molsa et al, 2014). Esta diferença quanto ao sexo, no entanto, não foi mencionada nos estudos com populações de refugiados sírios e, em um estudo em específico (Ibrahim & Hassan, 2017), foi mesmo constatada a falta de diferenciação quanto ao sexo, relativamente ao maior ou menor número de sintomas. Uma explicação para essa constatação pode estar ligada ao fato de que muitas dessas pesquisas foram realizadas ainda durante o período de deslocamento dos refugiados e não durante a etapa pós-migratória, quando, por exemplo, da chegada ao destino e da integração à sociedade de acolhimento.

As mudanças na família por conta do processo migratório – como o afastamento (a distância) dos parentes, a perda ou o desaparecimento de familiares, bem como a necessidade de reorganização das funções de cada membro do grupo familiar – caracterizam um importante elemento que se reflete nas condições de saúde e bem-estar (Dow, 2011). A ruptura desses laços significativos fragiliza a identidade (Martins-Borges, 2017). Ao encontro disso, o apoio da rede social tem uma função de proteção aos seus componentes e evita o isolamento social e o sentimento de solidão. A religião é um recurso que, quando efetivo, cumpre importante função de suporte. Num estudo que realizaram em 2014, Molsa et al (2014), afirmam que religiões como o islamismo oferecem um modelo de explicação às adversidades e dificuldades da vida ao mundo espiritual, o que protege muitas vezes seus seguidores dos sentimentos de culpa e autoacusação, muito comuns em outros modelos de religião, como o cristianismo protestante. Nesse sentido, a pesquisa de Ahmed et al (2017), de que fizeram parte 12 refugiadas sírias no Canadá, demonstrou que a oração e a leitura do Alcorão foram mencionadas por todas as participantes como elementos de proteção, de força e apoio.

O papel de acolhimento da sociedade de destino é outro fator essencial para se pensar a integração e a saúde mental de refugiados. O

vínculo com pessoas dessa sociedade pode representar um importante fator de proteção, propiciando ao imigrante apoio e também acesso aos serviços. Desse modo, é função do país de acolhimento requerer a implicação de seus habitantes, sobretudo dos profissionais que trabalham diretamente com esse público. O conhecimento da cultura de origem dos refugiados proporciona um importante recurso para a avaliação da saúde mental e para o êxito na ajuda a essas pessoas. A falta desse laço configura-se, em alguns casos, como um risco à saúde mental do refugiado (Dow, 2011). Hassan et al (2016a) enfatizam a importância de intervenções que apóiem diferentes modelos explicativos – tanto do profissional quanto do paciente – a respeito do sofrimento psíquico dos sujeitos e levem em conta o fortalecimento de mecanismos de proteção que envolvam recursos das redes religiosa, comunitária, familiar e individual. Nesse sentido, um modelo de dispositivo clínico baseado na Etnopsiquiatria – em que se privilegiam os elementos culturais para a compreensão acerca do sofrimento psíquico apresentado pelos pacientes e em que esses elementos são evocados e têm função de desencadeadores de elaboração – é coerente com as características necessárias nas intervenções com refugiados elencados no estudo de Hassan et al (2016a).

### **3.4. A SÍRIA – سوريا**

A República Árabe da Síria, cuja capital é Damasco, localiza-se no berço da civilização, em um território cujos registros históricos remontam à Antiguidade (4.000 a.C. a 3.500 a.C.). Essa região, que representa uma parte do que já constituiu os Impérios Persa, Macedônico, Romano, Árabe e Turco-Otomano, atualmente pertence ao continente asiático – o país situa-se mais precisamente no Oriente Médio, onde nasceram as três grandes religiões: o Islamismo, o Cristianismo e o Judaísmo. A Síria faz fronteira com o Líbano, a Turquia, o Iraque, a Jordânia e Israel, além de limitar a oeste com o Mar Mediterrâneo, o que a qualifica como um privilegiado canal de passagem para a Europa. Essa localização, considerada privilegiada desde a época das civilizações egípcia e persa, fez do território sírio um cenário de muitos conflitos entre nações, que disputavam a posse da região. A área total do que se reconhece, legitimamente, como território sírio – composto em grande parte por deserto – é aproximadamente do

tamanho do estado do Paraná (Brasil).

Até antes do início da guerra civil, conflito que vem enfrentando desde 2011, a Síria tinha cerca de 22 milhões de habitantes. A economia do país movimenta-se graças, principalmente, ao gás natural e ao petróleo. Também contribuem para o desenvolvimento econômico da nação o cultivo do algodão – e, ainda, o plantio de vários produtos cuja cultura de reflete nos hábitos alimentares da população: os sírios consomem muito azeitonas, vegetais, frutas e legumes.

A população da Síria, de grande maioria árabe, traz elementos culturais singulares, que podem ser constatados em suas composições comunitárias e familiares; em seus rituais de preparo e de consumo de comida, que compreendem a transmissão de sua gastronomia tipicamente mediterrânea, de alimentos bem temperados; em sua língua materna, o árabe, idioma oficial, mas também na língua curda, no armênio, no turco, no aramaico – este, conhecido como a língua utilizada antes da acessão do idioma árabe na região. Observam-se, pois, propriedades culturais que regem o funcionamento social do país apoiadas numa lógica comunitária, numa lógica em que predomina o sentimento de comunidade; nessa organização, homens e mulheres têm funções sociais bem definidas, tanto no meio familiar quanto no meio externo ao ambiente familiar. Ainda em relação às tradições, faz-se mister mencionar o importante lugar que a religião ocupa na cultura síria. A população é predominantemente islâmica: 80% são muçulmanos (a maioria Sunita e poucos Xiitas), e os 20% restantes da população dividem-se entre cristãos ortodoxos, curdos e drusos.

Tendo em vista que o sofrimento psíquico e a expressão psíquica são codificados culturalmente, cabe destacar algumas explicações que os sírios, de acordo com as tradições de sua cultura, encontram para o sofrimento – e as possibilidades de ajuda a que eles recorrem para abrandar tal sofrimento. Essas explicações partem de concepções que têm sobre si mesmos e das funções que assumem no grupo e no mundo – funções essas que são transmitidas pela cultura. Para o Islã, a compreensão de corpo e de alma é baseada na constante inter-relação entre estes. (Mekki- Berrada, 2010); assim, os sintomas somáticos são indissociáveis do sofrimento psíquico. Recorrentemente, assim como outras populações com origens árabes, muitos os sírios utilizam metáforas – e também provérbios – que contemplam uma explicação que se sustenta na noção implícita da associação direta entre o corpo e a alma para se referirem a problemas de ordem emocional e relacional. Além disso, cumpre salientar o fato de que compreendem o sofrimento



como parte da vida, como componente da experiência humana (Mekki-Berrada, 2010).

A força de Deus e o destino são inseparáveis da noção de que o ser humano é frágil, e adversidades como adoecimento e perdas podem ser compreendidas como oportunidades para o ser humano se tornar mais forte, sem que a essas adversidades seja atribuída necessariamente uma conotação de punição. A crença na vida eterna após a morte – e o entendimento da experiência humana como uma passagem de transição necessária – constitui outro importante traço da cultura síria. No que se refere especificamente à saúde mental, os serviços de saúde ocupam um local pequeno enquanto recurso de ajuda e de cura, principalmente nas zonas rurais (Hassan, Kirmayer & Ventevogel, 2016a).

Na Síria, a religião ocupa um importante lugar na vida dos cidadãos, possibilitando a eles uma série de teorias referentes à criação, proporcionando-lhes diversificadas visões de mundo, bem como oferecendo a eles diferentes explicações aos eventos adversos da vida. Como citado anteriormente, existem diferentes etnias e religiões na Síria, e a grande maioria da população é muçulmana. Para o islamismo, existem três formas de criação divina: os humanos, os anjos e os espíritos (djinn). Essas três criações estão sempre em relação umas com as outras. Os anjos e os espíritos têm seus mundos próprios, e esses mundos, embora invisíveis aos olhos, exercem influência no mundo dos humanos. Muitas explicações de problemas ligados à saúde mental são relacionadas a uma influência negativa que pode ser exercida pelo mundo dos djinns sobre o mundo dos humanos (Mekki-Berrada, 2010), como se as pessoas com algum problema de saúde mental estivessem sob a influência de um djinn do mal ou mesmo possuídas por ele.

A magia e o mau-olhado, muito associados à loucura, também são explicações disponíveis na cultura síria para problemas de saúde mental. (Hassan et al, 2016a). A explicação consiste na afirmação de que, se uma pessoa apresenta sintomas de ordem emocional, é porque deve estar sob a influência de alguma magia negra ou de um mau-olhado. Existe uma crença de que não se deve buscar informações sobre o mundo das forças sobrenaturais. E, quando elas estão atuando sobre alguém, pode ser que seja porque esse alguém tenha procurado informações a respeito do que são essas forças e que, como uma resposta, tais forças tenham reagido atuando no corpo e na alma por meio de sintomas de saúde mental.

Os principais recursos para cura em todas essas explicações, relativamente aos problemas de saúde mental, localizam-se em alguma

figura da comunidade que possui permissão para entrar em contato com forças sobrenaturais (djinn, magia e mau-olhado). Essa pessoa, considerada sagrada – chefe religioso ou espiritual (como os sheiks) – faz a mediação entre os dois mundos (dos humanos e dos djinns) por meio de rezas específicas. Outra solução para o restabelecimento da saúde pode ser encontrada em lugares sagrados, onde se podem realizar orações – próprias para o problema – que curam o doente do mal.

### **3.4.1 A SITUAÇÃO GEOPOLÍTICA NA SÍRIA**

Após a queda do Império Turco-Otomano, que se deu durante a 1ª Guerra Mundial, o território da Síria passou a ser administrado pela França. Em 1936 houve uma tentativa de acordo por meio de um tratado que dava à Síria autonomia para eleger seu próprio presidente; entretanto, o acordo não foi respeitado pela França. No que concerne a esse período, Nasser (2013) afirma que, desde a queda do Império – e da consequente entrada de outras forças de poder na região aliada aos governos autocráticos e a um ambiente com pouca abertura ao debate –, os árabes perdiam (ou diminuían) o poder sobre seu próprio território.

Em 1946, após importantes conflitos relacionados ao poder da França sobre as regiões que correspondem hoje à Síria e ao Líbano, as Nações Unidas determinam o fim do domínio francês sobre aqueles territórios, e a Síria se torna, então, independente. Paralelamente a isso, iniciava-se também no Oriente Médio um processo de decisões acerca do território da Palestina, decisões essas que representam uma questão central para uma tentativa de compreensão dos conflitos que se passam no mundo árabe (Nasser, 2013). O território da Palestina ficou sob domínio do Reino Unido após a queda do Império Otomano. Com o fim da 2ª Guerra Mundial – e, simultaneamente, do holocausto –, os judeus, assim que os britânicos deixam a Palestina, em maio de 1948, fundam o Estado Israel. Em 1947, um Comitê Especial das Nações Unidas propusera a partilha da Palestina em um Estado judeu e um Estado árabe-palestino; no entanto, os árabes não haviam concordado com a partilha. Desse modo, logo após a declaração da independência de Israel, exércitos árabes de países vizinhos, como Síria, Jordânia, Iraque, Egito, invadiram o território do recém-criado Estado de Israel, o que resultou na guerra entre árabes e israelenses – conhecida como Guerra da Liberação – e, com a vitória de Israel, na divisão da Palestina entre um Estado Árabe e outro Judeu. Esse conflito teve ainda como efeito a

expulsão de 750 mil palestinos da região, os quais se tornaram refugiados e partiram para países vizinhos, como a Síria, no ano de 1949. Em 1967, durante a Guerra dos 6 dias, o Egito, a Jordânia e a Síria – em uma tentativa de recuperar o território que havia sido tomado pelo Estado de Israel – atacaram Israel, e foram derrotados, o que demarcou a gravidade dos conflitos na região e o enfraquecimento das tentativas de ações dos países árabes (Nasser, 2013).

Em março de 2011, movida pela forte influência das paralelas revoluções que ocorriam na Tunísia, no Egito, na Líbia, no Bahrein e no Iêmen – onda de manifestações nomeada Primavera Árabe por alguns autores ocidentais – parte da população síria foi às ruas da cidade de Daraa e na região periférica de Damasco (Kazour et al, 2017) protestar contra o regime político de Bashar al-Assad, governante que integra uma família que detém o poder da Síria desde 1970. Os protestos foram motivados após a tortura de 15 garotos sírios que realizavam grafites a favor das revoluções que ocorriam nos países vizinhos. Mas, ganharam maior amplitude quando um desses garotos, Hamza al-Khateeb, foi morto após ter sido torturado. Em julho de 2011 ocorreu a formação do Exército Livre da Síria, um grupo que tinha como objetivo derrubar o governo de al-Asaad, dando outro caráter ao conflito (Al Jazeera, 2018). As manifestações se estenderam à cidade de Homs (Kzour et al, 2017) e, em 2012, chegaram à capital, Damasco, e à cidade de Aleppo. O que inicialmente parecia sustentado por uma discórdia entre o regime de governo de al-Assad e pessoas a seu desfavor, tomou outro caráter com a maior visibilidade das ações do Estado Islâmico no território e, por conseguinte, das influências internacionais da Rússia, Estados Unidos, França, Reino Unido, Turquia, Iraque, Irã, Arábia Saudita, grupos curdos, grupos Sunitas e grupos Xiitas (Eskander, 2014; Nasser, 2011; Omran, 2014).

Esse conflito levou o país a uma guerra civil, a qual se estende há mais de 7 anos e não apresenta perspectivas de um fim próximo. Diante da impossibilidade de permanecerem no local em que suas vidas estão sob constante ameaça, os habitantes acabam sendo forçados a deixar o lugar onde construíram suas vidas. São considerados pelas Nações Unidas (United Nations, 2017) como deslocados forçados em três âmbitos: deslocados internos (pessoas que saíram de suas casas e de suas cidades, mas ainda permanecem no país), refugiados (pessoas que deixaram a Síria pelo atravessamento de fronteiras internacionais e, em sua maioria, hoje se encontram na Turquia, Líbano, Jordânia, Iraque e Egito) e solicitantes de asilo (pessoas que, independentemente de onde

estejam, ainda não tiveram um status oficial de refugiado e estão solicitando proteção internacional). Em termos quantitativos, já foram vítimas da guerra civil da Síria cerca 6,3 milhões de deslocados internos, 5.5 milhões de refugiados e 180 mil solicitantes de asilo (United Nations, 2017). Como a população síria antes da guerra era composta por 22 milhões de habitantes, esses números demonstram que cerca de mais da metade da população já precisou, de forma forçada, deixar o local que habitava (Hassan, Kirmayer & Ventevogel, 2016a).

## 4. MÉTODO

### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Dada a função estruturante que o método tem sobre a articulação entre a teoria e a realidade empírica (Minayo, 2004) e sobre o caminho a ser planejado e construído para alcançar os objetivos previstos neste projeto de pesquisa, define-se esta pesquisa como exploratória, descritiva e de abordagem qualitativa. Existem poucos estudos sobre os impactos psicológicos da imigração em refugiados sírios – e na região da Grande Florianópolis, especificamente, – espaço ao qual se limita esta investigação – não há nenhum trabalho a respeito desse tema, o que qualifica essa pesquisa como exploratória. A pesquisa também é classificada como descritiva, visto que se propõe a uma descrição do fenômeno – tanto de suas características quanto de suas formas de manifestação. (Sampieri, Fernández-Collado, & Lucio, 2006). O caráter qualitativo da pesquisa reside na proposta deste estudo de aprofundar a investigação sobre o fenômeno e de examiná-lo em sua complexidade (Turato, 2005), o que, por conseguinte, possibilita a elaboração de ações que modifiquem problemas na realidade observada (Richardson, 1999). Nesse sentido, este projeto visou a compreender os impactos psicológicos da imigração em uma população de refugiados específica por meio dos significados que tal população atribuiu à sua experiência migratória. Ressalta-se que esta pesquisa faz parte de um projeto guarda-chuva intitulado *Dimensões Psicossociais do Acolhimento de Imigrantes e Refugiados em Florianópolis*, do Núcleo de Estudos sobre Psicologia Migrações e Culturas (NEMPsiC/UFSC).

### 4.2 CONTEXTO E PARTICIPANTES

Para que os objetivos propostos nesta pesquisa fossem alcançados, era necessário que os participantes cumprissem determinados critérios de inclusão – ser imigrante sírio com residência no Brasil, ter mais de 18 anos de idade, residir na mesorregião da Grande Florianópolis e possuir o status internacional de refugiado reconhecido pelo CONARE (Comitê Nacional para os Refugiados). Por

meio do Grupo de Apoio aos Imigrantes e Refugiados em Florianópolis e região (GAIRF) – um grupo que congrega representantes da sociedade civil e do poder público que trabalham diretamente com ações voltadas para a integração e o acolhimento de refugiados na região da Grande de Florianópolis – sabia-se que existem cerca de 120 refugiados sírios na região da Grande Florianópolis, a maior parte originária da cidade de Douma. A pesquisadora tem acesso a esses dados por fazer parte, como representante, do Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Culturas (NEMPsiC), do GAIRF. Além da informação sobre a quantidade estimada (não há dados oficiais) de sírios em Florianópolis, tinha-se conhecimento também de que a maior parte deles trabalha no ramo de alimentos – em restaurantes e lanchonetes. Assim, o primeiro contato com os participantes foi feito de forma presencial, em alguns desses estabelecimentos: na ocasião desse primeiro encontro, apresentava-se o projeto e, depois, fazia-se o convite ao imigrante para tomar parte, de modo voluntário, na pesquisa. Uma vez aceito o convite, marcava-se um encontro para a realização da coleta de dados, em um local escolhido pelo participante. Utilizou-se também, além do primeiro contato presencial, a técnica *snowball*, em que os primeiros entrevistados indicavam à pesquisadora novos participantes, formando uma cadeia de referências (Albuquerque, 2009).

A definição do número de participantes baseou-se, inicialmente, nos estudos de Fontanella, Luchesi, Saidel, Ricas, Turato e Melo (2011), que defendem como 12 o número de membros da amostragem necessária para alcançar uma saturação de dados. Entretanto, ante a constatação de certa homogeneidade entre os participantes – havia praticamente só homens, por exemplo –, continuou-se a coleta de dados com o objetivo de recrutar mais mulheres sírias para a pesquisa, e, desse modo, quebrar um pouco a uniformidade entre as características dos entrevistados. Encerrou-se a coleta de dados com 13 participantes.

A coleta de dados ocorreu em um local definido conforme a preferência do participante, com a garantia de sigilo. A maioria dos encontros realizou-se em ambientes públicos, como praça de alimentação de supermercado, cafés de shoppings, restaurantes ou escola em que os participantes trabalham. Além disso, duas entrevistas ocorreram na própria casa dos participantes e 4 entrevistas ocorreram em uma sala do SAPSI (Serviço de Atenção Psicológica), do Departamento de Psicologia, UFSC.

### 4.3 INSTRUMENTOS

Os instrumentos previstos para a coleta de dados foram, respectivamente, uma entrevista semiestruturada e um formulário sociodemográfico do NEMPsiC.

A *entrevista semiestruturada* foi aplicada com o objetivo de, por meio das narrativas de vida dos participantes, trazer elementos de suas vivências de forma densa, de modo que esses elementos permitissem um aprofundamento da dinâmica de tais vivências. Foi elaborado um roteiro para as entrevistas, o qual norteou a coleta de dados de acordo com os objetivos propostos nesta pesquisa, a saber, um roteiro que possibilitou a caracterização do processo migratório, a identificação dos fatores de risco pré e pós-migratórios e a identificação dos fatores de proteção pré e pós-migratórios dos participantes que correspondiam aos critérios de inclusão supracitados. As entrevistas foram gravadas e, num momento posterior, transcritas integralmente.

O *formulário sociodemográfico intercultural do NEMPsiC* foi utilizado com a finalidade principal de apresentar uma caracterização dos participantes. Este instrumento foi criado pela equipe do NEMPsiC e tem como objetivo caracterizar a população estudada, por meio da obtenção dados que levem em conta especificidades da situação migratória. O formulário, composto por 40 questões, contém perguntas fundamentais para a caracterização sociodemográfica do imigrante, distribuídas em seis categorias: *Dados pessoais, Escolaridade e ocupação, Renda, Moradia, Utilização do SUS e do SUAS, Religião, Língua e Dados sobre a imigração* (data de saída da cidade de residência, quantas vezes imigrou, com quem imigrou, descrição da trajetória realizada, motivação à imigração, data da entrada no Brasil, tipo de visto de entrada no Brasil e status migratório atual) (Martins-Borges, 2017).

### 4.4 PROCEDIMENTOS

Um dos procedimentos utilizados na presente pesquisa foi a realização do primeiro encontro entre os praticantes por meio do contato presencial – e/ou telefônico, nos casos em que se utilizou a técnica *snowball*. No primeiro contato, foi apresentado um breve resumo da pesquisa e, nos casos de concordância na participação, um encontro foi

agendado para um maior esclarecimento dos objetivos da pesquisa. O local, como supracitado, foi definido pelas preferências do participante com base em suas sugestões. Durante o encontro de coleta de dados, verificou-se, inicialmente, se o participante atendia aos critérios de inclusão. Em seguida, a pesquisadora realizou a leitura – detalhada e pausadamente – do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de modo que todas as dúvidas que o participante tinha puderam ser sanadas. Com o consentimento e assinatura do TCLE, a entrevista começou a ser registrada por meio de um gravador de áudio. Após a finalização da entrevista semiestruturada, a pesquisadora realizou oralmente as perguntas previstas no formulário sociodemográfico intercultural do NEMPsiC e preencheu-o diante do entrevistado.

Conforme mencionado anteriormente, o presente projeto de pesquisa faz parte do projeto guarda-chuva *Dimensões Psicossociais do Acolhimento de Imigrantes e Refugiados em Florianópolis*, do Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Culturas (NEMPsiC/UFSC). Assim, a coleta de dados foi realizada considerando a aprovação ao projeto guarda-chuva concedida pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH). Ressalta-se também que os participantes foram informados da possibilidade de encaminhamento para atendimento psicológico na Clínica Intercultural em caso de desconforto desencadeado pela recordação de fatos violentos de sua história ou pela lembrança de momentos difíceis ligados a seus afetos. A Clínica Intercultural é um projeto de extensão vinculado ao Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Culturas e ao Serviço de Atenção Psicológica – SAPSI da Universidade Federal de Santa Catarina.

#### **4.5 ANÁLISE DE DADOS**

Ao final da etapa de coleta de dados, foi realizada a análise de conteúdo, técnica que procura analisar os significados dos conteúdos trazidos pelos participantes. Por meio dessa metodologia foi possível analisar até mesmo as falas não verbais, como os recursos da linguagem afetiva que não são expressos de modo verbal pelos participantes. Exemplo desses recursos de linguagem são as interjeições (Gilz, 2007).

O conteúdo dos áudios das entrevistas semiestruturadas foi transcrito de forma exaustiva; após a transcrição fez-se a primeira leitura, flutuante, do conteúdo completo e, posteriormente, redigiu-se



uma breve apresentação de cada participante. Outra leitura foi feita com marcadores que sintetizavam o conteúdo lido. Com esses marcadores, iniciou-se a construção de um esquema de codificação baseado nos objetivos específicos desta pesquisa. O conteúdo correspondente a cada objetivo foi codificado para posterior análise. Dessa forma, obteve-se um esquema composto de três níveis: as categorias (referentes aos objetivos específicos da pesquisa), as subcategorias e as unidades de análise. Para que se pudesse traçar um perfil dos participantes, os dados contidos nas respostas do Formulário Sociodemográfico Intercultural do NEMPsiC – com dados quantitativos e qualitativos – foram organizados no *Excel* e depois tabelados.



## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as entrevistas, treze ao todo, uma por participante, utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturada e o *Formulário Sociodemográfico Intercultural do NEMPsiC*. Os áudios das entrevistas tiveram uma duração total de 23 horas 51 minuto. A média do áudio de cada uma foi de aproximadamente 1h50min. Acrescenta-se a esse tempo o de preenchimento do formulário para cada participante, o qual não foi contabilizado. Assim, visa-se apresentar os resultados obtidos na coleta de dados intercalados em uma discussão com a literatura. Inicia-se com uma tabela que fornece um perfil dos participantes entrevistados. Em seguida, apresenta-se a análise de conteúdo das entrevistas e de outros dados oriundos do *Formulário Sociodemográfico Intercultural do NEMPsiC*, ambos em discussão com a literatura.

Tabela 1  
**Caracterização da amostra**

<b>Variável</b>	<b>N</b>	
<b>Sexo</b>	Masculino	11
	Feminino	2
<b>Idade</b>	Entre 20 e 25 anos	3
	Entre 26 e 30 anos	7
	Mais de 30 anos	3
<b>Cidade de nascimento e moradia</b>	Damasco	6
	Douma	5
	Mouadamyet Al Sham	1
	Homs	1
<b>Nacionalidade</b>	Sírio	9
	“Sírio-Palestino”	4
<b>Status conjugal</b>	Solteiro	6
	Casado	4
<b>Escolaridade</b>	Namorando	3
	Ensino superior completo	6
	Ensino técnico completo	3
	Ensino superior incompleto	2
	Pós-graduação completa	1
	Ensino médio completo	1

	Estudante universitário/Ensino	
	Técnico	
	Alimentação	5
	Esporte	2
<b>Ocupação(ões) na Síria</b>	Escola	2
	Comércio	2
	Turismo	3
	Serviços	2
	Funcionário público	1
		1
	Alimentos	6
<b>1ª ocupação no Brasil</b>	Comércio	3
	Indústria	1
	Analista de Marketing	1
	Não se aplica	1
	2011	4
<b>Ano da Saída da Cidade de Residência</b>	2012	7
	2013	2
	Entre 3 e 4 anos	3
<b>Tempo de deslocamento(s) até chegar ao Brasil</b>	Entre 2 e 3 anos	4
	Entre 1 e 2 anos	4
	Até 1 ano	2
	Janeiro de 2014	3
	Fevereiro de 2014	2
	Março de 2014	1
<b>Data de chegada ao Brasil</b>	Abril de 2014	2
	Abril de 2015	1
	Mai de 2015	2
	Setembro de 2015	2
<b>O que levou à imigração</b>	Guerra	13
<b>Tipo de visto</b>	Visto por razões humanitárias	13
<b>Compreensão escrita e oral e Expressão escrita e oral da Língua Portuguesa antes da imigração</b>	Nenhuma	13
<b>Compreensão oral atual da Língua Portuguesa</b>	Ótima	10
	Boa	1
	Regular	2
<b>Compreensão escrita atual da Língua Portuguesas</b>	Ótima	4
	Boa	5
	Regular	3
	Ruim	1
<b>Expressão oral atual da Língua Portuguesa</b>	Ótima	9
	Boa	2
	Regular	2

<b>Expressão escrita autal da Língua Portuguesa</b>	Ótima	4
	Boa	5
	Regular	2
	Ruim	2

### **Breve descrição individual dos participantes:**

*Participante 1* - Nascido em Damasco, é o terceiro filho de uma fratria de quatro – 3 meninos e 1 menina. Seu pai é sírio, e sua mãe, libanesa. Saiu da Síria aos 19 anos, atualmente tem 23. Na Síria, trabalhava no setor de alimentação – e, em Florianópolis, continua atuando nesse ramo. Recorda sua adolescência alegre, quando saía pelas montanhas, na região onde nasceu, para fazer piquenique e *mashawi* com seus amigos. Comenta que a guerra ainda não tinha tomado conta da capital no momento em que deixou o país e que esse fato o protegeu da exposição direta a muitas violências. Ainda assim, traz diversas vezes, na sua fala, a impossibilidade de continuar vivendo na Síria e sustenta que, se não fosse a guerra e suas consequências, ele não teria saído de lá. Afirma que deixou o coração e a alma na Síria: diz que da sua pátria só saiu a sua pessoa. Sente-se triste e sozinho no Brasil. Apesar disso, é um homem cheio de energia, com vontade de viver e de aproveitar a juventude. Adora fazer exercícios físicos e praticar atividades ao ar livre, em meio à natureza exuberante de Florianópolis. Também gosta muito de dançar. Aborda a condição profissional como primordial quando questionado sobre possíveis planos para os próximos 5 anos. Acredita fortemente que o destino de cada ser humano está sob o controle de Deus. Nesse sentido, considera-se acompanhado e protegido por Deus. Conforme relatou, essa relação com a religião apresenta-se muitas vezes como uma importante força durante os momentos difíceis do processo migratório. Sobre um possível retorno à Síria, afirma que, quando acabar a guerra, todo mundo vai voltar: ninguém vai ficar no lugar para onde migrou.

*Participante 2* - Nasceu em Douma, nos arredores de Damasco; passou a maior parte da vida na sua cidade natal, onde vivem aproximadamente 100 mil habitantes. P2 tem 41 anos, é casado e pai de 3 filhos. Em Douma, era atleta; tinha, inclusive, uma academia de esporte. Trabalhava também como funcionário público do Estado. Ao falar sobre como era sua terra natal antes da guerra, P2 abre um largo sorriso: descreve a cidade como um lugar tranquilo, em que era conhecido por

todos; retrata o povo local como muito hospitaleiro, muito receptivo às pessoas de fora. Conta ainda que era uma terra com muitas frutas, azeite, boa carne. Com o início da guerra, bastante violento em Douma, a esposa e os filhos de P2 foram para o Egito. P2 mencionou as lembranças dos barulhos das bombas que explodiam diariamente em Douma. Recorda-se da expressão de medo de sua filha, à época uma criança pequena, que se escondia atrás da janela por causa do pavor dos estrondos. Ele não queria sair da Síria, e foi, então, morar em Damasco, região que estava, à época, menos afetada pelos conflitos. Diz que ficou na Síria porque era muito difícil aceitar que tinha de sair de lá, mas que, por causa do perigo que representava continuar no meio dos combates, cada vez mais intensos, em um dado momento viu-se obrigado a deixar o país. Assim, depois de um ano morando sozinho em Damasco – a família fora para o Egito –, mudou-se para a Jordânia, onde encontrou sua irmã. Conta sobre o frio que sentia na Jordânia e sobre a dificuldade que enfrentou com o tratamento para problemas de saúde de sua irmã. Repete diversas vezes que esse tempo na Jordânia foi “muito, muito, muito difícil”, não querendo lembrar esse período, tampouco falar sobre ele. Quando soube, na Jordânia, que era possível obter um visto brasileiro, decidiu migrar para Brasil com a família. Chegou aqui 7 meses antes de sua esposa e filhos. Morou inicialmente em Brasília; passou alguns dias em São Paulo e depois veio para Florianópolis, por sugestão de um amigo. A mesquita sempre foi o primeiro lugar de referência para P2: era essencialmente onde buscava ajuda assim que chegava às cidades brasileiras. Fez menção também à Pastoral do Migrante como um serviço que o apoiou. Seus pais continuam em Douma, o que o preocupa muito, o assusta e constantemente lhe tira o sono. P2 manifesta grande preocupação em relação à possibilidade de que seus filhos adquiram hábitos e costumes da cultura brasileira; fala, ainda, de sua inquietação quanto ao convívio dos filhos com jovens brasileiros em razão destes tratarem os mais velhos sem a devida consideração, destes se afastarem cedo das famílias e também de realizarem casamentos pouco duradouros – “casam e logo se divorciam”. Durante a entrevista, o participante repetiu inúmeras vezes que na Síria se sentia grande e que depois da guerra e da imigração forçada passou a se sentir muito fraco, muito pequeno. Imaginando seu futuro nos próximos 5 anos, faz referência principalmente a planos relacionados ao retorno a sua carreira de professor de esporte; destaca também seus projetos ligados à educação dos filhos. Ao ser questionado sobre uma possibilidade futura de retorno à Síria, afirma que sua esposa

e seus filhos gostariam de voltar, mas que ele nunca mais quer voltar lá. Diz que gostaria que seus pais conseguissem vir para o Brasil, mas que ele não deseja retornar à Síria.

*Participante 3* - Homem, 34 anos, origina-se da capital, Damasco. Vivía na casa dos pais com mais 3 irmãos homens, todos mais novos do que ele. Trabalhava como representante de vendas de uma multinacional. Tinha um apartamento alugado na cidade, onde passava boa parte do tempo, embora considerasse como seu lar, efetivamente, a casa dos pais. Afirma que seu bairro não estava inteiramente tomado pelos conflitos da guerra quando ele saiu da Síria. Relata algumas ações de fiscalização realizadas naquele período pelo exército da Síria; conta que durante uma dessas ações seu prédio foi atingido por um tiro originado de um fuzil do exército da Síria. Ameniza bastante o acidente, sustentando que não aconteceu nada, que não foi grave. Com a piora da situação do país, causada pelo agravamento dos conflitos, acabou perdendo o emprego; decidiu, então, ir para a Jordânia visitar seu irmão, que tinha ido para lá havia pouco tempo. Não se despediu da família, pois contava retornar para a Síria na semana seguinte. Nunca mais voltou. P3 contou que, quando foi para a Jordânia, seu histórico de viagens anteriores facilitou a passagem pela fronteira (segundo ele, uma área muito perigosa), visto que, com sua experiência, conseguiu convencer os agentes da fronteira da Síria a deixá-lo sair do país. Na Jordânia, após 8 meses de buscas, na tentativa de ser aceito como refugiado em algum país da Europa ou da América do Norte, soube, via internet, que o Brasil concedia visto para sírios. Três meses depois, estava no Brasil. Decidiu vir para Florianópolis após fazer uma pesquisa na internet e encontrar o *site* do governo de SC em árabe, com muitas propagandas positivas da região. Localiza na sua chegada ao Brasil o momento em que percebeu mais claramente que não iria retornar ao seu país. Revela a função assumida por sua mãe, de transmissora de ensinamentos gastronômicos: ela lhe ensina por Skype a cozinhar. Quando imagina o futuro em 5 anos, menciona principalmente elementos ligados ao trabalho, à ascensão profissional dentro de sua carreira como comerciante de alimentos.

*Participante 4* - Homem, 27 anos, proveniente da capital, Damasco, onde morava com seus pais e seus 3 irmãos, todos homens, P4 é o antepenúltimo da fratria. Na Síria, trabalhava no setor de reservas de transporte de turismo; no tempo em que não estava trabalhando, cursava inglês. É formado em um curso técnico em industrial elétrica. P4 explica que a região de Damasco por onde circulava fora pouco afetada no

início da guerra. Havia manifestações por toda a cidade; um de seus irmãos, ao se envolver num desses protestos, acabou sendo preso – e ficou quase 1 mês desaparecido. Em novembro de 2011, P4 tomou a decisão de ir para a Jordânia para escapar do serviço militar, já que estava na hora do seu alistamento. Ele diz que, se fosse para o exército, poderia ser obrigado a matar seus vizinhos, seus amigos, seus conhecidos. Deslocou-se para a Jordânia, onde ficou na casa de um tio-avô paterno. Morou em duas cidades da Jordânia. Durante os quase dois anos em que permaneceu nessa terra, trabalhou nos ramos de alimentação e de vestuário – mas trabalhava informalmente, pois não tinha direito de trabalhar no país. Em setembro, outubro de 2013, soube que o Brasil estava concedendo visto para os refugiados sírios e decidiu ir à embaixada requerer o visto brasileiro. Após uma viagem que durou dias, chegou ao Brasil, em janeiro de 2014, com seu irmão. Veio no mesmo dia para Florianópolis, cidade que, após uma pesquisa na internet, já escolhera para morar antes mesmo de sair da Jordânia. Já fez diversos cursos técnicos no Brasil – gostaria muito de entrar na universidade, mas não consegue porque seus estudos realizados lá fora não são validados aqui. Atualmente trabalha como cozinheiro em um restaurante árabe. Mora com sua noiva, uma brasileira. Comenta que não consegue se divertir no Brasil porque sua carga horária de trabalho é extensa e cansativa – e no tempo que resta se dedica a cursos de português, de *web design*, e a cursos técnicos. Quando imagina seu futuro em 5 anos, manifesta primeiramente a preocupação em ter um imóvel próprio, permanente, no Brasil: pensa em comprar um terreno, construir uma casa e abrir um negócio. Mas considera a possibilidade de ir para outro país, diante das dificuldades de permanência aqui e também das dificuldades de reconhecimento, no Brasil, de suas experiências de estudo e de trabalho obtidas no estrangeiro.

*Participante 5* - Homem, 25 anos, sírio, origina-se de Mouadamiyat al-Cham, uma cidade de 6 mil habitantes, localizada na região metropolitana de Damasco. É o caçula de 6 irmãos. Morava com os pais e mais 3 irmãos solteiros em Mouadamiyat al-Cham, mas trabalhava e fazia faculdade em Damasco. P5 conta que sua cidade foi uma das primeiras a promover manifestações contra o regime do governo e que a situação estava muito perigosa no momento em que ele saiu de lá – era acordado à noite pelos barulhos de bombas e fuzis que passavam em cima de sua casa. Afirma que havia um clima de muita ameaça na cidade, principalmente contra os jovens: multiplicavam-se os



comentários de que eles poderiam ser presos e sofrer violências na prisão. Diz que o simples fato de ter o nome da sua cidade marcado no documento de identidade já colocava o cidadão em risco. Saiu de sua terra natal em dezembro de 2012, acompanhado de seu irmão, e foi para Baalbek, no Líbano, onde moravam seus avós; a localidade é dominada pelo Hezbollah, que mantém ali um campo de refugiados palestinos. Sua casa em Mouadamiyat al-Cham foi destruída. Ficou 2 anos e meio no Líbano, onde foi exposto a episódios de violência. P5 conta que pediu refúgio em diversas embaixadas, mas que o fato de ser palestino era motivo de muitas recusas. Até que um amigo comentou que o Brasil estava concedendo visto para sírios, e ele decide, então, requerer o visto brasileiro. Veio sozinho para o Brasil. Atualmente trabalha em um restaurante árabe. Afirma que não pode voltar para a Síria por causa da situação atual – mas também porque pagaria muitas multas por não ter servido o exército. Gostaria muito de retomar seus estudos, especialmente em Tecnologia da Informação, mas encontra dificuldades nas etapas que precisa cumprir para ingressar na Universidade no Brasil. Imagina que em 5 anos poderá ter uma casa e estar estudando TI; além disso, espera realizar o desejo de fazer um trabalho voluntário com refugiados, como fez durante um período no Líbano. Considerava a possibilidade de ir para outro país, mas há 6 meses decidiu ficar em Florianópolis.

*Participante 6* - Homem, 26 anos, é oriundo da capital, Damasco, onde morava com seus pais e mais 3 irmãos. P6 é o mais velho da fratria. Fazia faculdade de administração em Damasco, mas teve que interromper o curso por causa da guerra. Quando tinha 13 anos, seu pai, por motivos de trabalho, foi morar na Arábia Saudita. Entre ele e seus irmãos tem uma diferença mínima de 11 anos. Com o início da guerra, diante da impossibilidade de continuar no bairro em que morava, a família se muda para a casa dos avós de P6. Em 2013, a mãe e os 3 irmãos de P6 foram para a Arábia Saudita, mas ele ficou na Síria, durante 40 dias, porque era o irmão mais velho e porque precisava fazer determinados documentos. Em seguida, foi para os Emirados Árabes, mas, após 6 meses, precisou sair porque não conseguiu tirar o visto de residência permanente no país. Ainda nos Emirados procura a embaixada do Brasil, onde solicita o visto brasileiro. Veio para o Brasil em janeiro de 2014, diretamente para a cidade de São Paulo. Logo que chegou, encontrou no aeroporto uma pessoa que falava árabe e solicitou-lhe que o levasse a uma mesquita, onde dormiu durante 2 meses.

Quando conseguiu um trabalho, no comércio de um árabe, saiu da mesquita. Viveu 1 ano em SP – e decidiu morar em Florianópolis após uma primeira viagem de visita. Ouviu falar da cidade por meio de outros sírios que haviam se estabelecido no Sul e contavam que era uma cidade com muita natureza. Foi casado com uma brasileira, de quem está separado neste momento. Quando imagina seu futuro em 5 anos aponta a dificuldade de projetar um futuro em 5 anos, pois pensa primeiramente na possibilidade de não estar vivo.

*Participante 7* - Homem, 29 anos, vindo da cidade de Homs, morava na casa dos pais, com 2 irmãos – ele é o filho do meio da fratria. Tem formação universitária em literatura inglesa. Em outubro de 2011, saiu da Síria para a Arábia Saudita, quando a situação na sua cidade, que já era muito perigosa, se tornou ameaçadora para a população. P7 tinha, particularmente, o grande medo de ser chamado pelo serviço militar, visto que havia terminado seus estudos; por isso, tentando escapar de uma possível convocação para se alistar, não saía de casa. Esse fator somado ao perigo generalizado na sua cidade influenciou seu movimento de saída da Síria e ida para a Arábia Saudita. Escolheu a Arábia Saudita – embora não quisesse ir para esse país – por causa de um trabalho. Na Arábia Saudita, onde ficou 8 meses, viveu situações muito difíceis, ao mesmo tempo que estava refém de um visto ligado à firma em que trabalhava. Da Arábia Saudita partiu para a Líbia, onde tinha um tio que era dono de uma empresa. Acabou ficando por 2 anos e meio na Líbia – lá vivenciou a guerra: o país, alvo constante de bombas, tornou-se um cenário de destruições. Decide mudar para a Turquia, que, à época, não exigia visto de sírios. Logo após chegar à Turquia, consegue organizar um encontro com sua família no Líbano, onde permanece por 2 meses; acaba, porém, sendo obrigado a sair por causa dos perigos que os sírios tinham de enfrentar por lá. Retorna para a Turquia, onde fica durante 8 meses. P7 explica que havia muitos sírios na Turquia também, e que a situação para eles não era boa, o que faz com que muitos sejam levados a decidir entre duas opções: arriscar a vida a bordo de um barco que leva clandestinamente refugiados para a Europa ou tentar acessar a rede de contatos e a família em outros países. Durante a procura por outro lugar para viver, P7 encontrou na internet uma notícia de que o Brasil estava recebendo sírios. Ao chegar ao Brasil, em setembro de 2015, entrou em contato com outro sírio que havia pedido visto no mesmo tempo em que ele pedira, mas que havia viajado 10 dias antes. Essa pessoa sugeriu que ele viesse para

Florianópolis, e assim ele o fez. Revela que só o seu corpo está no Brasil, que seu coração está na Síria. Tem dificuldade de falar sobre o futuro em 5 anos. Quando fala, aborda primeiramente elementos da vida profissional.

*Participante 8* - Homem, 25 anos, veio de Damasco, onde morava com seus pais e sua irmã. Estava cursando duas faculdades. Com o início da guerra, o estabelecimento comercial do seu pai foi roubado e em seguida explodido – a casa da família foi destruída. Diante disso, tiveram – pais e filhos – de se mudar para outra casa, ainda na capital. A família de P8 era declaradamente contra o regime de governo e, no passado, já havia sofrido perseguições daqueles que estavam no poder do país. P8 envolveu-se intensamente nas manifestações contra o governo, e foi preso duas vezes – na segunda vez, sofreu tortura. Perdeu muitos amigos. Ao ser liberado da prisão, na última ocasião em que esteve detido, teve 24 horas para deixar a Síria. Partiu, então, para o Líbano; ficou lá por poucas semanas, pois a região em que se instalara era dominada pelo grupo Hezbollah. Em seguida foi para a Jordânia, onde ficou por alguns dias, e depois para o Cairo e Alexandria, no Egito – passou por algumas perseguições e situações de violência no Egito pelo fato de ser sírio. Desse país rumou para a Turquia, onde trabalhou com o envio de pessoas para a Europa pela via marítima. Depois de algum tempo nesse país, resolveu seguir, de barco, em direção à Europa, mas, ao chegar à Grécia, seu barco foi ameaçado e obrigado a voltar para a Turquia. No retorno à Turquia, soube por meio de um amigo que o Brasil estava acolhendo refugiados sírios, e decidiu providenciar o visto brasileiro. Veio para o Brasil com esse amigo com quem morava na Turquia. A decisão de ir para Florianópolis se baseou em pesquisas que fizeram na internet quando ainda estavam na Turquia. Em Florianópolis, casou-se com uma brasileira, de quem se separou recentemente. Trabalhou, de início, em restaurantes de comida árabe; há pouco tempo começou a trabalhar em uma empresa de marketing, cujas atividades se aproximam mais da formação universitária para a qual se preparava na Síria (até o início da guerra). Sobre o futuro em 5 anos, diz que quer trazer sua família para o Brasil e expandir sua empresa. Cogita ir para Dubai.

*Participante 9* - Homem, 26 anos, veio de Damasco. Morava com os pais e um dos seus 4 irmãos em uma casa que pertence à família desde que seu avô a construiu. P9 é o filho caçula, e entre ele e seus irmãos

existe uma grande diferença de idade. O bairro em que viviam ficava bem no centro de Damasco – não foi destruído como outras regiões, mas sofreu constantes cortes de água, luz, transporte. Decidiu, então, ir embora do país: em parte porque não via futuro em Damasco; em parte porque não queria entrar para o serviço militar, visto que, quando terminasse as duas faculdades que estava fazendo (farmácia e administração), teria de, obrigatoriamente, se alistar. Teve tempo para planejar sua saída; deixou Damasco em outubro de 2012 com destino ao Cairo. Escolhera o Egito porque nesse país poderia fazer um mestrado. No entanto, com as mudanças dos direitos dos sírios que moravam no Egito, teve que interromper seus estudos na universidade; teve problemas no trabalho, também, pelo fato de ser sírio. Assim, depois de 10 meses no Egito, resolve mudar-se para a Turquia. No início, P9 passou por muitos problemas na Turquia: teve dificuldades para se instalar e estava ilegal no país porque não tinha visto de residência turca (o que conseguiu meses depois, mas com validade de 1 ano). Pelas poucas perspectivas na Turquia, faz uma tentativa de mudança para a Austrália, como estudante estrangeiro de mestrado, mas é recusado por ser sírio. Faz outra tentativa, agora para a Alemanha, e é aceito – mas precisava resolver sozinho de que forma poderia chegar à Alemanha. Escuta, então uma propaganda de que o Brasil estava acolhendo refugiados sírios e resolve, com os amigos com quem morava, tentar o visto brasileiro. Decidem em grupo que o destino no Brasil seria Florianópolis, após pesquisas sobre a economia da cidade na internet. Na chegada a Florianópolis, buscaram, principalmente no meio universitário da UFSC, informações gerais sobre a região. Atualmente tem uma empresa com um amigo – trabalham em marketing digital. Em Florianópolis, conheceu a brasileira com quem mantém um relacionamento. Tem dificuldades de imaginar o futuro em 5 anos e, quando consegue falar de algo, refere principalmente planos relacionados ao futuro profissional. Pensa em voltar para a Síria. Planeja ter um filho em até 5 anos.

*Participante 10* - Homem, 30 anos, morava em Douma, com seus pais e irmãos. P10 é o mais velho de uma fratria de 3 irmãos e 1 irmã. Estava terminando a faculdade de direito em Damasco. Com o início da guerra, em 2011, sua família aconselhou-o a deixar o país antes que chegasse o momento de seu alistamento no exército (quando terminasse os estudos na universidade, teria de se alistar). Sai sozinho, em abril de 2012, em direção à Jordânia, um dos países que não exigia visto de entrada aos

sírios. A situação na Jordânia não era nada boa para P10: estava sem documentos, sem autorização de trabalho formal e sem muitos direitos, pelo fato de ser sírio. Ele pensa em se mudar para algum país da Europa, mas todos os países europeus encontravam-se fechados para receber sírios. Fica sabendo por conhecidos que o Brasil estava acolhendo refugiados sírios e decide solicitar o visto brasileiro. Chega ao Brasil em fevereiro de 2014; desembarca na cidade de São Paulo, onde fica somente 5 dias, e muda-se para Brasília para regularização de documentos. Passa um mês em Brasília, morando numa mesquita; lá, ouve falar do bom acolhimento aos refugiados em Florianópolis e por isso decide se estabelecer nessa cidade. Ao chegar, entra em contato com a comunidade de palestinos na região, a qual o ajuda a conseguir um trabalho e o auxilia a se ajustar ao novo ambiente. Trabalha no ramo da alimentação: atualmente possui um restaurante próprio em Florianópolis. Convive bastante com os sírios, que moram, em sua maioria, no centro – região onde se encontra a mesquita que frequentam. Sobre seus planos futuros, refere-se, primeiramente, a objetivos ligados à expansão de sua loja de comida árabe e, em seguida, alude à formação de uma família, filhos, e ao sonho de reencontrar sua família. Expressa também o desejo de retomar sua formação universitária, mas diz que tem encontrado muitos problemas em relação à validação dos cursos que realizou fora do Brasil e ao reingresso na universidade em Florianópolis.

*Participante 11* - Mulher, síria, 38 anos, oriunda de Douma. P11 é casada e tem 3 filhos. Trabalhava como professora de geografia para alunos do ensino médio. A região em que morava ficou muito perigosa durante a guerra: bombas explodiam por todos os lados, e muitos militares nas ruas ameaçavam os moradores. Diante desse cenário, ela e a família mudam-se para o centro de Damasco. Ficam na capital por 3 meses; no entanto, por causa da situação precária em que viviam ali, resolvem se mudar, em 2012, para Sûr, no Líbano. Ela e a família viveram dificuldades para trabalhar e para morar no Líbano. A filha não tinha direito sequer de ir à escola. P11 relaciona tais dificuldade ao fato de serem sírios. Enfrentava essa situação difícil, quando ficou sabendo, por familiares, que o Brasil estava recebendo refugiados sírios; decide, então, solicitar o visto brasileiro. No Líbano, enfrenta muitos problemas com seus documentos, e, durante o período em que essa documentação fica tramitando, uma parte da família viaja para o Brasil e se fixa em Florianópolis. Muitas pessoas de sua família, que é numerosa, já estavam na cidade. Essa rede familiar justifica o trajeto diretamente a

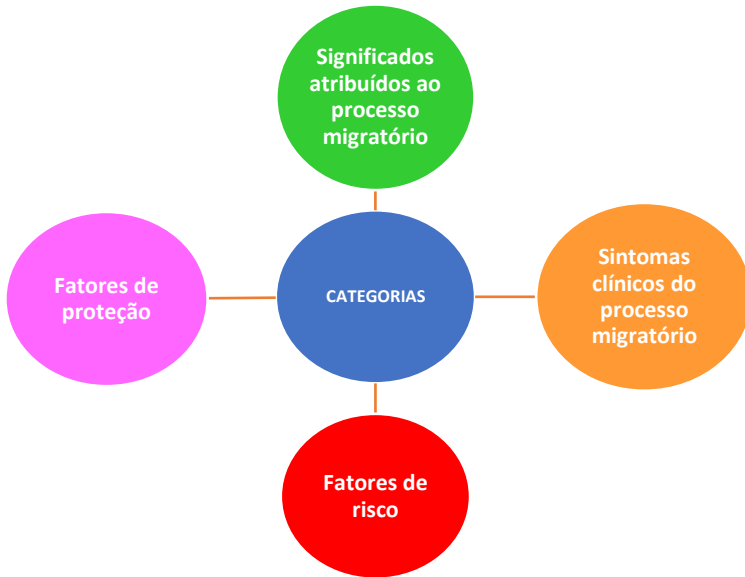
Florianópolis na chegada ao Brasil, em maio de 2015. Hoje, já bem instalada na cidade, trabalha com comida árabe em alguns restaurantes. Não quer voltar para a Síria. Visualiza um futuro de 5 anos ruim e diz que a única coisa que deseja é se sentir segura.

*Participante 12* - Homem, casado, de 28 anos, vem de Douma, onde morava com seus pais e seus 6 irmãos. É formado em administração – e estava cursando engenharia informática quando a guerra começou. Com o início do conflito, a família de P12 vai para o Líbano, mas ele permanece em Douma. No entanto, em novembro 2013, quando não era mais possível continuar em meio a tantas ameaças de bomba e a tanta destruição, desloca-se para o centro de Damasco. Nesse meio-tempo, enquanto P12 prosseguia estudando na capital síria, sua família vai para Amman, Jordânia; ele permanece por mais 4 meses em Damasco. Vivendo numa situação muito precária, decide ir ao encontro da família na Jordânia. Entretanto, por ser sírio, depara-se com muitas dificuldades na Jordânia e postula, então, um mestrado a uma universidade no Egito, país que, em princípio, oferecia boas condições para estudantes sírios. Muda-se, novamente sozinho, para o Cairo e começa seu mestrado. Uma nova legislação no Egito aumenta o rigor em relação aos refugiados sírios no país, e P12 é obrigado a deixar a universidade – esse fato o leva a retornar à Jordânia. Vivendo numa conjuntura bastante desfavorável, dedicou-se a procurar, com um amigo sírio, embaixadas que aceitassem refugiados sírios; nessa busca, tomou conhecimento da concessão a sírios de vistos brasileiro. Em março de 2014 chega ao Brasil; desembarca em São Paulo, onde pede para um taxista levá-lo até um bairro que tenha árabes. De São Paulo vai a Brasília para providenciar documentos brasileiros. Lá, ouve falar sobre Florianópolis e sobre um sírio que poderia ajudá-lo a encontrar trabalho e moradia naquela cidade. Vai para Florianópolis, onde se estabelece. Retornou para a Jordânia em 2016 para se casar e quando voltou ao Brasil trouxe junto a esposa. Atualmente trabalha com alimentação em um restaurante árabe. Em um futuro de 5 anos, gostaria de trabalhar em algo relacionado a sua formação universitária – validar seu conhecimento –, trazer sua família para o Brasil e construir uma escola, para crianças, de civilização e boa convivência.

*Participante 13* - Mulher, síria, de 28 anos, origina-se de Douma. Casada, mãe de 2 filhos. Após o casamento, mudou-se para Yarmouk, um campo de refugiados palestinos, situado na periferia de Damasco.

Era professora de árabe para crianças nas escolas da região. Com o início da guerra, e as ameaças frequentes de aviões e de bombas, vê-se obrigada a deixar sua casa e ir morar no centro de Damasco, onde fica durante um mês. Em seguida, uma pessoa de sua grande família a chama para ir para Sûr, no Líbano. Em razão da situação difícil e, ainda, do elevado preço para renovação de visto para sírios no Líbano, a família levanta a hipótese de um deles pegar um barco para a Europa – mas ficam com medo. Diante do fechamento de muitos países da Europa, P13 e a família, ao ouvirem que o Brasil estava acolhendo sírios, decidem tentar o visto brasileiro. Neste momento, P13 descobre que estava esperando seu segundo filho, e a possibilidade de que ele não tivesse reconhecimento (documentos) no Líbano a motivam a sair mais rapidamente desse país. Quando deixou a Síria, “seu coração” lhe dizia que não poderia mais voltar. Um dos irmãos de P13 havia chegado meses antes ao Brasil, o que a levou a ir, juntamente com o marido e os filhos, diretamente para Florianópolis, ao encontro dos familiares. Quando chegaram à cidade, ela e sua família receberam uma boa ajuda, muito especialmente da comunidade formada pelos árabes que frequentam a mesquita. Atualmente, faz curso de português; cuida dos filhos e ocupa-se de afazeres da casa, como preparo da comida, limpeza. Declara que para um futuro de 5 anos quer “ter uma vida normal” – e relaciona a normalidade com a possibilidade de oferecer a seus filhos elementos que lhes proporcionem uma vida boa.

A análise das entrevistas se deu por Análise de conteúdo, por meio do modelo proposto por Bardin (1977). As categorias – coerentes com os objetivos específicos da pesquisa – consistiram nos *Significados atribuídos ao processo migratório*, *Sintomas clínicos do processo migratório*, *Fatores de risco* e *Fatores de proteção*, conforme figura 2.



**Figura 1.** Categorias

Por seguinte, cada categoria foi subdividida em subcategorias e unidades de análise, que estão detalhadas na apresentação de cada uma das 4 categorias.

A Categoria 1 abrange os significados que os participantes atribuíram às diferentes etapas do processo migratório e divide-se em 4 subcategorias: **SÍRIA ANTES DA GUERRA**, **CONTEXTO DE GUERRA NA SÍRIA**, **DESLOCAMENTOS AOS/NOS PAÍSES VIZINHOS** e, por último **CHEGADA AO BRASIL**. Cada uma dessas subcategorias compõe-se das suas unidades de análise, conforme Figura 2.





**Figura 2.** Categoria 1 - Significados atribuídos ao processo migratório

A subcategoria **A SÍRIA ANTES DA GUERRA** apresenta as unidades de análise: *Descrição física* e *Organização familiar e social* do país. Como observado na Tabela 1, a cidade de nascimentos e habitação dos participantes são Damasco (6 pessoas), Douma (5 pessoas), Mouadamiyat Al Sham (1 pessoa) e Homs (1 pessoa). Durante as entrevistas muitos fizeram referência à Douma utilizando a palavra “bairro” em português, pois é uma cidade localizada na região satélite da capital, a 10 quilômetros a nordeste. Mouadamiyat Al Sham, igualmente uma cidade satélite, está localizada a 15 quilômetros sudoeste de Damasco. Já a cidade de Homs localiza-se ao norte de Damasco e mais ao centro-oeste da Síria, conforme demonstrado na figura 3.



**Figura 3.** Cidades dos participantes

Fonte: Info Escola: <https://www.infoescola.com/oriente-medio/siria/> com modificações realizadas pela pesquisadora

Na unidade temática *Descrição física* buscou-se compreender como estava a região em que os participantes viviam antes do início da guerra. É importante acentuar que a Síria está localizada em um território detentor de uma história que data da Antiguidade (4.000 a.C a 3.500 a.C). Nesse sentido, destacam-se as falas:

*“Tem um lugar que tem um rio assim bem bonito, sabe, tem muitas árvores [...] Tem vários lugares, tem o rio Barada, tipo, sai água natural, dá pra tomar, como uma xícara pra você tomar água. A gente leva narguilé, leva música, leva churrasco (mashauí), leva os amigos” (P1)*

*“Tinha um lugar no Damasco, desses lugares bem antigos no Damasco, ele chama **Bab Touma**, é... esse lugar, no final desse lugar tem uma igreja e tem uma mesquita. Bem antigos os dois. Um ao lado do outro. Você tem que ficar lá quando os dois faz... rezar junto. É a coisa mais linda no mundo. A mesquita tá falando o azan (chamada que convida os muçulmanos à oração) e a voz da Igreja de tum tum (referência aos sinos da Igreja). Os dois juntos... Meu deus!” (P8)*

Ambas as falas descrevem elementos que abordam aspectos físicos e históricos, naturalmente dotados de significados afetivos, lembranças do ambiente em que os imigrantes antes viviam (Matas & Pfefferkorn, 1997). Nos dois trechos acima eles abordam especificamente a capital Damasco, por onde transpassa o rio Barada: principal recurso hídrico da região. Considerada metropolitana, Damasco era, antes da guerra, dividida em uma parte antiga, com os principais monumentos históricos, e outra parte considerada uma região com construções e arquitetura mais recentes. O território de Damasco é cercado por portas que dão acesso à cidade, uma delas na região de Bab Touma (UNESCO, 2011). Situada em um Planalto, a região da capital, e sobretudo a região leste à Damasco é considerada um oásis (Ghoutha Oriental) devido a grande fertilidade no território, a região de deserto próxima.

Na outra unidade temática da subcategoria **A SÍRIA ANTES DA GUERRA**, foram observados elementos da *Organização familiar e social*, conforme as falas a seguir:

*“Nós temos sexta-feira e sábado como feriado, né, é... nós saímos sempre sexta-feira, às vezes sexta-feira o tempo não tá muito legal ou o bolso não tá muito legal, tem um frango assado que é muito legal” (P3)*

*“Então na nossa casa tem horário de comida e todo mundo tem que sentar junto, ou o meu pai vai ficar muito bravo [...] Até não pode comer até que minha mãe senta. Todo mundo tem que esperar até que minha mãe senta e a gente começa a comer [...] Lá é uma cultura de grupo, então você não vai conseguir sair do grupo” (P8)*

Na primeira fala em destaque, percebe-se a organização dos dias da semana na Síria, que se baseia no calendário do Islã. A oração (*selat*) consiste em um dos cinco pilares da religião muçulmana. É nas sextas-feiras que se realiza a oração mais importante da semana (Centre Culturel Islamique de Québec [CCIQ], 2014; Islam Religion, 2008). No final da fala de P3 e na de P8, destacam-se elementos sobre a alimentação e rituais em torno desta. O frango foi citado por muitos participantes como um importante alimento da culinária síria. O hábito de reunir a família diariamente em torno da mesa consiste, para eles, em um ritual de proximidade, de contato e de compartilhamento entre os membros da família. Na sequência da fala de P8, o participante nomeou

uma forma de organização coesa de pertencimento ao grupo, bem como as funções que se diferem para homens e para mulheres nos contextos familiares. Esta unidade temática denota distintos elementos culturais referentes à alimentação, às práticas, aos hábitos que compõem, de forma dinâmica, uma lógica, uma forma de organização e funcionamento de uma sociedade, o que possibilita seus sujeitos a fazerem relações de sentido com as experiências da vida (Moro, 2001). É importante destacar que essas falas se referem a cenário anterior ao início da guerra e, assim, também anterior ao contexto pré-migratório, uma vez que este contexto se inicia somente a partir da “decisão” de migrar (Fronteau, 2001).

Por conseguinte, a subcategoria **CONTEXTO DE GUERRA NA SÍRIA** reúne elementos de análise acerca do contexto pré-migratório (antes da partida e a partida) do processo migratório. Assim, a subcategoria está dividida nas unidades de análise: *Exposição à violência extrema e contínua*; *Perdas e desaparecimentos* e *Decisão de sair*.

Em guerra civil desde 2011, e com drástica expansão do conflito no território nacional a partir de 2012, a população síria segue vítima de uma exposição contínua à violência extrema, com inúmeras mortes e desaparecimentos, forçando pessoas a deixarem suas casas e, em muitos casos, também o país. Desde janeiro de 2012, a região de Ghouta Oriental, ao leste de Damasco, foi palco de graves ataques entre forças do exército do governo da Síria e outros diferentes grupos contrários a este (BBC, 2012). Igualmente em janeiro de 2012 a região foi o centro de desenfreados conflitos entre os grupos supracitados, conflitos esses que não demonstram possibilidades de cessarem (TV5, 2018). Nessa região, localiza-se a cidade de Douma, na qual viviam alguns dos participantes desta pesquisa e, conseqüentemente, foram vítimas de tamanha violência. No que se refere à unidade temática *Exposição à violência extrema e contínua*, destacam-se as falas:

*“Meu carro ficou muito modificado, eu estava dentro e atiraram no meu carro (pof pof). Muito muito atiraram. E outra coisa muito perigosa também é que eu também tava na escola e tinha bombas.” (P11)*

*“Todo tempo você está lá e tem “bum, bum, bum”, todo tempo você escuta isso. É sempre perigoso, sempre.” (P13)*

As falas exemplificam a rapidez e a urgência de uma saída não-programada diante da impossibilidade de permanência no local. Esse contexto perigoso e ameaçador pode trazer importantes efeitos traumáticos para os refugiados (Fronteau, 2001).

Além disso, neste ambiente de guerra, muitas pessoas morreram e desapareceram. Segundo dados do Observatório Sírios dos Direitos Humanos, traduzidos e publicitados pelo jornal El País (2018), em 7 anos de guerra cerca de 511 mil pessoas já foram mortas. Esse cenário fica evidente nas falas destacadas da unidade temática *Perdas e desaparecimentos*:

*“Cada família na Síria, não a família pequena, mas a família geral, por exemplo, meu sobrenome e cada família tem alguém que morreu ou desapareceu, perdeu... irmão [...] A minha tia, irmã de minha mãe. Tem um rapaz, um filho dela, que há 3 anos ele morreu, porque chegou bomba e ele morreu, meu primo. Tem outro primo mês passado. Esse aqui semana passa também, filho de tio meu. E também irmão de esposa do meu tio, ele morreu. É... só esse mês tem 5 ou 6 que morreram na Douma” (P12)*

*“A minha irmã também já morreu [...] Porque a minha irmã já morreu no mar, ela pagou 7 mil dólares pra entrar no barco, pra entrar pra Itália.” (P5)*

Na segunda fala em destaque o participante faz referência à travessia de barco em direção à Europa como fuga da guerra. Segundo o Alto Comissariado da ONU para Refugiados, apesar do grande risco de morte envolvido na travessia, mais de 2000 pessoas – que fogem de guerras – utilizam esse meio para tentar chegar à Europa. A maior parte dessa população que conseguiu chegar ao destino em janeiro de 2016 era 58% de mulheres acompanhadas de seus filhos (UNHCR, 2016).

As duas unidades de análise anteriores ilustram o ambiente de constantes ameaças e riscos em que os participantes estavam vivendo. A etapa seguinte, em destaque nas próximas narrativas, refere-se à unidade temática *Decisão de sair* e reflete o momento em que eles foram forçados a deixarem as suas casas:

*“Eu lembro aquele dia como eu dirigi como um maluco, tô dirigindo em cima das pedras, meu carro tinha não só minha família, tinha muitas pessoas no meu carro e eles só querem sair, ninguém sabe pra onde, só querem sair, fugir [...] Que foi ... eu não lembro exatamente, mas eu acho 2011, 2012, alguma coisa assim. A gente saiu pra outro bairro, pra morar em outro bairro” (P8)*

*“Porque na verdade não é deixar o meu país, é deixar minha cultura, minha alma, também bem complicado. Não é fácil nada. Você conhece quando, por exemplo, tem apartamento, por exemplo, tem alguém que diz pra você que o apartamento em 3 minutos vai fogo. [...] Ou você perde a vida de você ou você precisa sair. Mesma coisa... Ou você morreu ou você sair. Eu sair do meu apartamento de Douma, quando saí era quase 24 horas e morreu uma cidade inteira.” (P12)*

Os trechos destacam o primeiro deslocamento realizado pelos participantes, ainda dentro do território sírio, o que foi recorrente em algumas entrevistas e reflete a realidade bastante observada entre os sírios – 6.3 milhões de deslocados internos forçados, segundo último relatório divulgado pelas Nações Unidas (2017). Para além de números estatísticos que retratam a drástica situação que a guerra na Síria trouxe à sua população, o estudo das três unidades de análise da subcategoria **CONTEXTO DE GUERRA NA SÍRIA** refere-se ao contexto pré-migratório e demonstra o ambiente em que se deu a decisão de saída dos participantes – primeiramente dentro da própria Síria e, em seguida, para o exterior do país. Os trechos explicitam os motivos pelos quais a imigração de sírios pode ser considerada involuntária, ou seja, sem que haja um desejo de deixar o país. Esta saída configurou-se como única possibilidade de manterem a própria vida (Martins-Borges, 2013); os participantes saíram em fuga, correndo da maneira que encontraram ser minimamente possível não serem mortos por bombas, por balas, pelo fogo. Definitivamente eles não puderam preparar essa saída, projetarem-se no futuro em um outro lugar (Fronteau, 2001) e ainda precisaram lidar com lembranças das vivências em um contexto violento, em meio a inúmeras perdas, e com importante potencial traumático (Dow, 2011; Kira et al, 2017). Esses elementos que constituem o deslocamento

forçado com experiências de perdas e vivências traumáticas podem trazer importantes impactos psicológicos (Alemi et al, 2015; Briggs, 2011; Dow, 2011; Martins-Borges e Pocreau, 2013; Molsa et al, 2014).

Na continuidade desse deslocamento, apresenta-se a subcategoria **DESLOCAMENTOS AOS/PELOS PAÍSES VIZINHOS** que comporta as unidades temáticas *Separação da família*, *Reexposição à violência* e *O Brasil como alternativa*. Por meio das narrativas dos participantes foi possível perceber a ocorrência de muitos deslocamentos, tanto dentro da própria Síria – no caso de 4 participantes – quanto nos países vizinhos antes da chegada ao Brasil – no caso de todos os 13 participantes.



**Figura 4.** Cidades dos deslocamentos

Fonte: Google Maps com modificações da pesquisadora

Na figura 5 é possível observar em destaque os países onde os participantes estiveram no período de deslocamento (Líbia, Turquia, Líbano, Jordânia, Egito, Emirados Árabes e Arábia Saudita) com flechas que especificam as cidades por onde passaram. Além da diversidade de países, observou-se também a ocorrência de múltiplos deslocamentos – realidade igualmente percebida em estudos anteriores (Ahmed et al, 2017; Hassan et al, 2016b).

O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados possui um portal operacional online em que divulga os números referentes à crise de refugiados no mundo. Nesse portal é possível acessar especificamente os números referentes aos refugiados da guerra da Síria em relação ao país de asilo em que eles se encontram. De acordo com os dados atualizados em março de 2018, a maior parte dos refugiados sírios encontra-se na Turquia, aproximadamente 3,5 milhões de pessoas; no Líbano, aproximadamente 1 milhão de pessoas; na Jordânia, aproximadamente 660 mil pessoas; no Iraque, aproximadamente 250 mil pessoas; no Egito, aproximadamente 130 mil pessoas; e em outros países do Norte da África, aproximadamente 35 mil pessoas (Portail Opérationnel – Crises de réfugiés, 2018). Nesses movimentos muitas pessoas acabaram se separando de suas famílias. Isso foi observado na unidade temática “*Separação da família*”:

*“Minha família está cada um em outro lugar. Eu no Brasil, meu irmão na Alemanha, a minha grande família na Síria, meu pai e minha mãe na Arábia Saudita. E eu tenho 2 irmãs na Síria ainda.” (P5)*

*“Eu tinha 24 horas pra sair da Síria [...] Eu tava saindo e eu vi meu pai olhando pra mim e ele falou (chora) pra mim ficar corajoso. Eu falei pra minha mãe, que tava chorando muito: “mãe, calma, algumas semanas e vamos encontrar, algumas semanas” E essas algumas semanas já são quase 4 ou 5 anos (chora muito)” (P8)*

Os dois trechos destacam a realidade de muitas famílias que se encontram separadas em diferentes países depois do início da guerra. Analisando também a narrativa dos outros participantes, foi possível constatar que eles têm familiares e pessoas próximas espalhados por muitos lugares do mundo: Zâmbia, Malásia, Síria, Egito, Turquia, Líbia, Alemanha, Canadá, Estados Unidos, Bélgica, Arábia Saudita, Dinamarca, China, Suécia, Suíça. Especificamente no trecho de P8 acima destacado, observa-se, principalmente, o pouco tempo que teve para deixar a Síria, a tristeza por deixar seus parentes e a ideia de que voltaria e encontrá-los em breve – o que até hoje não aconteceu.

Além de estarem separados da família, também foi frequente a “*Reexposição à violência*” durante o período de deslocamento. A respeito disso, destacam-se as falas:



*“No Líbano. A mão dele é quase 3 vezes minha mão. Ele bateu em eu ele falou “se você falar alguma coisa que aconteceu eu vou bater em você mais e vou mandar você pra Síria.” Eu falei “tá bom, tá bom” [...] Ai depois ele falou pra mim, esse homem muito grande que bateu na minha cara muito, ele disse que pode sair agora, mas se alguém sabe que você tava aqui você vai morrer mesmo.” (P5)*

*“Na Líbia tava muito perigoso pra mim e não tem como, não tem aeroporto, porque o aeroporto de Trípoli ele é destruído. Eu fiquei quase 2 meses só procurando pra alguma coisa, algum jeito pra sair, porque os barulhos de bombas, eu fiquei. Essa coisa de bomba eu tive na Síria, mas aconteceu comigo em outro país, na Líbia.” (P7)*

Alguns participantes não só viveram num contexto de violência e de perigo na guerra da Síria, mas também foram reexpostos à violência nos países por onde estiveram durante o deslocamento – como no caso de P5 no Líbano e de P7 na Líbia. Na fala de P5, percebe-se o episódio coercitivo pelo qual ele foi exposto e a ameaça de um retorno forçado ao ambiente de risco da Síria, onde já havia sofrido outros episódios de violência extrema. Já a fala de P7 refere-se a um ambiente de violência e ameaça geral que tomava conta da capital da Líbia e ameaçava a população. Como se já não fossem demasiadas todas as perdas anteriores – a da casa, da cidade, do país, de pessoas próximas –, as condições muitas vezes precárias dos países vizinhos, as incertezas do período de deslocamento (Dow, 2011), essas pessoas foram reexpostas a episódios violentos. Hassan et al (2016b) destacam as consequências derivadas da exposição à violência e ao deslocamento como um dos três principais elementos relacionados aos problemas de saúde mental de refugiados sírios.

Diante da angústia e da desesperança geradas nesses múltiplos deslocamentos, os participantes depararam-se nas suas histórias de vida com “*O Brasil como alternativa*” de próximo destino. A respeito dessa unidade temática, observam-se os trechos:

*“Os sírios lá (Turquia) têm duas opções: pagar um barco no mar pra chegar na Europa e a outra*

*opção que é ter parentes em outros países do mundo que podem fazer visto pra viajar. E também esse é muito difícil, não é sempre que é possível. Eu fiquei buscando na internet e eu vi que no Brasil não precisa ter visto.” (P7)*

*“Porque a gente não sabe até quando a gente vai ficar na Jordânia, e uma hora eles podem nos mandar pra Síria ou pra outro país. Não tem documento lá. Não tem residência, daí pensa que não dá. Queria Europa, mas tudo cancelado, tudo fechado pra nós, só era o Brasil a porta. Daí fui lá [...] Tem pessoas que sabem, tem muitas pessoas que procuram onde podem ir e daí eles dizem que o Brasil dá o visto. [...] E bem, aí não pensei muito, porque eu não conhece nada do Brasil, não sei nada nada nada daqui. E vim direto.” (P10)*

As falas de P7 e P10 abordam a dificuldade de permanecerem onde estão – sempre à mercê de políticas dos países vizinhos que podem mudar de forma repentina –, o fechamento das fronteiras da Europa na recepção de refugiados sírios e o surgimento do Brasil como uma alternativa diante de tantas impossibilidades. Todos os 13 participantes chegaram ao Brasil a partir de janeiro de 2014. A possibilidade “ir para o Brasil” encontra respaldo na Resolução Normativa 17, aprovada em setembro de 2013 pelo governo brasileiro e disserta sobre vistos por razões humanitárias aos sírios. Tal normativa facilitou o processo de entrada no Brasil para pessoas vítimas da guerra da Síria (Rodrigues, Sala e Siqueira, 2017; Resolução Normativa n.17, 2013;). A fala de P10, quando aborda que o Brasil era a única porta possível, também é coerente com o observado por Calegari & Baeninger (2014) nas entrevistas com refugiados sírios da cidade de São Paulo.

Na continuidade do percurso migratório, os participantes obtiveram os vistos por motivos humanitários e, com a condição de que arcassem com os custos da viagem, vieram para o Brasil. Este momento “entre dois” – a partida e a chegada – é nomeado por Fronteau (2001) como ruptura, pois é o “momento em que se concretiza o corte entre o que se deixa e o que se vai encontrar” (p. 11). No caso dos refugiados participantes dessa pesquisa, constatou-se em suas narrativas que no período do deslocamento, apesar de já terem deixado a Síria, permaneciam nos países vizinhos – os quais compartilham de alguns

elementos culturais da cultura síria – e alimentavam forte esperança de breve retorno ao país natal. O momento em que eles deixaram a região em direção ao Brasil, foi o momento em que sentiram essa ruptura à qual Fronteau (2001) faz referência, bem como perderam as esperanças de um retorno a curto prazo. Para melhor aprofundar esta etapa, considerada pós-migratória, a subcategoria **CHEGADA AO BRASIL** aborda o *Motivação da vinda pra Florianópolis* e o *Choque cultural*.

Todos os participantes chegaram ao Brasil por via aérea – aeroporto de Guarulhos. Alguns ficaram em São Paulo por alguns meses antes de irem para Florianópolis e outros foram diretamente para Florianópolis por via terrestre – ônibus – ou por via aérea – avião. A *Motivação da vinda pra Florianópolis* em alguns casos deu-se baseada em comentários de pessoas da rede dos participantes que na cidade haveria mais possibilidades de trabalho e, em outros casos, deu-se pela existência anterior de familiares na região, como pode ser verificado a seguir:

*“Porque minha família aqui antes. Meus 3 irmãos chegaram aqui antes de 3 meses que eu.” (P11)*

*“O rapaz chama H. Eu liguei pra ele, eu conversar com ele e ele em Florianópolis. Ele sírio, mas tem quase 40 anos aqui, tem cidadania e essas coisas todas. Ele disse que Florianópolis é um lugar bonito pra morar e pra trabalho é mais... Não é certo que tem uma vaga, mas ele pode me ajudar” (P12)*

A fala de P12 evidencia o uso de uma rede de contato síria como recurso de obtenção de informações e, em seguida, de ajuda dessa rede na sua chegada à Florianópolis. Já a fala de P11 destaca a rede familiar como fonte de recursos.

Após a chegada física dos participantes – ao Brasil e a Florianópolis – eles se deparam com a ambientação do novo local de moradia (Fronteau, 2001). Dada a compreensão da cultura enquanto conjunto de símbolos que atuam como uma ponte entre o mundo interno e o mundo externo do sujeito e que possibilitam modos de ser e de fazer (Martins-Borges, 2009), os participantes aterrissaram em outro universo cultural: o Brasil. Esse quadro de referências culturais entrou em choque com o que eles observaram e viveram neste outro mundo brasileiro. Sobre a unidade temática “Choque cultural”, destacam-se as falas:

*“Tô andando num bairro tipo Rio Vermelho tem 50 igrejas. Também os brasileiros trabalham 44h por semana e sexta-feira bateu 17 horas começa a loucura, o mundo acabou. Aparece dia de juiz. Sério, correria, loucura, todo mundo maluco, todo mundo quer “e vamos beber, vamos sair, vamos fazer churrasco” fora dos tadinhos que trabalham sábado. Sábado meio dia começa a loucura, outro estilo de loucura, de novo. Deu, acabou, não tem nada aberto no mundo inteiro até segunda que vem.” (P3)*

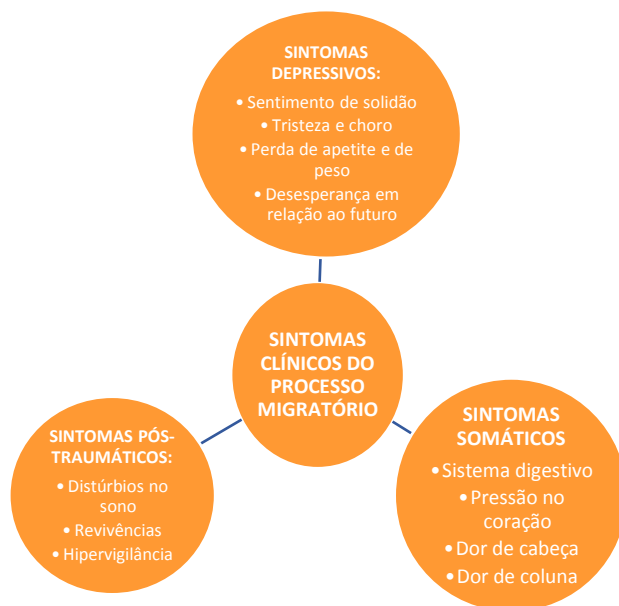
*“É como um outro planeta. Comida, roupas, sobre religião. Eu não sei... muitas muitas muitas diferenças, mas eu não sei. As pessoas usam rijab na Síria, aqui as pessoas usam shorts [...] Às vezes eu estou cansada das respostas que preciso dar pra tantas perguntas. São pessoas normais, normais... Algumas culturas e alguns costumes, e é diferente.” (P13)*

A primeira parte do trecho de P3 faz referência a sua percepção de que no Brasil existem muito mais religiões do que na Síria. Na continuidade de sua fala aparece a diferença quanto ao sistema de organização e de funcionamento da sociedade brasileira em relação aos hábitos e costumes dos sírios. Já a fala de P13 destaca sua percepção de uma enorme distância cultural entre os dois países. P13 nomeia essa distância, por exemplo, pelas vestimentas e pelo hábito de exibição do corpo na sociedade brasileira. Percebe-se igualmente na fala de P13 o cansaço de ser recorrentemente percebida e interrogada como alguém que possui um modo diferente de ser em relação aos brasileiros. Nas falas dos participantes, o choque cultural é percebido por exemplos em destaque que denotam uma sensação de desorientação e de inadequação quanto às referências culturais originárias dos participantes (Frontenau, 2001). Isso pode ser explicado pelo fato de que o sistema cultural dos participantes – composto por diferentes elementos que fornecem ao sujeito indicações de como agir e pensar de forma coerente (Moro, 2015) – é naturalmente falho neste outro contexto cultural.

À vista disso, os significados atribuídos ao processo migratório dos participantes evidenciam os motivos pelos quais essa vivência da imigração é considerada involuntária. Existem muitos elementos que se convergem nos significados que os participantes atribuíram às

experiências vividas e outros que, naturalmente, são mais singulares de cada um, de cada família ou de cada grupo. Os participantes, todos imersos em um contexto de guerra civil da Síria, foram lavados a deixarem seus países, percorreram muitos países vizinhos, encontraram a possibilidade de ir para o Brasil e, por fim, na chegada ao Brasil, deparam-se com um universo cultural muito diferente daquele de sua origem. A vivência do processo migratório foi um importante desencadeador de sofrimento psíquico, o qual será melhor aprofundado nos sintomas clínicos decorrentes do processo migratório.

Assim, a categoria 2 refere-se à tentativa de nomear os sintomas clínicos, ou seja, as formas de expressão do sofrimento psíquico decorrente dessa imigração involuntária.



**Figura 5.** Categoria 2 – Sintomas clínicos do processo migratório

A expressão desses sintomas foi compreendida em relação aos efeitos de toda a violência contínua, dos múltiplos deslocamentos, de todas as dificuldades que eles vivem atualmente no Brasil. E ainda que reste ocidental, pois a noção de fenômenos psicopatológicos é própria ao Ocidente (Streit, 1996), esta tentativa de codificar a expressão do sofrimento psíquico é feita em coerência com elementos da cultura síria

trazidos por artigos e relatórios que contavam com a autoria de antropólogos. E a escuta clínica das entrevistas é uma tentativa de interpretação dos sintomas alicerçada ao posicionamento clínico da Etnopsiquiatria.

Na primeira subcategoria **SINTOMAS DEPRESSIVOS** foi percebido no discurso dos participantes *Sentimentos de solidão, Tristeza e choro, Perda de apetite e de peso e Desesperança em relação ao futuro*. Em situações de guerra e de conflitos armados a perda e o luto são questões centrais (Hassan et al, 2016a). Os participantes são pessoas que precisaram deixar muita coisa – o lar, a família, a cidade, o país, o emprego, etc – para fugirem de ameaças de morte e apostarem em uma possibilidade de continuar em vida noutro lugar. Para isso eles perderam muito, eles perderam muitas coisas – no sentido simbólico e real. Eles perderam por eles, mas também por todo um país, por todo um grupo ao qual pertencem que foi alvo de incontáveis destruições. Esses elementos tornam as possibilidades de elaboração do luto diferentes (Legault, 2001). As falas dessa subcategoria expressam o sofrimento desencadeado por essas imensas e profundas perdas, o que pode se relacionar ao que Pocreau e Martins-Borges (2013) definem pela perda de coerência interna e da continuidade de si. Da unidade temática *Sentimento de solidão*, destacam-se os trechos:

*“Aqui eu deveria pensar sozinho, eu deveria fazer sozinho e lá na Síria não, qualquer coisa que eu quero eu vou “ah pai, o que tu acha?” e ele vai falar pra mim o que é. Mas aqui não. É um apoio lá, mas aqui não. Eu tenho que fazer, porque aqui, até agora, ninguém quer o bom pra mim. Então é isso.” (P8)*

*“Quando tem família você não sente sozinho. Quando não tem família, mas tem amigos, às vezes também não sinto sozinho. Mas quando é os dois... fica... sinto muito sozinho. Por exemplo, no trabalho, às vezes precisa fazer alguma coisa, mas quando sozinho, no fundo, não tem força pra continuar” (P12)*

Fragilizados por todas as perdas anteriores, as falas de P8 e P12 mostram a falta que sentem do entorno protetor que o grupo familiar e social os fornecia. Tal função que, em outras circunstâncias, além de proteger também impulsionava os membros do grupo a terem “força

para continuar”, como aponta P12. Os participantes em geral expressaram compreensão coesa e coletiva a respeito da forma como a organização social e familiar ocorre na Síria, característica essa que pode intensificar ainda mais os efeitos da ausência do grupo cultural no processo migratório. O sentimento de solidão, também percebido em outros estudos com imigrantes involuntários (Alemi et al, 2014; Briggs, 2011; Dow, 2011; Jibrin, 2017; Molsa et al, 2014; Weinstein, Khabbaz & Legate, 2016) pode ser um dos elementos agravantes de um quadro sintomático desencadeado de eventos traumáticos (Pocreau & Martins-Borges, 2017). A fala de P8 acrescenta à discussão o sentimento de ameaça que ele sente neste outro país. Tal ameaça que talvez tenha imigrado junto com ele, dado que este participante foi alvo de tanta violência extrema inferida justamente por representantes de seu país – aquele mesmo país em que nasceu, em que se constituiu como sujeito; aquele mesmo país que, a priori, deveria protegê-lo.

A expressão de sentimentos depressivos foi percebida não só pela tristeza nomeada aqui por meio da fala dos participantes, mas também sentida no contato com eles. Uma tristeza, às vezes expressada pelo choro, pelo próprio silêncio e pelo olhar, o que demonstrou a dificuldade de dar sentido a tantas perdas desencadeadas pelas experiências que foram – e ainda são – vividas no processo migratório. Assim, sobre a unidade temática *Tristeza e choro* evidenciam-se as falas:

*“Tenho ódio dessa guerra, tenho ódio. Triste com muita tristeza do coração, a experiência da vida que nós levamos durante os últimos 7 anos, quase, dentro das aspas, é como 13, 14, 15, 16, 17... 50 anos, né, eu acho que eu envelheci quase 50 anos, porque nós vivemos muitas coisas.” (P3)*

*“E o que você sofre primeira vez isso fica muito maior que outras vezes, entendeu. Foi uma experiência da vida. Eu não gosta de chorar, entendeu. Mas tinha mais de 4 anos que eu só tá chorando muito.” (P6)*

Ambas as falas apontam a percepção da temporalidade como algo pesado, e é difícil não relacionar esta percepção com a intensidade dos efeitos da violência à qual foram expostos. A guerra os impediu de continuar o curso normal da vida e, no caso dos participantes acima, a guerra rompeu o curso de um planejamento de vida anteriormente

construído. A fala de P6 destaca ainda a marca única e intensa da dor gerada pelas experiências que sofreram. Uma dor que aparece nomeada também pela *Perda de apetite e de peso*, como se observa nos trechos:

*“Eu gosto de comida. Agora eu não como mais. Eu gosto de comida, mas dentro de mim eu não quero. Não tem mais vontade de comer.” (P11)*  
*“Os primeiros 6 meses tá muito ruim, porque não tem língua e estressado também, quero só voltar na Jordânia. Ficar aqui está muito ruim. Emagreci 25 quilos. Emagreci. Quando cheguei no Brasil tinha quase 90 quilos e depois dois meses emagreci 25 quilos. E pelo menos 6 meses foi horrível” (P12)*

Se a cultura oferece aos seus membros elementos com propriedades e funções que os permitam dar sentido às vivências e eventos da vida (Moro, 2001), os modos de preparo e os rituais que se organizam em torno da alimentação são de grande significado ao grupo. O que se percebe nos trechos em destaque é, de certo modo, um desinvestimento de vida, que aparece pela perda de apetite e de peso. Como disse P11 “dentro de mim eu não quero”, pois, depois de deglutir tanta violência, a ingestão se torna difícil. Se antes a alimentação era também uma fonte de afetos, essa fonte está fragilizada. E o apetite se perdeu.

Ao encontro disso, verificou-se também *Desesperança em relação ao futuro*, conforme falas a seguir:

*“Ah... acho que ruim o futuro, porque... O favorito pra mim agora é eu ficar na minha casa, porque eu muito doente. Então é ficar em casa. Eu não quero muito todas as coisas, só isso: ficar segura, ficar segura é o que eu quero.” (P11)*  
*“Eu não consigo pensar pra futuro, eu tenho uma visão muito ruim pro futuro. Eu tenho desejos no meu coração, mas minha mente diz pra não ter desejos. Porque eu vejo nenhuma luz no futuro. Eu não consigo ver.” (P13)*

Existe um sentimento generalizado de desesperança nos refugiados sírios (Hassan et al, 2016b *apud* Al Akash & Boswall, 2014). O fato de ser uma imigração com a particularidade de múltiplos



deslocamentos – na própria Síria e depois também nos países vizinhos (Ahmed et al, 2017) –, prolonga a provisoriedade e diminui as possibilidades de permanência e continuidade nos novos lugares. Os sentimentos de impotência e incapacidade de planejar o futuro é considerado um dos principais elementos vivenciados pelos refugiados sírios e que os levam a um estado de vulnerabilidade (Care Jordan, 2012).

Os participantes não chegam a nomear nas falas da subcategoria **SENTIMENTOS DEPRESSIVOS** especificamente o cansaço e a exaustão, mas isso foi recorrente nas entrelinhas dos trechos e sentido no ambiente de contato com eles. Chama-se atenção para esta percepção porque a expressão “estar cansado” ou “ter a alma cansada” ou “ter o espírito cansado” na cultura síria refere-se ao desânimo e desesperança, respectivamente (Hassan et al, 2016b) e muitas vezes estão igualmente relacionados à sintomas de ansiedade.

Além dos sintomas depressivos muito decorrentes das múltiplas perdas, observou-se ainda a existência de sintomas somáticos entre os participantes. Segundo Pocreau e Martins-Borges (2017), “por detrás de cada sintoma existe sempre uma história, uma história que o corpo se lembra” (p. 186). Nesse sentido, a subcategoria **SINTOMAS SOMÁTICOS** foi decomposta nas unidades temáticas *Sistema digestivo*, *Pressão no coração*, *Dores de coluna* e *Dores de cabeça*.

A unidade temática *Sistema digestivo* e *Pressão no coração* foram expressas na fala:

*“Puuuuxa vida. Hoje pior, hoje pior... hoje pior que sério [...] Descobri que tem gastrite, que tenho refluxo [...] Eu estava mexendo no computador e o meu coração começou a bater muito rápido. Bateu muito rápido. Eu fiquei assustado. E eu subi e tinha meu amigo, a família lá, eu peguei a mão dele, coloquei no meu coração e tava “du du du du”, sério, até ele levou susto. Fiz exames. O sangue todo bom, açúcar, colesterol, tudo, tudo, tudo. Fiz elétrico, tudo tranquilo [...] Até hoje, hoje acordei assim, ó, (coloca a mão no pescoço e no peito, apertando, sufocando)” (P3)*

Para os sírios muçulmanos a compreensão de corpo e de alma parte de uma inter-relação constante entre eles (Mekki- Berrada, 2010). Assim, os sintomas somáticos são indissociáveis do sofrimento psíquico

e são muito relacionados à tristeza e às dificuldades após a vivência de um grande estresse (Hassan et al, 2016b). As emoções na cultura islâmica estão intimamente relacionadas à alma e, por isso, o coração, enquanto órgão central da vida humana, é muitas vezes aludido como representante da alma (Bem Driss, 2010). A fala de P3 nomeia a gastrite e o refluxo como tradução de uma dificuldade de digerir. Em seguida, o participante aborda outros sintomas somáticos, como as palpitações no coração, a sensação de aperto no peito e sufocação – acrescido do fato de não ter encontrado, em seus exames, possíveis explicações médicas para tais sintomas. Segundo Hassan et al (2016b) a sensação de pressão e aperto no peito são, na cultura síria, muitas vezes uma forma de simbolizar que os órgãos do corpo não podem mais suportar as difíceis experiências vividas.

No que se refere às unidades temáticas *Dores de coluna e Dores de cabeça*, destaca-se o trecho:

*“Agora eu não feliz mais, todo tempo eu nervosa. Eu tem medo, também tô doente, muita dor na coluna, na minha cabeça, meus dentes.” (P11)*

A fala de P11 aborda dores na coluna, na cabeça e nos dentes. As dores de cabeça podem representar a expressão do cansaço, o mesmo cansaço nomeado anteriormente, também relacionado à desesperança em relação ao futuro (Hassan et al, 2016b). Também podem se relacionar ou à intrusão de lembranças difíceis vivências anteriores ou ao choque cultural de estar em um outro contexto: novo e desconhecido (Pocreau e Martins-Borges, 2017). Tais sintomas somáticos também foram observados em outros estudos, dentre os quais se destacam principalmente aqueles baseados em uma escuta pautada na Etnopsiquiatria, como o de Barros e Martins-Borges (2018) e o de Jibrin (2017), que trabalharam igualmente com populações de imigrantes involuntários.

Por fim, a subcategoria **SINTOMAS PÓS-TRAUMÁTICOS** aborda *Distúrbios no sono, Revivências e Hipervigilância* como os três sintomas mais frequentemente percebidos nas narrativas dos participantes desta pesquisa. Acerca da unidade temática *Distúrbios no sono*, apresentam-se os trechos:

*“Eu não dome bem (chora muito). Eu não posso esquecer. Todos os dias.” (P11)*

*“Eu me acordo durante a noite, chamo meu marido, assustada e eu falo ‘vamos pegar as crianças e vamos sair daqui, a guerra começou’, porque é isso que está na minha memória [...] É um sonho, mas eu acordo e eu falo isso pra ele. E ele então me diz que não, que eu estou sonhando e que devo voltar a dormir. Eu penso que tenho que pegar minhas crianças e correr.” (P13)*

Ambas as falas das participantes abordam que elas não dormem bem. P11 não consegue dormir e é invadida por pensamentos que não a deixam esquecer as vivências traumáticas. P13 tem pesadelos constantes em que revive momentos da guerra, principalmente momentos de grande ameaça à vida, em que sentiu muito medo e precisou fugir com sua família para não morrer. As *Revivências* atrapalham o sono, impedem de continuar dormindo, como se percebe na fala abaixo:

*“Um dia eu bati sem querer na minha esposa enquanto eu tava dormindo porque eu tava sonhando que voltei preso. Eu fiz assim, que tava tentando sair. E às vezes eu sonho o que aconteceu na prisão.” (P8)*

Mas as *Revivências* também foram percebidas em outros momentos, como neste citado por P13

*“Há algumas semanas tinha uma amostra de aviões aqui na Beiramar. Eu fui e eu chorei. Porque eu lembro... eu lembro dos aviões na Síria. A primeira vez que eu vi eu senti como se estivesse lá de novo e pensei “oh meu Deus”, mas depois passou, porque as crianças estavam apreciando, estavam contentes. Durante o novo ano também, quando tem os foguetes, o primeiro ano aqui eu fiquei assustada. Eu não gostava daquele barulho, porque eles me lembravam tudo. Mas eu tinha que pensar que aqui não tem bombas, aqui não tem armas. Eu sei o que são esses sons... é muito similar.” (P13)*

Dada a sucessão e a continuidade da guerra na Síria, um quadro de sintomatologias decorrido da vivência de eventos traumáticos se

mostra uma realidade muito frequente entre os refugiados sírios (Ahmed et al, 2017; Alpak et al, 2015; Ghumman et al, 2016; Ibrahim & Hassan, 2017; Kazour et al, 2017; Kira et al, 2017; Naja et al, 2016; Tinghog et al, 2017). Nesse sentido, a unidade temática *Hipervigilância* reflete a presença recorrente de um ambiente de ameaça que deixou como indícios a hipervigilância e a desconfiança, como podem ser observados nas falas:

*“Eu não acordo nada, tem que fazer muita bagunça pra eu acordar e hoje se alguém assim bate na porta eu já vou acordar, se alguém passou no meu quarto eu vou acordar. Fico muito cuidado. A hora em que alguém tosse eu acordo [...] Quando começou guerra, começou essas coisas de desconfiar os outros, no outro grupo, no outro tipo de... acho que a guerra faz muito mal pra nós dessa parte mesmo, porque a gente... antes não chamou ele que não é de nossa religião, não é de nossa raça, mas a guerra faz muito mal nessa parte” (P10)*

*“Eu tinha umas vezes que eu acordava assustado assim. Lá na Síria ainda. Eu acordava assustado, porque eu ouvia as coisas. Você acorda. Você escutou um barulho e você acorda assustado com medo de que aconteceu alguma coisa.” (P6)*

A fala de P10 marca a diferença entre o antes e o depois. O antes em uma Síria sem guerra e o depois de viver no contexto temerário da guerra, no contexto inseguro dos múltiplos deslocamentos e no contexto incerto da chegada ao Brasil. Sua fala também chama a atenção para o surgimento de um sentimento de desconfiança que antes era inexistente dentro dos grupos. Uma desconfiança que transmite ameaça, preocupação e medo de elementos que constituem a identidade, como P10 citou a religião. Nos estudos de Kira et al (2017), muitos dos participantes foram vítimas de tortura, foram presos, foram vítimas de lesões em geral por conta da guerra; 89,9% testemunharam graves atrocidades; e 77% tiveram ao menos uma pessoa da família que também sofreu ferimentos ou morreu durante a guerra.

As etapas do processo migratório em si já se configuram como um importante desencadeador de estado de vulnerabilidade psíquica, dado que a correspondência de equilíbrio entre o real e o mundo interno

é alterada pela perda do quadro cultural de referência (Pocreau & Martins-Borges, 2013). Ao se acrescentar a essas etapas experiências de violência extrema – eventos com grande potencial traumático –, o cenário se torna ainda mais complexo. Essas pessoas foram submetidas a um medo extremo, a violências desumanizadoras, a gestos inexplicáveis; Experiências que inserem a noção da falta de sentido, do “non-sense”, pois fogem da capacidade de compreensão humana dado tamanho absurdo (Pocreau & Martins-Borges, 2017). À vista disso, a categoria 2 caracterizou-se pela tentativa de nomeação do sofrimento psíquico dessas pessoas por meio dos sintomas clínicos decorrentes da imigração em relação com os elementos da cultura síria. A experiência em si como imigrante/refugiado já pode se configurar um importante fator de risco à saúde mental (Briggs, 2011; Dow, 2011), mas existem também outros elementos fatores de risco – cuja forte influência percebida na análise de dados coletados – que podem agravar um estado de vulnerabilidade psíquica ou torná-lo mais duradouro. Esses elementos aparecem na Categoria 3 - Fatores de risco, composta pelas subcategorias **EXPERIÊNCIAS DO IMIGRANTE/REFUGIADO**, **MUDANÇAS PSICOSSOCIAIS PÓS-IMIGRAÇÃO**, **AMEAÇAS EM TORNO DA IDENTIDADE/CULTURA** e **ASPECTOS SOCIAIS NO BRASIL**, conforme figura 6:



**Figura 6.** Categoria 3 - Fatores de risco

A subcategoria **EXPERIÊNCIA DO IMIGRANTE/REFUGIADO** é composta por três unidades temáticas que justificam o fato de se considerar forçado este tipo de imigração: a *Vivência na guerra*, que obrigou a saída dos participantes de suas casas, cidades e país, os *Diversos deslocamentos* nos países vizinhos, provocando, inclusive a reexposição à violência e o *Risco do retorno* – quando existe possibilidade de retorno – a um país em guerra. Assim, da unidade temática *Vivência na guerra* destacam-se os trechos:

*“Quando começou guerra lá e eu perder minha casa. Cada um em um lugar, minha mãe, meu pai, meu irmão. Eu não senti nada, eu fiquei sozinho agora. Eu perdi minha vida. Agora começar de novo com zero. Eu senti assim mesmo” (P5)*

*“Eu sinto falta da minha casa, meus amigos, minha universidade, caminhar, tudo... a rua. Tudo, tudo. A praça... Saudade pra tudo [...] Agora eu não tem contato com nada, porque eu não sei, as pessoas foram pra fora, os meus amigos eu não sei nada onde eles estão. Eu não sabe pra tudo nada. Minhas amigas não sabe pra eles... nada nada...” (P11)*

As falas demarcam as múltiplas perdas – materiais e simbólicas – decorrentes da vivência na guerra. A não-voluntariedade da imigração perpassa fortemente por todas as narrativas dos participantes, marcando a experiência deles como refugiados. Conforme destacam as falas de P5 e P11, eles são pessoas que trazem consigo uma história de vivência na guerra; essa mesma guerra que os fez perder a casa, os amigos, a universidade, o caminhar, a rua, a família, enfim, a continuidade de parte de si mesmos. Nesse sentido, a vivência na guerra – a qual justifica o deslocamento forçado dos participantes –, trouxe inúmeros impactos, tornando-se um importante fator de risco à saúde mental (Alemi et al, 2015; Briggs, 2011; Chung et al, 2017; Dow, 2011; Martins-Borges e Pocreau, 2013; Molsa et al, 2014).

Seguida à vivência na guerra, os participantes passaram por diversos deslocamentos que prolongaram a condição de provisoriade em suas vidas. O tempo desses deslocamentos foi variável de acordo com cada participante. O mínimo do tempo foi de até 1 ano em deslocamento (2 participantes) e de 3 a 4 anos (3 participantes). Assim, verificou-se que a média de deslocamento dos participantes da pesquisa

foi de 2 anos e meio. A tabela abaixo representa a quantidade, em anos, desses deslocamentos:

No que concerne aos países e cidades por onde passaram, os mapas a seguir ilustram os diferentes trajetos realizados por eles durante todo o período de deslocamento. No primeiro mapa, por exemplo, encontram-se dois trajetos utilizados. O primeiro trajeto, em vermelho, foi realizado por 4 dos 13 participantes dessa pesquisa. Dentro da própria Síria houve deslocamentos da cidade de Douma até a capital Damasco. Na Jordânia todos passaram por Amann, a capital, e outros também passaram na cidade de Irbid. Já o percurso desenhado em roxo no Mapa 1 se refere ao percurso traçado por 3 dos 13 participantes.

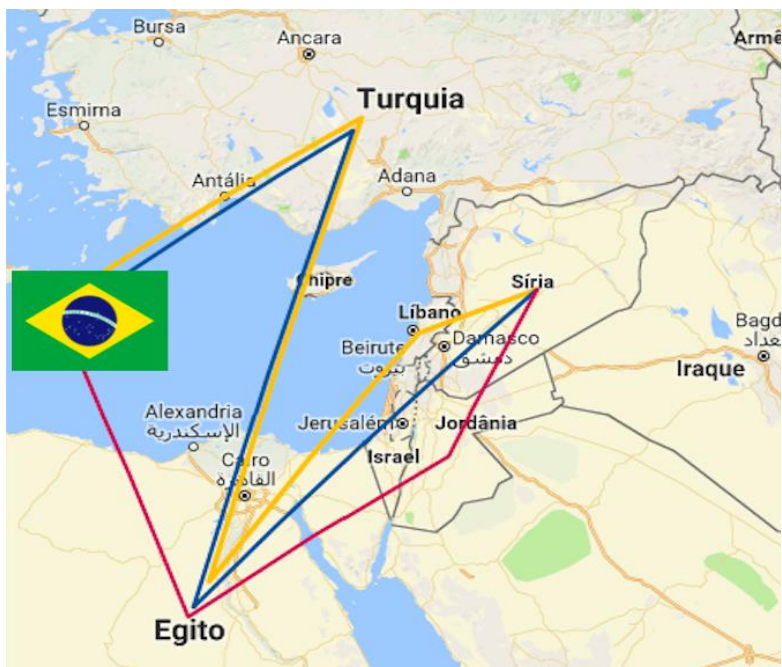


**Figura 7.** Deslocamento Síria, Líbano e Jordânia

Fonte: Programa My Maps, do Google

Alguns dentre eles realizaram um primeiro deslocamento da cidade de Douma até a capital Damasco. Na saída da Síria foram para o Líbano – nas cidades de Beirute e de Sûr – e, posteriormente, chegaram ao Brasil. O segundo mapa demonstra três outros percursos, realizados por 3 diferentes participantes. O trajeto em vermelho ilustra o deslocamento da cidade de Douma até a Capital Damasco, seguido da saída da Síria em direção à capital da Jordânia, Amann, à capital do

Egito, Cairo e, por último, o trajeto do Egito até o Brasil. O percurso em azul refere-se ao deslocamento da capital da Síria, Damasco, até a capital do Egito, Cairo, seguido, para a capital da Turquia, Istambul e, por último, a ida para o Brasil. O terceiro trajeto, em amarelo, consiste no deslocamento de Damasco (Síria) até Beirute (Líbano), de Beirute à cidade do Cairo (Egito), do Cairo a Alexandria (Egito), de Alexandria em direção à Istambul (Turquia) e, por último, de Istambul para o Brasil.



**Figura 8.** Deslocamento Síria, Líbano, Jordânia, Egito, Turquia

Fonte: Programa My Maps, do Google

Por último, o Mapa 3 ilustra outros 3 percursos, realizados por 3 participantes, durante a etapa do deslocamento. Em vermelho o trajeto faz referência à saída da capital Damasco (Síria) em direção a Abudabi, capital dos Emirados Árabes Unidos, e à ida para o Brasil. O percurso em verde refere-se à saída da capital Damasco, capital da Síria, em direção a Ryadh, capital da Arábia Saudita, seguida da ida para Tripoli, capital do Líbano, seguida de um outro deslocamento até Istambul



(Turquia) e, por último, a ida para o Brasil. O último trajeto, desenhado em verde, consiste no deslocamento de Damasco (Síria) até a capital do Líbano (Beirute), seguida de uma passagem pela capital do Egito (Cairo) e, por último, a ida para o Brasil.



**Figura 9.** Deslocamento Síria, Líbano, Egito, Turquia, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita  
Fonte: Programa My Maps, do Google

Antes de chegar ao Brasil, na maioria dos casos, um mesmo participante percorreu muitas fronteiras entre diferentes países. Fronteiras físicas e simbólicas; geográficas, estáticas, econômicas, linguísticas, culturais (Matas & Pfefferkorn, 1997). Como já explorado na categoria de Significados atribuídos ao processo migratório, muitos participantes foram reexpostos à violência durante esse deslocamento – longo e demorado –, agravando ainda mais elementos constituintes de risco à saúde mental.

Outra característica observada na amostra foi o fato de que 4 entre os 13 os participantes possuem em seus documentos de identidade escrito “nacionalidade: Sírio-palestino”. Isso se deve ao fato de que a Síria acolheu, a partir da Guerra da Libertação entre árabes e israelenses, 1948-1949, muitos dos 750 mil refugiados palestinos que foram expulsos de seus territórios (Nasser, 2013). Os participantes representam

segunda ou terceira geração desses refugiados palestinos acolhidos na Síria e, apesar de terem nascido em território sírio, carregam em todos os seus documentos a marca da origem palestina. Durante as entrevistas foi evocado pelos participantes esta “nacionalidade”, sobretudo relacionando a um fator de risco, como pode ser observado nos trechos:

*“Eu gostaria muito disso, porque eu disse pra você, a gente não tem uma nacionalidade... nos não temos porque somos palestinos. Nenhuma... Não somos palestinos nem sírios, porque nascemos na Síria, mas como palestinos. Tem alguns direitos na Síria, mas o palestino não pode votar... algumas coisas, alguns trabalhos... mas só os trabalhos mais difíceis pros palestinos fazerem. Você tem direitos na Síria, mas nem tudo igual. No passaporte é escrito palestino que nasceu na Síria, então não é palestino nem sírio.” (P13)*

*“Aí eu fiquei quase 6 meses no Líbano e trabalha com construção, trabalho muito difícil, as paredes tem que quebrar, tava muito difícil porque sou palestino-sírio. Se você é palestino-sírio você não acha trabalho bom [...] “você palestino?” Sim, quando ele vê meu passaporte parecia que ele viu um vírus, não sei porque. Só porque eu sou palestino, só. Porque ninguém gosta de palestino [...] Eu sou palestino, mas cadê a Palestina? Sou meu sangue, mas sem papel ninguém vai acreditar que sou palestino, tudo é papel? Ah, eu sou palestino, mas cadê papel?” (P5)*

Outro fator constituinte de risco à saúde mental dos refugiados sírios consiste no fato de que o retorno para a Síria é muito difícil ou mesmo impossível. Metade da população síria atualmente se encontra fora do país. Já existe em média 500 mil mortos (El País, 2018). São sete anos de muita guerra e destruição; são poucas as ações de fato efetivas para cessar fogo. Um país inteiro atingido, milhares de cidades devastadas, milhares de pessoas que perderam quase tudo, imigraram e não têm mais a sua casa, a sua cidade, e são impedidos de retornar. O risco ou a impossibilidade do retorno é enfatizado nos seguintes trechos da unidade temática *Risco do retorno*:

*“Na verdade eu tô aqui só no corpo, meu coração e minha alma ainda tá lá, ainda tá lá. Em cada rua, em cada bairro, em cada.... eu sempre penso em voltar pra lá, sempre. Até eu passei por vários problemas aqui no Brasil e esses problemas me deixaram com vontade de voltar muito muito, mas não posso voltar. Porque se eu voltar eles vão me pegar como na época. [...] Na minha opinião eu nunca deixei a Síria, mas o Brasil pra mim é meu segundo país.” (P8)*

*“Pra mim eu sempre acho ou pensa que um dia eu volta. Agora não... não sei... é que... eu tenho muitas coisas. Na minha mente tem muitas coisas juntas que penso. Primeiro é se eu realmente sei que isso não vai acabar nunca em Síria. Hoje, hoje. Em 10 anos pode acabar, ou nunca, porque as armas e tudo, por todas as pessoas. E quando eu quiser voltar com os meus filhos... nesses lugares mesmo crianças tem armas, entende? Eu acho que todas as casas tem uma arma, em Damasco. No meio de Damasco tem as forças armadas. E em segundo lugar é que como você pode ter armas com pessoas? É muito difícil. Como posso voltar nesse país? Eu quero voltar, eu sonho em voltar um dia. Mas eu sei.... isso é impossível.” (P13)*

Após as situações enfrentadas na saída da Síria e nos diversos deslocamentos – acrescidas da impossibilidade de retorno – os participantes chegaram ao Brasil e depararam-se com muitas **MUDANÇAS PSICOSSOCIAIS PÓS-IMIGRAÇÃO**, com destaque para aquelas concernentes à *Organização familiar* e *Perdas de funções sociais*.

A guerra trouxe a perda de uma continuidade de si e uma continuidade de grupo. As famílias se viram obrigadas a partirem, cada membro para o lugar mais possível, precisando se reorganizarem em torno de uma nova configuração. Muitos dos participantes são jovens adultos – entre 20 e 30 anos – e a maior parte deles até antes do início da guerra viviam na casa de seus pais – em coerência com o costume de que na Síria os jovens adultos só deixam a casa dos pais ao se casarem. As famílias dos participantes são, ou eram, numerosas, muitos deles têm pelo menos 2 ou 3 irmãos. A maioria dos membros das famílias

moravam na mesma casa. Assim, os participantes se viram longe de todos no período pós-migração, como destacado nos trechos da unidade temática *Organização familiar*:

*“Agora, 6 anos, guerra, tudo na família. Aqui amigo na Alemanha, pai na... amigo na... outras pessoas no Canadá, outras pessoas Egito... outras... Não é família junto, tudo... separado. Tudo.” (P2)*

*“Meu irmão mais velho na Jordânia e mãe e pai moram com ele. Tem minha irmã na Arábia Saudita, eu no Brasil, meu irmão na Turquia... Am... 2 irmãos e minha irmã agora com família na Jordânia” (P12)*

A perda dessa rede familiar e também de funções que os participantes ocupavam no grupo são estressores que podem gerar importantes impactos psicológicos (Dow, 2011). Além da reorganização em torno da rede familiar, Briggs (2011) aponta em seu estudo a perda de uma função social – muitas vezes relacionada ao trabalho e à falta de reconhecimento de seus diplomas – e a necessidade de aprendizagem de uma nova língua. Esses elementos foram observados na unidade temática *Perdas de funções sociais* conforme trechos em destaque:

*“Não, agora eu trabalho só pra viver, pra despesas [...] Porque é difícil. Se não tem guerra, eu em 2014 eu termina a minha faculdade de sistema de informação [...] Antes eu pensei que quero trabalhar com inteligência artificial, meu objetivo era esse. Sair no Dubai fazer estágio 1 ano e na Alemanha. Eu não consigo chegar no meu sonho.” (P12)*

*“Na minha mente, nos meus sentimentos eu gostaria de acabar meus estudos, mas acabar meus estudos em Síria. Eu comecei meu trabalho lá, eu estudava e trabalhava. Eu estudava na Síria porque eu queria um trabalho, eu queria um bom trabalho. Eu me preparava para então em um momento não estudar mais e então eu chego aqui e sou de novo aluna, e eu tenho que ser, e uma estudante que não entende nada. Eu me senti muito estranha. Eu não quero isso, ser estudante assim. É difícil isso.” (P13)*

Por meio do *Formulário Sociodemográfico Intercultural do NEMPsiC* foi possível acessar dados sobre o grau de escolaridade dos participantes, sua(s) ocupação(ões) na Síria e a primeira ocupação que tiveram aqui no Brasil. No que se refere ao grau de escolaridade, 6 participantes possuem ensino superior completo, 3 ensino técnico, 2 ensino superior incompleto, 1 pós-graduação completa e 1 ensino médio completo. Quanto à(s) ocupação(ões) que haviam na Síria, destaca-se que muitos deles tinham 2 ou 3 trabalhos ao mesmo tempo. Entre essas ocupações, destacaram-se: estudantes universitários ou de ensino técnico (5) e trabalhos no comércio (3) na área de alimentação (2), na área de esporte (2), professores em escolas (2), na área de turismo (2), funcionário público (1) e serviços gerais (1). E quanto à primeira ocupação que tiveram no Brasil, 6 participantes trabalharam com alimentos, 3 no comércio, 1 na indústria, 1 como analista de marketing e 1 nunca trabalhou.

Se relacionados os trechos da análise de conteúdo – unidade temática “*Perdas de funções sociais*” – com as ocupações dos participantes na Síria e no Brasil, é possível perceber a interrupção dos planos no contexto profissional e estudantil e a frustração ao ocupar um lugar não desejado, um lugar imprevisto, como no destaque do trecho da fala P13: “*estudante que não entende nada. Eu me senti muito estranha. Eu não quero isso, ser estudante assim. É difícil isso*”. A perda de uma função social é estudada por diferentes autores que chamam a atenção para este elemento como um importante fator relacionado à saúde e bem-estar dos refugiados (Smeeke et al, 2017; Wells et al, 2016), e por isso pode ser compreendida como um fator de risco à saúde mental.

Outro importante elemento de risco refere-se às barreiras linguísticas que foram, e são, muitas vezes enfrentadas pelos participantes. Por meio do *Formulário Sociodemográfico Intercultural do NEMPsiC* foi possível aproximar-se de uma estimativa de compreensão (escrita e oral) e de expressão (escrita e oral) dos participantes no período anterior e posterior à imigração. No que se refere à compreensão (escrita e oral) e expressão (escrita e oral) dos participantes antes da imigração, todos os 13 participantes tinham “Nenhum” conhecimento da Língua Portuguesa antes da imigração. Alguns deles apontaram que nem sabiam que no Brasil o idioma oficial é o português. Logo no momento da entrevista a maioria dos participantes (11) demonstraram uma ótima ou boa compreensão e expressão oral da Língua Portuguesa. Com relação à compreensão e

expressão escrita, eles declararam maior dificuldade e relacionaram isso às diferenças de escrita e pronúncia oral da língua portuguesa. Os refugiados sírios participantes desta pesquisa chegaram ao Brasil nos anos de 2014 e 2015, o que significa que moram no Brasil, em média, há 2 anos, 3 anos ou 4 anos. Muitos deles relataram não ter frequentado cursos de português diante da necessidade de urgência na procura de trabalho e da falta de oferta de cursos quando chegaram aqui. Assim, a maioria deles aprendeu o idioma no dia a dia do trabalho.

Todas essas mudanças psicossociais que acompanharam a experiência migratória trouxeram também **AMEAÇAS EM TORNO DA IDENTIDADE/CULTURA** síria, o que foi percebido principalmente no *Contato com outros sírios* e na grande preocupação da *Transmissão geracional* dos costumes, hábitos e rituais. Desse modo, destacam-se as falas da unidade temática *Contato com outros sírios*:

*“Não tem contato com sírios, porque não gosto porque são fofoqueiros, só querem saber da sua vida. Então me afastei. Eu não tenho tempo também pelo trabalho. Então não tenho tempo pra ir pra lá. E tem a mesquita lá na Felipe Schimit, mas faz tempo que não vou lá.” (P4)*

*“Quando começou guerra, começou essas coisas de desconfiar os outros, no outro grupo, no outro tipo de... acho que a guerra faz muito mal pra nós dessa parte mesmo, porque a gente... antes não chamou ele que não é de nossa religião, não é de nossa raça, mas a guerra faz muito mal nessa parte” (P10)*

Percebe-se pelas falas em destaque o sentimento de desconfiança como uma herança da guerra. Se inicialmente o contato com compatriotas poderia representar uma rede de apoio – forma de manter a continuidade da identidade social (Smeeke et al, 2017) –, no caso dos participantes acima, configura-se um fator de risco. A guerra da Síria conta atualmente com o envolvimento de muitos protagonistas: os grupos a favor do governo de al-Assad, os grupos contra al-Assad, o Estado Islâmico, a Rússia, os Estados Unidos, a França, o Reino Unido, a Turquia, o Iraque, o Irã, a Arábia Saudita, outros grupos curdos, outros grupos sunitas e outros grupos xiitas (Eskander, 2014; Nasser, 2011; Omran, 2014). Essa pluralidade de grupos desencadeia um sentimento de ameaça entre os próprios sírios. Os participantes identificaram a

persistência dos efeitos desse sentimento igualmente aqui no Brasil. Outro elemento frequente nas entrevistas foi a grande preocupação dos participantes na *Transmissão geracional* da cultura síria. Nas falas abaixo percebe-se essa ameaça em destaque principalmente nos elementos ligados à transmissão da língua árabe e da religião, respectivamente:

*“Viagem na Síria a pequenina (filha do P2) não sabe, não sabe caneta em árabe, ela não sabe. Conversa com minha filha e diz ‘o pai, ajuda, o que é isso em árabe?’ Ela Esqueceu. Outra coisa, não sabe (escrever), só sabe escutar e falar. Não quero isso no futuro assim aqui no Brasil.” (P2)*  
*“Eu penso será que eu vou ter filho que ele vai ver a vó dele entrando com um Santo Antônio ou com qualquer Santo em casa e ele vai ter perguntas? E agora a mãe vai responder uma coisa e eu vou responder outra coisa? O que vai acontecer na cabeça dessa criatura?” (P3)*

A ameaça percebida nas falas dos participantes, segundo Fronteau (2001), está ligada ao medo de não terem mais suas identidades reconhecidas, ao medo de perderem suas identidades ou de serem substituídas pela identidade do país de acolhimento – neste caso, a do Brasil. Essa ameaça geralmente está mais presente nos primeiros anos de imigração – durante os primeiros contatos com uma cultura diferente do seu país de origem. Por isso, pode ser muito difícil para os imigrantes perceberem que o sentimento de pertencimento ao país de origem não irá desaparecer. Ele pode sofrer mudanças de acordo com as experiências de vida – o que é esperado independentemente da vivência de uma imigração –, mas permanece presente justamente pela sua importância constituinte da identidade (Matas & Pfefferkorn, 1997).

Elementos constituintes identitários dos refugiados sírios foram extremamente afetados pelas vivências na guerra e pelo processo migratório. Em paralelo, suas percepções de futuro foram igualmente atingidas. Esses foram dois importantes elementos que sinalizam o sofrimento psíquico em refugiados sírios (Chung et al, 2017).

Por fim cabe destacar **ASPECTOS SOCIAIS NO BRASIL** que também representaram fatores de risco à saúde mental dos participantes. Dentre tais aspectos, observou-se uma forte recorrência da *Falta de serviço* e de *Discriminação*. Na unidade temática *Falta de*

*serviços* os participantes evidenciaram a falta de serviços nos âmbitos da assistência social e escolaridade – como auxílios de alimentação, aulas de português – e de serviço de imigração e de acolhimento ainda na chegada ao Brasil, nas primeiras horas. Além disso também ficou evidente nas narrativas dos participantes a falta de serviços à Universidade Federal de Santa Catarina que orientem e facilitem o ingresso de refugiados na universidade – por exemplo, programas de ações afirmativas:

*“A única coisa, o único direito que você tem, você chegou no Brasil, se você é migrante ou gringo, qualquer pessoa, você pode ter o acesso pro sistema de saúde que é SUS, só. Nada mais. Não tem aulas de português, não tem ajuda em comida, não tem nada [...] Cheguei aqui e ninguém fala inglês, absolutamente ninguém. Fiquei apavorado [...] No aeroporto de SP a Polícia Federal não sabe nada. Nem sabe quem somos, o que nós estamos fazendo aqui.” (P3)*

*“Porque eu tenho que estudar UFSC se abrir vaga pros sírios porque eu quero TI [...] Isso é bom pra mim, eu quero fazer esse curso. Eu tô esperando se abrir. Porque eu vou procurar. Porque aqui na UFSC não tem um escritório específico para refugiados. E ninguém sabe. Não tem, não tem nada mesmo. Aí por isso fica difícil pra procurar.” (P5)*

Além de todas as experiências vividas no contexto pré-migratório e nos múltiplos deslocamentos, os refugiados chegaram ao Brasil e encontraram outros elementos considerados estressores diários. Segundo Dow (2011), o grau de estresse psicológico é mais acentuado nos primeiros dois anos de estada no país de destino. Tais elementos vão ao encontro de estudos específicos com populações de refugiados sírios – barreiras linguísticas, falta de recursos e serviços para atender necessidades básicas, discriminação (Hassan et al, 2016a). No que concerne à *Discriminação*, os participantes abordaram principalmente aquelas que se relacionam à origem árabe, como nos trechos a seguir:

*“Têm brincadeiras, tipo, você anda com bomba? Entendeu? Essas coisas de árabes. Ou compartilhar alguma coisa irrelevante de mim...”*



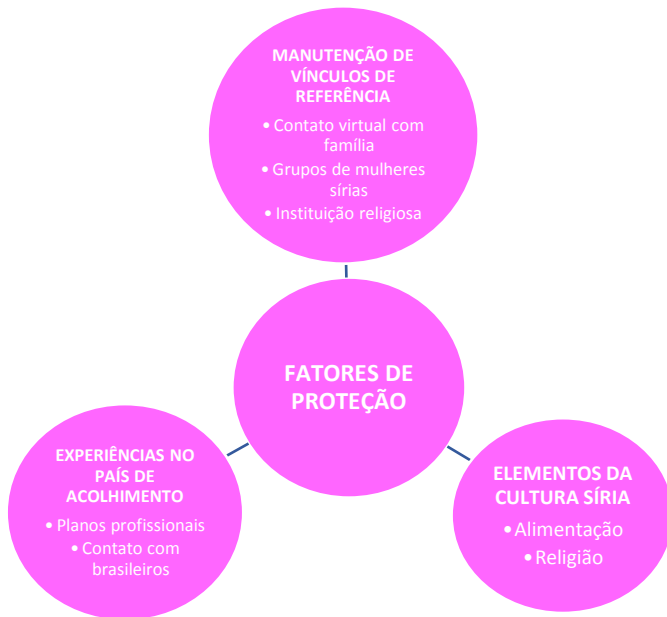
*tipo, ah, olha esse vídeo, olha esse vídeo de terrorista, coisas que, entendeu...?” (P9)*

*“Aqui no Brasil eu tinha uma roupa árabe e eu queria colocar na mesquita. Daí eu fui na lavanderia pra lavar e passar e daí a moça olhou minha roupa e falou “ah, você é árabe” e eu disse sim e ela disse “é um homem bomba?” E aí eu fiquei muito triste na hora que ela me chamou assim. Depois eu não queria nem mais fazer com ela (lavar a roupa com essa atendente da lavanderia), peguei minha roupa e saí. Esse é esse que... foi muito muito... faz mal muito pra mim.” (P10)*

As falas de P9 e P10 salientam a associação de bombas e terroristas às origens árabes. Esses exemplos denotam um movimento de generalização e dão vazão a um clichê, em especial a este estereótipo de homem bomba e árabe, muito veiculado ultimamente por diferentes mídias de comunicação. Ao fazerem estes comentários, as pessoas não levaram em conta as origens e características pessoais de cada um dos participantes que, ao escutarem isso, se veem segregados, substituídos por um modelo de identidade pronto e estático (Fronteau, 2001); se sentem não reconhecidos e mais uma vez sentem uma ameaça em torno de sua identidade/cultura. A discriminação é igualmente um elemento considerado fator de risco à saúde mental dos refugiados sírios (Kira et al, 2017).

Diante disso, a Categoria 3 - Fatores de risco, visou identificar quais são esses elementos que, durante todas as etapas do processo migratório, foram considerados de risco à saúde mental dos refugiados sírios participante desta pesquisa. Embora esses fatores tenham sido agravantes no que se refere ao estado de vulnerabilidade psíquica, foram identificados recursos que serviram, e ainda servem, como fatores de proteção para os participantes da pesquisa.

Nesse sentido, evidenciaram-se alguns elementos utilizados por eles para enfrentar as diferentes etapas do processo migratório – com destaque, principalmente, para a maior frequência de elementos do contexto pós-migratório. Esses recursos são aqui nomeados pela Categoria 4 – Fatores de proteção – e foram constatados pelas subcategorias **MANUTENÇÃO DE VÍNCULOS DE REFERÊNCIA;** **ELEMENTOS DA CULTURA SÍRIA;** e **EXPERIÊNCIAS NO PAÍS DE ACOLHIMENTO,** conforme figura 10.



**Figura 10.** Categoria 4 - Fatores de proteção

No que concerne à subcategoria **MANUTENÇÃO DE VÍNCULOS DE REFERÊNCIA**, percebeu-se a importância do *Contato virtual com a família*, da presença em *Grupo de mulheres sírias*, na região de Florianópolis, e da *Instituição religiosa* como três referências de suporte e proteção para os participantes. Essas referências estão relacionadas aos laços significativos constituintes da identidade dos participantes, os quais podem ter sofrido rupturas pelo processo migratório (Martins-Borges, 2017). Nesse sentido, a manutenção de tais vínculos de referências é compreendida como fator de proteção à saúde mental, dado a função protetora da rede de apoio social, do grupo de pertencimento. Assim, da unidade de análise *Contato virtual com família* destacam-se as falas:

*“Eu nunca entrei na cozinha até 29 anos. Saí da Jordânia, hoje sou cozinheiro e faço todas essas*

*comidas pelas receitas da minha mãe, pelo Skype.” (P3)*

*“Falo com minha mãe, mas eu não falo do problema com minha mãe. Falo com WhatsApp com amigos da Síria, Facebook, Instagram...” (P5)*

Como já abordado anteriormente, as famílias e as pessoas de referência para os participantes se encontram espalhadas pelos vários continentes do planeta. A utilização de ferramentas como *Skype*, *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram* foram frequentemente citadas pelos participantes como meio de contato com a família e amigos. Na fala de P3, por exemplo, ele destaca que aprendeu a cozinhar no Brasil com sua mãe pelo *Skype*, pois na Síria não tinha este hábito. Este hábito se transformou na sua profissão hoje em dia, na sua fonte de renda. Neste exemplo de P3, observa-se não somente a possibilidade de manter o contato com a sua mãe, mas também a possibilidade de ela transmitir os saberes culinários da cultura síria ao seu filho e de isso se transformar, inclusive, em uma oportunidade de renda para ele. Essas redes transnacionais, além de possibilitar uma aproximação afetiva entre os membros da família, podem ter a função de reconstrução identitária e transmissão de saberes e competências (Arsenault, 2010), tal qual o exemplo de P3.

Uma outra forma de manutenção dos vínculos de referência apareceu nas falas das 2 participantes mulheres desta pesquisa quando elas se referiram à participação em um *Grupo de mulheres sírias* existente na cidade de Florianópolis:

*“Às vezes tem contato com as mulheres sírias. A gente faz numa sala um churrasco, uma festa. Todas as mulheres cozinham e todos juntos, comemos. E às vezes dança pra esquecer... dança pra esquecer.” (P11)*

*“O grupo de mulheres sírias aqui, não todas, mas muitas. A gente tem um grupo no WhatsApp de mulheres sírias também. Mas eu fiz esse grupo pra as mulheres” (P13)*

Ambas as participantes se referem ao mesmo grupo de pertença. Na fala de P11, a participante descreve como acontecem os encontros e destaca a preparação da comida e a dança como duas atividades

presentes. E a fala de P13 complementa que o uso da ferramenta WhatsApp é outra forma de comunicação do grupo. A participação em grupos – como o dessas mulheres sírias – pode ser compreendido como um fator de proteção para a saúde mental de refugiados, pois, por meio do grupo, seus membros podem dar continuidade à manutenção de uma identidade social existente antes do processo migratório (Smeeks et al, 2017).

Além do contato virtual com a família e da participação em grupos de mulheres sírias, a referência da *Instituição religiosa* esteve presente na fala da grande maioria dos participantes desta pesquisa. Ao encontro do fato de que a maior parte da população síria é muçulmana, todos se declararam pertencentes ao islamismo, tendo, assim, como espaço religioso de referência, a mesquita, que apareceu na fala dos participantes como o lugar que eles procuraram ao chegarem ao Brasil, como destaque nos trechos:

*“Eu falei pra esse homem que falava árabe a minha situação e falei que eu quero um lugar só pra mim conseguir ficar, uma mesquita, sabe, quero mesquita pra ficar um dia só. Aí ele me levou e eu fiquei na mesquita lá um tempo [...] Dormi quase dois meses lá. Eles receberam eu e todos os refugiados que vêm. Eles ajudam muita gente lá pra arrumar um trabalho, aí eu consegui um trabalho e eu já saí, foi isso que aconteceu.”*  
(P6)

*“Eu tinha pouco dinheiro, só que tem medo porque não trabalhei ainda e não sei até quando o meu dinheiro vai durar, daí achei que melhor dormir na mesquita um pouco [...] Daí fiquei, fiquei lá, dormi na mesquita e eles me ajudam né, pra me dar como dormir lá, porque é proibido, ninguém pode dormir lá, mas eles me ajudam.”*  
(P11)

As falas de P6 e P11 destacam a mesquita como primeira referência, o lugar em que puderam ter suporte. A mesquita foi o lugar onde eles dormiram, alimentaram-se e, por fim, construíram a primeira rede de contato que, em seguida, os permitiu conseguir o primeiro trabalho. A região muçulmana é construída baseada em 5 grandes pilares (CCIQ, 2014). O terceiro deles se refere à caridade, a *zakat*,

forma de expressão de agradecimento e de adoração a Deus por meio da ajuda àqueles que precisam (Islam Religion, 2008). Antigamente o *zakat* era considerado uma função do estado; atualmente, ocorre por caridade pontual e individual ou por via da mesquita. Os muçulmanos, principalmente os do Ocidente, fazem o *zakat* pela mesquita. Cada mesquita possui uma caixa em que são feitas as contribuições dos religiosos e este dinheiro é utilizado com aqueles que precisam (Islam Religion, 2008). Assim, levanta-se a hipótese de que a força que a mesquita representa como primeira referência de ajuda e de suporte aos participantes poderia estar relacionada ao terceiro pilar que fundamenta o islamismo – não no sentido de resposta às necessidades materiais, mas como referência de ajuda e suporte, inclusive material, que já faz parte enquanto recurso inscrito em uma lógica religiosa e cultural. Além disso, acrescenta-se o fato de que na mesquita eles encontraram pessoas com quem puderam se comunicar em árabe e de que essas pessoas provavelmente tiveram percursos migratórios na história de suas famílias.

Outros fatores de proteção foram encontrados na subcategoria **ELEMENTOS DA CULTURA SÍRIA**, em que se destacaram as unidades temáticas *Alimentação* e *Religião*. A unidade temática *Alimentação*, ocupou um espaço muito importante durante as entrevistas. Foi difícil limitar a quantidade de trechos para serem destacados, tamanha a riqueza e diversidade que os conteúdos apresentavam. Também foi muito importante presenciar, na relação com os participantes, as emoções desencadeadas quando eles descreveram receitas e a história das receitas. Assim, destacam-se as falas:

*“É, eu gosto de comer, eu gosta de comer, porque mãe fazia comida. Você conhece as comidas de lá? Eu gosto de coalhada, iogurte cozido com carne e arroz. Eu gosto... tem uma planta verde lá que chama “lorria”. Também tem a berinjela recheada e abobrinha recheada. E pepino recheado. A gente coloca na panela e cozinha tudo junto. Eu tá fazendo isso aqui.” (P6)*

*“Todos os tipos de comida maravilhoso que minha mãe fez. Uma comida tipo, não é igual, mas tipo espinafre com lorria, que é da Síria, porque eu viajei todos os países e não achei. É uma folha, mas parecida de espinafre, mas outro gosto, bem diferente. Mas parecido só na forma.*

*Esquenta com arroz e o limão em cima, ela com carne de frango ou carne de boi [...] Não, não consigo fazer igual. Faço algo perto. Mais lentilha com arroz e cebola em cima, cebola frita, com salada.” (P7)*

Observa-se nas falas de P6 e P7 a forma como relacionaram alimentação com função materna. As receitas preferidas dos participantes refletem também a agricultura e os hábitos da Síria: repleta de vegetais frutas e legumes. Nesse sentido, Brightwell (2015) afirma que todo o ritual em torno da comida – ingredientes, utensílios, preparo – reproduzem lembranças culinárias promovedoras de suporte nas relações sociais e emocionais; tal suporte essencial para a produção de sentidos de identidade, de casa e de pertencimento. Nesse viés, a alimentação pode ser entendida como um elemento cultural que se relaciona diretamente com os vínculos de origem, de pertencimento; e a reprodução desse hábito um importante fator de proteção à saúde mental.

Além da alimentação e de todos os rituais nela implicados, a unidade de análise *Religião* ocupou espaço importante enquanto fator de proteção para os participantes. Esse elemento se mostrou relevante em todas as etapas do processo migratório. Exemplo disso foi percebido em uma das perguntas do *Formulário Sociodemográfico Intercultural do NEMPsiC* em que, ao ser questionado se imigrou acompanhado de alguém, um dos participantes não hesitou ao responder que não, pois imigrou com Deus. Tal exemplo demonstra o papel protetivo que a religião pode ter. Assim, da unidade temática *Religião* destacam-se os trechos:

*“Vou falar pra você uma coisa: tudo o que vai acontecer eu acredito que Deus que nunca vai me largar, vai me deixar, sabe. Tipo é Deus, não fica preocupado com nada [...] O Deus aqui é pros animais, ele arruma pra eles uma comida e olha o humano, a gente vai conseguir tudo. Só tem que acreditar em Deus. Que só Deus vai ficar. Nunca vai te largar. Muitas vezes você tá com muitas pessoas e eles te deixam um dia, mas Deus, qualquer coisa que você faz, você pode falar pra ele qualquer hora e você pode confiar.” (P1)*

*“Tem um alcorão, é o meu alcorão, isso sempre fica comigo. E tem um tapete de rezar que a minha vó, ela que me deu de presente antes que eu viajar, nessas últimas 24 horas (começa a chorar). Ela veio pra me visitar nesse dia... Me lembra sempre quando tu rezar, ela disse.” (P8)*

Nessas falas em destaque os participantes mencionam a força da proteção de Deus e a realização de alguns rituais, como a leitura do alcorão, a oração, a utilização de um tapete para rezar, a ida à mesquita nas sextas-feiras, o ritual de jejum do Ramadã. É importante destacar que dentre os 5 pilares da Religião Muçulmana o segundo deles consiste na oração (CCIQ, 2014). Segundo este pilar, a oração do dia, *salah*, deve ser feita 5 vezes: entre a primeira luz do dia e o nascer do sol; após o sol ter passado da metade do céu; entre o meio da tarde e o pôr do sol; entre o pôr do sol e a última luz do dia; e, por último, entre a escuridão e a meia-noite (Islam Religion, 2008). Já o Ramadã, quarto pilar do Islamismo, consiste na realização de um jejum que tem como objetivo purificar a alma. Este jejum ocorre durante um mês, uma vez por ano, durante o nono mês lunar e é igualmente considerado o mês da caridade e doação. Quando o pôr do sol de cada dia acontece, os muçulmanos terminam o jejum diário, reunindo-se em família e amigos para a refeição *iftaar*. Existem também orações que são realizadas somente durante o mês do Ramadã (Islam Religion, 2010). Ao encontro disso, os estudos de Arned et al (2017) e Hassan et al (2016b) afirmam que uma maneira utilizada pelos muçulmanos sírios para diminuir o estresse é a oração, a leitura do Alcorão Sagrado, a participação em cerimônias religiosas, como elementos de proteção, de força e de apoio. Tobie Nathan (1998) destaca que para a Etnopsiquiatria é essencial a compreensão dos objetos terapêuticos de cada cultura, tais como estes destacados na religião muçulmana. Para tratar o sofrimento do outro, é imprescindível acessar-se a história desses objetos terapêuticos – como foram inventados e fabricados pelos grupos humanos, tais como as orações, os cantos, os objetos materiais – como o tapete citado por P8 – e de que forma eles exercem funções terapêuticas.

Por fim, percebeu-se que algumas **EXPERIÊNCIAS NO PAÍS DE ACOLHIMENTO**, como os *Planos profissionais* e o *Contato com brasileiros*, consistiram em duas unidades temáticas recorrentemente mencionadas pelos participantes. Os *Planos profissionais* foram abordados em primeiro lugar por quase todos os participantes como

resposta a uma pergunta sobre como eles imaginam o futuro em 5 anos. A maioria deles demonstrou grande motivação em planos de estudo e de trabalho, como pode ser observado nas falas:

*“Não quero ficar empregado como hoje, sabe, porque eu quero ter a minha profissão sendo muito especialista do trabalho. Eu consigo trabalhar sozinho, só falta oportunidade. Mas com o tempo tudo vai conseguir arrumar. Na área de comida, a mesma área que a minha profissão. E dá pra montar umas coisas bem diferentes, tipo, não sei qual, mas quando você vai fazer uma coisa, vai fazer uma coisa bem diferente, bem especial, pra dar muita atenção, sabe? E é isso aí.” (P1)*

*“Eu queria muito fazer uma coisa no meu diploma aqui. Queria voltar na faculdade pra fazer... eu tenho um diploma de lei, na Síria, tem que fazer iguais (equivalência), precisa estudar. Também isso que se Deus quiser eu vou fazer.” (P10)*

Ambas as falas evocam a possibilidade da continuidade de um plano de estudo e/ou de trabalho que eles já tinham na Síria. Também apresentam projeções futuras desse plano em terras brasileiras, ou seja, a possibilidade de permanência e de reconstrução de seus planos em outro lugar. Para além do que foi percebido nas palavras acima, salienta-se também a força da confiança que os participantes transmitiram ao abordarem seus planos de vida. Tal força que os coloca em movimento, apesar de todas as rupturas e perdas implicadas em suas histórias de vida marcadas pela violência e pela obrigação de deixarem seus países. Força essa que fala da possibilidade de continuidade de si mesmo em outro lugar.

Mais um elemento compreendido como fator proteção foi o *Contato com brasileiros*, conforme destaque nos trechos a seguir:

*“Uma mulher me ajudou pra achar casa. É uma brasileira. É minha amiga, a minha favorita aqui. Eu conheci ela no meu apartamento, em que eu moro, ela mora perto. Ela gosta de comida árabe. Todo dia ela vem pra minha casa pra comer junto*



*com minha família. Ela tem uma filha também.”*  
(P11)

*“Aqui eu tenho os meus amigos brasileiros, mais amizade brasileiros do que árabe [...] Tipo, amanhã a gente vai dar uma caminhada na Beiramar uma galera ali bem grande, e eles são todos brasileiros, eu sou o único árabe que tem, sabe? E os brasileiros, o povo de vocês, exatamente Floripa, os manezinhos, são povos bem legais, sabe? Pessoas gostam de curtir, de sair, de tudo, tudo.”* (P1)

Os trechos destacam a interação e constituição de relações de P11 e de P1 no Brasil. Nesses encontros P11 compartilha um dos elementos mais importantes de sua cultura de pertencimento – suas comidas árabes – com uma família de brasileiros. Já P1 adquire o hábito de caminhadas na Beiramar com amigos brasileiros. Ambos os exemplos salientam trocas entre os participantes e a sociedade de acolhimento. Esses vínculos com brasileiros são, nesses casos, um importante fator de proteção, pois podem ser capazes de ajudar os participantes a acessar outras redes de apoio e de serviços no Brasil – como citado por P11 ao se referir à sua amiga brasileira, que a auxiliou a encontrar uma casa onde morar. Nesse sentido, enfatiza-se que a integração de imigrantes em uma nova sociedade é um processo bidirecional, em que se leva em conta a dinâmica de reciprocidade no encontro identitário entre sociedade de acolhimento e grupo de imigrantes (Palard, 2010). Assim, é importante uma reflexão acerca da implicação da sociedade brasileira no processo de acolhimento e integração dos refugiados sírios. Tal acolhimento e integração que perpassam igualmente a criação de serviços ofertados especialmente para imigrantes que utilizem modelos que privilegiam o uso de elementos culturais como importante mecanismo de acesso ao sofrimento e às formas de tratamento durante as intervenções (Hassan et al, 2016b), tal como propõe a Etnopsiquiatria e abordagens interculturais que se baseiam nas etapas de descentração, de descoberta do quadro de referências do outro e de negociação/mediação (Cohen-Émerique, 2011).

Dessa forma, a Categoria 4 pode identificar os fatores de proteção coerentes com a cultura síria-muçulmana que serviram como importantes recursos aos participantes desta pesquisa. Percebeu-se que muitos desses fatores são compartilhados pelo grupo, o que vai ao

encontro de explicações culturais que abordam o efeito protetor da cultura frente ao real.

O contato com os participantes possibilitou compreender a relação entre os significados atribuídos à vivência do processo migratório forçado e os seus impactos psicológicos. Ao se aprofundar o que se encontra na base desses impactos, foram identificados fatores de risco que podem levar a um estado de vulnerabilidade psíquica e/ou agravar o sofrimento já existente. No entanto, fatores de proteção que podem abrandar esse sofrimento e/ou manter estratégias de enfrentamento foram igualmente identificados.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste curto espaço das considerações finais, em que o pesquisador tem a oportunidade de sintetizar os resultados do estudo e refletir sobre eles, é importante que se percorram inicialmente os elementos que embasaram a elaboração dessa pesquisa. Tais elementos tiveram sua origem no contexto de uma experiência de imigração da pesquisadora em que houve o encontro com refugiados de diversas origens culturais. Muitos desses encontros se deram dentro do dispositivo clínico da Etnopsiquiatria – e aqui, mais especificamente, do *Service d'Aide Psychologie Spécialisée aux Immigrants et Réfugiés* (SAPSIR©) –, os refugiados são recebidos por um grupo de terapeutas e constrói-se ali um espaço de conhecimento e de confiança, o qual, posteriormente, permite a coconstrução de explicações – baseadas em elementos da sua cultura de origem – que permitam ao grupo – incluso o paciente – de compreender do que esta pessoa sofre, a que este sofrimento está relacionado e quais os recursos que sua cultura disponibiliza para ajudá-lo a enfrentar tal situação.

Desses vários encontros, nos quais se realiza um percurso que, *a priori*, reúne tantas fronteiras e pessoas diferentes entre si, surgiu o desejo de aprofundar os impactos psicológicos da imigração involuntária – ou forçada – em refugiados originários de culturas não-ocidentais. E a escolha por uma só nacionalidade se deu pela oportunidade de aprofundar a especificidade do contato desta nacionalidade com a sociedade brasileira e de investigar a fundo os elementos culturais específicos a este grupo na sua relação com o psiquismo. A escolha pelos sírios se deu pelo interesse de trabalhar com sociedades não-ocidentais as quais, pressupõe-se, uma importante distância da cultura brasileira; pela necessidade de se compreender a especificidade do refúgio desta população e os elementos de proteção e de risco à saúde mental como recursos às intervenções psicossociais adaptadas culturalmente; pela emergência da elaboração de conhecimento científico sistematizado neste assunto no Brasil, dado que a chegada de refugiados sírios vítimas da guerra civil é uma questão recente no Brasil.

Assim, o primeiro objetivo da pesquisa consistiu em compreender que significados estas pessoas deram ao seu processo migratório. Percebeu-se que os participantes atribuíram significados diferentes a cada uma das etapas do processo. O conteúdo que abordava a Síria antes

da guerra não é compreendido como uma fase do processo migratório, mas foi essencial para ter acesso – poder visualizar – a vida dos participantes antes do desencadeamento da guerra. Nesse espaço, eles abordaram com uma grande riqueza afetiva a relação deles com a cidade de onde vieram – falaram dos rios, da mesquita, e dos parques, dos cafés, espaços de encontros de lazer – ou mesmo de trabalho; descreveram, ainda, o modelo de funcionamento familiar e social – aludiram à importância de estarem sempre juntos, em família, durante uma refeição do dia, e o fato de adotarem sexta-feira e sábado como dias do final de semana. Em seguida, passaram aos relatos do processo migratório em si. No que se refere ao início do processo migratório, evidenciaram o sofrimento por terem sido expostos ao contexto de guerra; por terem perdido não somente essa relação com o país, mas também por terem perdido muitos membros da família e amigos. Por terem perdido não somente o país, mas também a “alma”, como afirmado por um participante. Abordaram a impossibilidade de permanência na Síria, naquelas condições, e a necessidade de deixarem o país às pressas: “se a possibilidade lhes houvesse sido dada, muito provavelmente teriam optado por viver plenamente sua etnia, sua nacionalidade, sua religião, sua raça, sua sexualidade, em sua terra natal; na mesma terra, cultura, país em que se constituíram como sujeitos” (p. 173 Martins-Borges, 2017). Foram levados a uma saída que deu início a um trajeto de longos deslocamentos, por muitos dos países vizinhos – com destaque para Líbano, Jordânia, Turquia, Egito – e que (em muitas situações) os separou da família – muitos deles partiram sozinhos para um país e suas famílias para outros. As condições nesses países vizinhos eram de precariedade e, em muitos casos, de reexposição à violência extrema. O Brasil apareceu como alternativa por meio de informações que circulavam na rede social dos participantes. A decisão de deixar a região entre os países vizinhos da Síria e partir para o Brasil trouxe consigo a instalação de uma maior distância cultural e a desesperança de um retorno possível à Síria. Escolheram Florianópolis igualmente motivados por informações que circulavam na sua rede de contato dos participantes ou por terem de membros da família já instalados na cidade. Após essa chegada concreta a Florianópolis, os participantes se depararam com uma grande incoerência entre suas referências culturais (mundo interno) e o que observavam no Brasil (mundo externo), nas relações que estabeleciam no novo contexto. Esse período se caracterizou pela experiência do choque cultural.

O segundo objetivo da pesquisa foi o de identificar sintomas clínicos decorrentes do processo migratório. A codificação da expressão do sofrimento psíquico – pela nomeação dos sintomas clínicos, por exemplo – parece coerente quando relacionada ao processo migratório que essas pessoas viveram. Os sintomas depressivos em geral indicaram o forte efeito que as perdas ocasionadas pelo processo desencadearam nos participantes. Eles foram expressos pelo sentimento de solidão, tristeza e choro, perda de apetite e de peso, desesperança em relação ao futuro. Os sintomas somáticos decorreram da não verbalização, pela fala, de tal sofrimento, atingindo, desse modo, o corpo. Dentre esses sintomas, percebeu-se ligação com o sistema digestivo – como gastrite e refluxo – com pressão e aperto no coração, com dores na coluna e com dores de cabeça. Na relação com a cultura de sírios-muçulmanos, esses sintomas representam formas de expressão de um sofrimento psíquico decorrente da vivência de grande estresse. Por fim, os sintomas pós-traumáticos, destacados por distúrbio do sono, revivências e hipervigilância, foram desencadeados pelas experiências com grande potencial traumático pelas quais os participantes passaram. A dificuldade de dormir, a facilidade de ser acordado, a pesadelos repentinos, a revivência dos episódios traumáticos – durante o sono e acordados – a hipervigilância e desconfiança são algumas das formas de manifestação desses sintomas.

O terceiro objetivo referiu-se à identificação dos fatores de risco pré e pós-migratórios. Evidenciaram-se diferentes elementos das etapas do processo migratório que se configuraram como elemento de risco. O primeiro fator de destaque foi, claramente, o fato de que os participantes são considerados imigrantes forçados, pois são oriundos de um país em guerra e, como percebido, foram expostos a um contexto de conflito civil extremamente violento. Nesse contexto da guerra, eles foram expostos à violência extrema e não puderam ser protegidos por seus países de origem, podendo se considerar que foram abandonados por aquele, seu país, que é suposto protegê-los. Outro elemento que se configurou como risco foi o fato de que alguns dos participantes têm uma “nacionalidade” sírio-palestina, o que lhes fez serem vítimas de discriminação ainda durante a fase de deslocamento do processo migratório. Nos deslocamentos por diversos países, que duraram bastante tempo – média de 2 anos e meio – foram submetidos a uma reexposição à violência; além disso, tiveram de viver em condições precárias em que viviam na passagem pelos países vizinhos. Durante os deslocamentos e na chegada no Brasil, as famílias foram obrigadas a se

reorganizarem diante da distância entre eles e da perda de alguns membros da família. Em paralelo a isso, os participantes não têm ainda suas escolaridades reconhecidas no Brasil, e ficam impedidos, ou encontram muita dificuldade, de exercer suas profissões ou de retornar aos estudos. O idioma também se apresentou como um fator de risco, principalmente nos primeiros anos de chegada ao Brasil, pois se constituiu como uma barreira à comunicação com os brasileiros. No que se refere às ameaças em torno da identidade/cultura síria, o contato com outros membros da comunidade síria apresentou-se em alguns casos como um fator de risco, principalmente pela desconfiança que foi herdada do contexto de guerra. A transmissão da cultura síria foi uma grande preocupação dos participantes: eles sentem medo de que seus filhos, que poderão nascer no Brasil, não preservem elementos da cultura síria. Quanto aos aspectos sociais do Brasil, observações sobre a inexistência ou a precariedade de serviços ofertados para imigrantes, como aulas de português, auxílios em alimentação e falta de instrução de profissionais que trabalham na imigração, foram recorrentes. Em uma outra esfera de serviços, a falta de serviços na UFSC também foi apontada como um fator de dificuldade para os refugiados que querem reingressar na universidade ou solicitar o reconhecimento de seus diplomas. Por fim, discriminação vivida pelos participantes decorrente da absurda associação que alguns brasileiros fizeram entre a origem síria e o terrorismo igualmente representou um elemento de risco à saúde mental dos participantes.

Por fim, o quarto objetivo referia-se à identificação dos fatores de proteção. Esses elementos foram destaques no que diz respeito à manutenção dos vínculos de referência, aos elementos da cultura síria e às experiências no país de acolhimento. O contato virtual com a família foi um fator muito importante que muitas vezes minimiza os efeitos da distância, pois as famílias se encontram divididas em diferentes países de acolhimento. Constatou-se também a existência de um grupo de mulheres sírias, que organiza encontros em que as mulheres podem cozinhar juntas e dançar; essas reuniões favorecem a continuidade de hábitos culturais. No que se refere à instituição religiosa, dado que os 13 participantes são de confissão muçulmana, percebeu-se a grande importância, a mesquita representou importante fator protetivo, principalmente na chegada deles ao Brasil, pois foi o lugar de suporte e de ajuda para os refugiados sírios. Quanto aos elementos da cultura síria, destacaram-se a alimentação e a religião como dois fatores de proteção, pois eles permitiram a continuidade de práticas e hábitos coerentes e de

grande importância afetiva que remetem aos refugiados o sentimento de proteção. Também houve experiências no país de acolhimento – o Brasil – que são fatores de proteção. A primeira delas refere-se aos planos profissionais da população desta pesquisa. Percebeu-se um planejamento e motivação no tocante ao estudo e trabalho. Por último, também se destacou o contato com os brasileiros, o qual, em muitos casos, foi um importante recurso para que eles entendessem e acessassem os serviços no Brasil, para que procurassem um local de moradia e mesmo para que obtivessem recursos para necessidades básicas.

Observou-se, considerando todos os encontros com os participantes, que suas narrativas de vida perpassam, a todo tempo, a tentativa de encontrar um sentido que seja capaz de explicar o horror e injustiça que marcaram suas vidas, suas famílias, seus grupos, seu país – durante todas as etapas do processo migratório. Por coincidência, ou não, ao final da redação desta dissertação percebeu-se uma grande repetição ao longo do texto do emprego da expressão “nesse sentido”. Talvez a repetição dessa expressão reflita, por meio da escrita da pesquisadora, essa tentativa incansável dos participantes de encontrar sentido para isso que resta absurdo e desumanizador. Mas, apesar de histórias tristes marcadas pela violência e pela desumanização, também se identificaram elementos da cultura síria-muçulmana capazes de fornecer aos seus membros um grande sentimento de proteção e de unidade. Nesse sentido, Tobie Nathan aborda com ênfase a utilização desses elementos culturais como recursos terapêuticos. Assim, a descoberta desses recursos é essencial para a intervenção de profissionais psicossociais, dado o caráter protetivo que eles possuem. Além disso, é importante salientar o caráter de criação e de recomeço que a imigração pode representar em alguns casos.

Muitos são os desafios encontrados nas pesquisas em migração. No caso desta dissertação, os desafios naturalmente referiram-se àqueles inerentes ao encontro entre pessoas que não compartilham das mesmas referências culturais. Um exemplo bastante explícito desses desafios pode ser a língua, que, ao não ser compartilhada, pode se transformar em um importante obstáculo a ser atravessado por meio de adaptações de método. Na mesma direção desses desafios das pesquisas interculturais, alguns limites foram observados nesta pesquisa. Primeiramente se destaca o desafio a dificuldade no acesso às mulheres sírias refugiadas em Florianópolis. Essa dificuldade foi expressa principalmente por uma desconfiança e uma desesperança de que

pesquisas com refugiados em Florianópolis possam de fato trazer um impacto em suas vidas. Essas mulheres, que se recusaram a participar da pesquisa, afirmaram que já tinham sido abordadas por outros pesquisadores e que nunca tiveram um retorno concreto do que o estudo proporcionou. Havia também uma desconfiança no que se refere ao fato de não conhecerem a pesquisadora e, por isso, não gostariam de compartilhar elementos que consideram de âmbito privado. Essas recusas serviram não somente para refletir sobre o papel da pesquisa acadêmica, mas para revalidar a importância de medidas que possibilitem que os resultados de pesquisas como estas possam ultrapassar a produção científica. Sugere-se que futuras pesquisas possam abordar diferenças de gênero e diferenças entre grupos culturais distintos (sírios e haitianos, por exemplo) acerca da vivência da experiência migratória. Recomenda-se estudos que possam comparar esses diferentes grupos culturais no que se refere aos elementos da experiência pré-migratória (como era antes e o que levou à imigração) e no que se refere aos elementos pós-migratórios (o país de acolhimento, as políticas de acolhimento) interferem no processo de integração desses imigrantes à nova sociedade.

Outro limite em destaque se refere ao fato de a pesquisadora ser representante da sociedade de acolhimento, pois é brasileira e natural de Florianópolis. A identificação foi feita desde o início do encontro com eles, pois, é de hábito em todos os trabalhos no NEMPsiC a identificação cultural de seus participantes. Assim, estes dados talvez tenham estimulado ou impedido a abordagem de determinados conteúdos fossem tratados pelos participantes. Exemplo disso revelou-se no fato de que alguns participantes pediam desculpas à pesquisadora ao criticarem o acolhimento no Brasil. Como resposta a isso a pesquisadora afirmava que era preciso nomear as dificuldades e barreiras para que se possa modifica-los.

Quanto aos resultados desta pesquisa, propõem-se três eixos de ação que – considerando os dados encontrados nesta pesquisa – possam diminuir o efeito dos fatores de risco e que possam potencializar os efeitos dos fatores de proteção encontrados nesta pesquisa. O primeiro e o segundo se referem à elaboração e ao compartilhamento das conclusões a respeito da especificidade dos impactos psicológicos da imigração de refugiados sírios em Florianópolis, pretende-se difundir esse conhecimento em meios científicos e em serviços que recebam refugiados sírios – com destaque ao recente Centro de Referência de Atendimento ao Imigrante (CRAI-SC), inaugurado em fevereiro de



2018 na cidade de Florianópolis. O terceiro eixo, no âmbito universitário, propõe a criação de um projeto que propicie a maior integração escolar de refugiados na Universidade Federal de Santa Catarina – a exemplo de outras 13 universidades<sup>5</sup> federais, estaduais e privadas do Brasil – que facilitam o reconhecimento de diplomas e a inclusão de refugiados no ensino superior.

No que se refere novamente à especificidade do encontro intercultural, cabe destacar-se um episódio que foi nomeado durante umas das entrevistas. Ao final de uma das entrevistas, quando o participante foi perguntado sobre como ele se sentia e como tinha sido a experiência de participar da entrevista, ele respondeu que se sentia mais leve, que se sentia bem. Acrescentou que antes de encontrar a pesquisadora não imaginava que iria compartilhar tantos detalhes de sua história de vida, mas que durante a entrevista, e pela forma como sentiu durante este encontro, decidiu que iria compartilhar coisas que nunca havia dividido com ninguém. Afirmou que esta decisão foi tomada durante a entrevista, enquanto o ambiente desse encontro – inicialmente com tantas distâncias e fronteiras – se desenrolava, pois interpretou a presença e o investimento da pesquisadora como um importante interesse em escutar o que estava sendo dito. Nesse sentido, acredita-se esta pesquisa pode ter tido um caráter terapêutico para muitos dos participantes, que puderam, pela primeira vez, compartilhar e colocar em palavras o que viveram, o que sentiram e o que ainda sentem. Claramente, estes encontros tiveram um importante efeito terapêutico para a pesquisadora igualmente, que – no envolvimento e no contato com essas pessoas – pôde validar o potencial que os encontros entre diferentes culturas podem representar e pôde presenciar tantos movimentos no sentido de busca à vida, de possibilidade de continuidade, apesar de tudo.

---

<sup>5</sup> UFRGS, UFSM, UFSCAR, UFABC, UNICAMP, UCS, UFRR, UFES, UFPR, UNILA, UFMG, UFTM e UNB.



## REFERÊNCIAS

Ahmed, A., Bowen, A., & Xin Feng, C. (2017). Maternal depression in Syrian refugee women recently moved to Canada: a preliminary study. *BMC Pregnancy and Childbirth*, 17(240).

Albuquerque, E. M. (2009). Avaliação da Técnica de Amostragem “Respondent-Driven Sampling” na Estimação de Prevalências de Doenças Transmissíveis em Populações Organizadas em Redes Complexas. Dissertação de mestrado, FIOCRUZ Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Alemi, Q., James, S., Siddiq, H., & Montgomery, S. (2015) Correlates and predictors of psychological distress among Afghan refugees in San Diego County. *International Journal of Culture and Mental Health*, 8(3), 274-288.

Al Ibraheem, B., Aljakoub, J., Kira, I. A. & Al Ibraheem, A. (2017) The Health Effect of the Syrian Conflict on IDPs and Refugees. *Peace and Conflict: Journal of Peace Psychology* 2017 American Psychological Association 2017, 23(2), 140–152.

Al Jazeera (2018) Syria’s civil war explained from the beginning. Recuperado em 15 de abril de 2018 de <https://www.aljazeera.com/news/2016/05/syria-civil-war-explained-160505084119966.html>

Alpak, G., Unal, A., Bulbul, F., Sagaltici, E., Bez, Y., Altindag, A., Dalkilic, A., & Savas, H. A. (2015). Post-traumatic stress disorder among Syrian refugees in Turkey: A cross-sectional study. *Int J Psychiatry Clin Pract*, 19: 45–50.

Alto Comissariado Das Nações Unidas Para Refugiados - ACNUR. (2013). *Protegendo Refugiados no Brasil e no mundo*. Recuperado em: 20 agosto 2016, de [http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2014/Protegendo\\_refugiados\\_no\\_Brasil\\_e\\_no\\_mundo\\_2014](http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2014/Protegendo_refugiados_no_Brasil_e_no_mundo_2014)

Alto Comissariado das Nações Unidas para Direitos Humanos - ACDH (2014). O campo de ação da sociedade civil e o Sistema dos Direitos Humanos das Nações Unidas. Guia prático para a sociedade civil. Recuperado em 04 de setembro de 2016 de [http://www.ohchr.org/Documents/AboutUs/CivilSociety/CS\\_space\\_UNHRSystem\\_Guide\\_PT.pdf](http://www.ohchr.org/Documents/AboutUs/CivilSociety/CS_space_UNHRSystem_Guide_PT.pdf)

Arsenault, S. (2010). Les réfugiés colombiens au Québec : des pratiques transnationales centrées sur la famille, *Lien social et Politiques*, 64, 51-64.

Assis, G. O., & Sasaki, E. M. (2001). Novos migrantes do e para o Brasil: um balanço da produção bibliográfica. In: Castro, M. G. (Coord.). *Migrações Internacionais: contribuições para políticas*, Brasil 2000. Brasília: CNPD.

Assis, G. O. (2018), Nova Lei de Migração no Brasil: avanços e desafios. In *Migrações Sul-Sul* / Rosana Baeninger; Lúcia Machado Bógus; Júlia Bertino Moreira; Luís Renato Vedovato; Duval Fernandes; Marta Roverly de Souza; Cláudia Siqueira Baltar; Roberta Guimarães Peres; Tatiana Chang Waldman; Luís Felipe Aires Magalhães (Organizadores.). – Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, (2a edição), 609-623.

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo* (L. A. Reto, & A. Pinheiro Trad.). Lisboa: Edições.

Barros, A. F. O. & Martins-Borges (2018). Reconstrução em Movimento: Impactos do terremoto de 2010 em imigrantes haitianos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(1), 157-171.

BBC (2012). Syria army moves to wrest Damascus suburbs from rebels. Recuperado em 20 de março de 2018 de <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-16779203>

BBC (2016) Governo Temer suspende negociação com Europa para receber refugiados sírios. Recuperado em 20 de janeiro de 2018 de <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36556393>

Ben Driss, K. (2010). Le coeur comme subtilité divine: coeur malade et guérison spirituelle chez Abû Hamid el Ghazâli. In: Mekki-Berrada A. L'islam en anthropologie de la santé mentale: Théorie, ethnographie et clinique d'un regard alternatif. Münster: Lit Verlag.

Briggs, L. (2011). Demoralization and Psychological Distress in Refugees: From Research to Practice. *Social Work in Mental Health*, 9(5), 336–345.

Brightwell, M. G. S. L. (2015). Sentir-se em casa longe de casa: a comida no cotidiano de migrantes brasileiros em Londres. *Tessituras* 3(2), 60-78.

Calegari, M. & Baeninger, R. (2014). From Syria to Brazil - Precisely because of the difficulties Syrians face in entering the EU, Brazil has opened up to them. Yarmouk, 2014. UNRWA. Recuperado em 14 de janeiro de 2018 de <http://www.fmreview.org/sites/fmr/files/FMRdownloads/en/destination-europe/calegari-baeninger.pdf>

Care Jordan (2012). Care Jordan baseline assessment of community identified vulnerabilities among syrian refugees living in Amman. Recuperado em 10 de janeiro de 2018 de <http://data2.unhcr.org/en/documents/details/36380>

Centre Culturel Islamique de Québec - CCIQ (2014) Les piliers de l'islam. Recuperado em 10 de janeiro de 2018 de <http://cciq.org/2014/05/27/les-piliers-lislam/>

Chung, M. C., AlQarni, N., Al Muhairi, S. & Mitchell, B. (2017) The relationship between trauma centrality, self-efficacy, posttraumatic stress and psychiatric co-morbidity among Syrian refugees: Is gender a moderator. *Journal of Psychiatric Research*, 94, 107-115.

Cohen-Émerique, M. (2011). L'approche interculturelle et ses limites. In Cohen-Émerique, M. Pour une approche interculturelle en travail social. Théories et pratiques. France: Presses de l'EHESP.

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. (1998). Brasília. Recuperado em 10 setembro 2016, de

[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm)

Convenção relativa ao estatuto dos Refugiados (1951). Recuperado em 20 de outubro de 2016 de [http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/documentos/portugues/bdl/convencao\\_relativa\\_ao\\_estatuto\\_dos\\_refugiados](http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/documentos/portugues/bdl/convencao_relativa_ao_estatuto_dos_refugiados)

Devereux, G. (1977). *Essais d'ethnopsychiatrie general*. 3ª edition, Paris: Tel Gallimard.

Devereux, G. (1985). *Ethnopsychanalyse complémentariste*. Paris: Flammarion.

Dow, H. E. (2011) An Overview of Stressors Faced by Immigrants and Refugees: A Guide for Mental Health Practitioners. *Home Health Care Management & Practice*, 23(3) 210–217.

El Pais (2018) Mais de 500 mil mortos em sete anos de Guerra na Síria. Recuperado em 13 de março de 2018 de [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/12/internacional/1520865451\\_577510.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/12/internacional/1520865451_577510.html)

Eskander, A. (2014). Génération perdue. L'impact de la crise sur le secteur de l'éducation en Syrie. *L'Information géographique*, 78(2), 106-118.

Ferradji, T. (2010) Culture et psychopathologie chez les jeunes migrants musulmans installés en France. In: Mekki-Berrada A. *L'Islam en anthropologie de la santé mentale: Théorie, ethnographie et clinique d'un regard alternatif*. Münster: Lit Verlag.

Fontanella, B. J. B.; Luchesi, B. M.; Saidel, M. G. B., Ricas, J. Turato, E. R. ,& Melo, D. G. (2011) Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimento para constatar saturação teórica. *Caderno Saúde Pública*, 27 (2), 389-394.

Freud, S. (2010). Considerações atuais sobre a guerra e a morte. In \_\_\_\_\_. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (P. C. Souza Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1915).

Fronteau, J. (2001) Le processus migratoire : la traversée du miroir. In G. Legault (dir.), *L'intervention interculturelle*, Montréal, Gaëtan Morin.

Gammouh, O. S., Al-Smadi, A. M., Tawalbeh, L. I., & Khoury, L. S. (2015). Chronic Diseases, Lack of Medications, and Depression Among Syrian Refugees in Jordan, 2013 –2014. *Prev Chronic Dis*, 12(10).

Ghumman, U., McCord, C. E. & Texas, J. E. C. (2016) Posttraumatic Stress Disorder in Syrian Refugees: A Review. *Canadian Psychology / Psychologie canadienne* © 2016 Canadian Psychological Association 2016, 57(4), 246–253.

Gilz, C. (2007). Os desafios e facilidades do uso do programa de software atlas/ti na análise de dados da pesquisa: a coleção “redescobrimo o universo religioso” na formação do professor. *Anais VII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE*, Curitiba, PR, Brasil.

Godoy, G. G. (2014) A crise humanitária na Síria e seu impacto no Brasil. In *Cadernos de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania*, v.9, n.9 (2014). Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos.

Gomes, C. P. (2005). Os Estudos de Imigração: Sobre algumas implicações políticas do método. In : Neto, H. P., & Ferreira, A. P. *Cruzando fronteiras interdisciplinares; um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Revan. Recuperado em 03 agosto 2016 de [http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB\\_CharlesPGomes\\_OsEstudos\\_de\\_imigracao\\_sobre\\_algumas\\_implicacoes\\_politicas\\_do\\_metodo.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB_CharlesPGomes_OsEstudos_de_imigracao_sobre_algumas_implicacoes_politicas_do_metodo.pdf)

Grandsard, C. (2009). Enveloppe culturelle et attachement social. *Santé Mentale*, 135, p. 46-49.

Guerraoui, Z., & Pirlot, G. (2011). *Comprendre et traiter les situations interculturelles*. Bruxelles: Groupe De Boeck.

Guyon, S. (2011). La réinstallation au Québec des réfugiées sélectionnés à l'étranger, un secret bien gardé! *Vivre ensemble*, 18(62), 1-5.

Hassan, G., Kirmayer, L. J., & Ventevogel, P. (2016a). Culture, Contexte du conflit, Santé mentale et Bien-Être Psychosocial des Syriens. Rapport sur la santé mentale et le soutien psychosocial à l'intention du personnel travaillant auprès des Syriens touchés par le conflit armé. Canada.

Hassan, G., Kirmayer, L. J., Mekki-Berrada A., Quosh, C., El Chammy, R., Deville-Stoetzel, J.B., Youssef, A., Jefee-Bahloul, H., Barkeel-Oteo, A., Coutts, A., Song, S. & Ventevogel, P. (2016b) Culture, Contexte du conflit, Santé mentale et Bien-être Psychosocial des Syriens. Rapport sur la santé mentale et le soutien psychosocial à l'intention du personnel travaillant auprès des Syriens touchés par le conflit armé. Office du Haut-commissariat des Nations unies pour les réfugiés – UNHCR.

Ibrahim, H. & Hassan, C. Q. (2017) Post-traumatic Stress Disorder Symptoms Resulting from Torture and Other Traumatic Events among Syrian Kurdish Refugees in Kurdistan Region, Iraq. *Frontiers in Psychology*, 8, 1-8.

Islam Religion (2008). Le deuxième pilier de l'Islam : La prière. Recuperado em 12 de janeiro de 2018 de <https://www.islamreligion.com/fr/articles/9/le-deuxieme-pilier-de-l-islam/>

Islam Religion (2008.2). Le troisième pilier de l'Islam : La charité obligatoire. Recuperado em 20 de fevereiro de 2018 de <https://www.islamreligion.com/fr/articles/46/le-troisieme-pilier-de-l-islam/>

Islam Religion (2010). Le quatrième pilier de l'Islam : Le jeûne du Ramadan. Recuperado em 20 de fevereiro de 2018 de <https://www.islamreligion.com/fr/articles/47/le-quatrieme-pilier-de-l-islam/>

Jardim, D. F. (2013). Os Direitos Humanos dos imigrantes: Reconfigurações normativas dos debates sobre migração no Brasil contemporâneo. *Densidades*, (14), 67-85.



Jubilut, L. L. (2007) O direito internacional dos refugiados e sua aplicação no ordenamento jurídico brasileiro. São Paulo: Método.

Kira, I. A., Shuwiekh, H., Rice, K., Ibraheem, B. A. & Aljakoub, J. (2017). A Threatened Identity: The Mental Health Status of Syrian Refugees in Egypt and Its Etiology. *Identity*, 17:3, 176-190.

Kazour, F., Zahreddine, N. R., Maragel, M. G., Almustafa, M. A., Soufia, M., Haddad, R., & Richa, S. (2017). Post-traumatic stress disorder in a sample of Syrian refugees in Lebanon. *Comprehensive Psychiatry*, 72, 41–47.

Jibrin, M. (2017) Acolhimento psicológico de imigrantes involuntários: um encontro com a alteridade. Dissertação de mestrado em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina.

Jibrin, M.; Boeira-Lodetti, M. & Martins-Borges, L. (2017). Intervenções interculturais em saúde mental. Psicoterapia com imigrantes e refugiados. In: Carmen Lussi (Org.). *Migrações Internacionais. Abordagens de Direitos Humanos*. 1 ed. Brasília: CESEM – Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, 289-304.

Lecomte, Y., Jama, S. & Legault, G. (2006). Présentation: L'ethnopsychiatrie. *Santé mentale au Québec*, 31(2), 7–27.

Laplantine, F. (1998). *Aprender Etnopsiquiatria*, Brasil: Editora Brasiliense.

Lussi, C., & Marinuci, R. (2007). Vulnerabilidade social em contexto migratório. Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios. Recuperado 30 out. 2016, em [http://www.csem.org.br/pdfs/vulnerabilidades\\_dos\\_migrantes.pdf](http://www.csem.org.br/pdfs/vulnerabilidades_dos_migrantes.pdf)  
Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980 (1980). Define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração, Brasília, 1980. Recuperado em 10 de setembro de 2016 de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6815.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6815.htm)

Lei n. 9.474, de 22 de julho de 1997 (1997). Define mecanismos para implementação do Estatuto do Refugiado de 1951 e determina outras

providências, Brasília, 1997. Recuperado em 10 de setembro de 2016, de [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19474.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19474.htm)

Lei n.13.445, de 24 de maio de 2017 (2017). Institui a Nova Lei de Migração, Brasília, 2017. Recuperado em 24 de fevereiro de 2018 de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm)

Martins-Borges, L (2017). Migrações involuntárias e impactos psíquicos: a mediação da cultura. In: Peres, R. S.; Hashimoto, F.; Casadore, M. M.; Braz, M. V.. (Org.). Sujeito contemporâneo. Saúde e trabalho: Múltiplos olhares.. 1ed.São Carlos: Edufscar, 169-186.

Martins-Borges, L. (2013). Migração involuntária como fator de risco à saúde mental. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana, Brasília, Ano XXI* 40, 151-162.

Martins Borges, L., & Pocreau, J-B. (2009). A identidade como fator de imunidade psicológica: contribuições da clínica intercultural perante as situações de violência extrema. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(3), 224-236.

Martins-Borges, L., & Pocreau, J-B. (2015) *Intervention Interculturelle : spécificités théoriques et modelités d'application*. In *Formation Interculturelle, Québec, Canada*, 01 avril 2015.

Matas, J & Pfefferkorn, R. (1997). *Mémoires de migrants, Le temps de la transition*. *Revue des sciences sociales de la France de l'Est*, pp.122-132.

Mekki-Berrada, A. (2010) *Prolégomènes à une anthropologie de la santé mentale en terres d'islam* In: \_\_\_\_\_. *L'Islam en anthropologie de la santé mentale: Théorie, ethnographie et clinique d'un regard alternatif*. Münster: Lit Verlag.

Melo Carvalho, M. T. (2012). Sofrimento psíquico, acontecimento traumático e angústia pulsional. *Psicologia em Estudo* 17(3), 487-497.

Minayo, M. C. S. (2004). *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.

Ministério da Justiça (2014). Conferência Nacional sobre Migrações e Refúgio. Recuperado em 10 de agosto de 2016 de <http://www.justica.gov.br/seus-direitos/migracoes/conferencia-nacional-sobre-migracoes-e-refugio>

Ministério da Justiça. (2016). Sistema de Refúgio Brasileiro: desafios e perspectivas: Estatística. Recuperado em 11 maio 2016, de [http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/Estatisticas/Sistema\\_de\\_Refugio\\_brasileiro\\_-\\_Refugio\\_em\\_numeros\\_-\\_05\\_05\\_2016](http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/Estatisticas/Sistema_de_Refugio_brasileiro_-_Refugio_em_numeros_-_05_05_2016)

Ministério da Justiça (2018). Refúgio em números - 3ª ed. Recuperado em 20 de abril de 2018 de [http://www.justica.gov.br/news/de-10-1-mil-refugiados-apenas-5-1-mil-continuam-no-brasil/refugio-em-numeros\\_1104.pdf](http://www.justica.gov.br/news/de-10-1-mil-refugiados-apenas-5-1-mil-continuam-no-brasil/refugio-em-numeros_1104.pdf)

Moro, M. (1992). Principes théoriques et méthodologiques de l'ethnopsychiatrie: L'exemple du travail avec les enfants de migrants et leurs familles. *Santé mentale au Québec*, 17(2), 71- 98.

Moro, M. R. (2001) *Parents en exil. Psychopathologie et migrations*, 2a édition.

Moro, M. R. (2015). Psicoterapia transcultural da migração. *Psicologia USP*, 26(2), 186-192.

Molsa, M., Punamäki, R-J., Saarni, S. I., Tiilikainen, S., & Honkasalo, M-L. (2014). Mental and somatic health and pre- and post-migration factors among older Somali refugees in Finland. *Transcultural Psychiatry*, 51(4), 499–525.

Oliveira, A. T. R. (2017). Nova lei brasileira de migração: avanços, desafios e ameaças. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 34(1), 171-179.

Naja, W. J., Aoun, M. P., El Khoury, E. L., Abdallah, F. J. & Haddad, R. S. (2016) Prevalence of depression in Syrian refugees and the influence of religiosity. *Comprehensive Psychiatry*, 68, 78–85.

- Nasser, R. (2011). Turbulências no Mundo Árabe: Rumo a uma nova ordem? *Revista tempo do mundo*, 3(2), 141-170.
- Nasser, S. H. (2013). Olhares sobre as revoltas no mundo árabe. *Projeto História*, São Paulo, (46), 115-133.
- Nathan, T. *La folie des autres*. (1986). *Traite d'ethnopsychiatrie clinique*. Paris : Bordas.
- Nathan, T. (1993). *Fier de n'avoir ni pays, ni amis, quelle sottise c'était*. Paris : Dunod.
- Nathan, T. (1994). *L'Influence qui guérit*. Paris: Odile Jacob.
- Nathan, T. (1998) Georges Devereux et l'ethnopsychiatrie clinique. *Nouvelle Revue d'Ethnopsychiatrie*. (35/36), 7-18.
- Nathan, T. (2005). Entretien avec Tobie Nathan. *Questions d'ethnopsychiatrie*, Outre-Terre 2005/2 (11), 575-581.
- Nathan, T. (2014). Comment faire place à l'étranger? L'ethnopsychiatrie et la loi de l'hospitalité. *Philosophie Magazine*. animé par Martin Legros. Recuperado em 04 01 2018 de <http://asuloneurope.blogg.org/comment-faire-place-a-l-etranger-tobie-nathan-philo-a116514286>
- Omran, M. (2014). As marcas da história na guerra civil síria. *Topoi*, 15(28), 366-371.
- Organização Internacional para as Migrações - OIM. (2009). Glossário sobre Migração. *Direito Internacional da Migração*, (22). Recuperado 30 maio 2016, de [http://www.acidi.gov.pt/\\_cf/102363](http://www.acidi.gov.pt/_cf/102363).
- Padilla, B. (2013). Saúde dos imigrantes: multidimensionalidade, desigualdades e acessibilidade em Portugal. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, (40), 49-68.
- Palard, J. (2010). Immigration et intégration au Québec et en France : lecture comparée de pratiques contrastées. In Lacasse Nicole et Palard Jacques. *Immigration et intégration au Québec et en France: enjeux de*

société et expériences territoriales, MSHA/Presses de l'Université Laval, 3-18, Rencontres Champlain-Montaigne.

Patrick, F. (1998). Geza Roheim. Recuperado em 18 07 2016 de <http://geza.roheim.pagesperso-orange.fr/html/roheim2.htm#btrauma>

Pierzo, M. E. & Legault, G. (2001). L'interface Ethnopsychiatrie et intervention sociale. In Legault (Org.) L'Intervention interculturelle. Gaëtan Morin, Boucherville, 286-287.

Pocreau, J-B., & Martins-Borges, L. (2006). Reconnaître la différence: le défi de l'ethnopsychiatrie. Santé Mental au Québec, XXXI (2), 43-56.

Pocreau, J.-B., Martins-borges, L. (2013). La cothérapie en psychologie clinique interculturelle. Co-therapy in intercultural clinical psychology. Santé mentale au Québec, (38), p. 227-242.

Pocreau J-B. (2013). De l'ethnopsychiatrie à la psychiatrie transculturelle: un parcours sensible à la rencontre de l'autre. In M. Seffahi, Autour de Laplantine: d'une rive à l'autre. Paris, Archives contemporaines, 71-89.

Pocreau, J-B (2016). Culture et Santé Mental: l'expérience du SAPSIR©. In I Jornada do NEMPsiC - Migração e Refúgio: encontro entre culturas, Florianópolis, Brasil, 27 outubro 2016. Universidade Federal de Santa Catarina.

Pocreau, J-B. & Martins-Borges, L. (2017) Le réfugié, ce migrant non volontaire: répercurssions psychiques et médiation de la culture. In: Simon Grondin. (Org.). La Psychologie au quotidien - 3. 1ed. Québec – Canadá: Presses de l'Université Laval, 165-192.

Portail Opérationnel – UNHCR (2018)  
<https://data2.unhcr.org/fr/situations/syria>

Resolução Normativa No17 de 20 de Setembro de 2013 (2013).  
Recuperado em 10 de janeiro de 2018 de  
[www.jusbrasil.com.br/diarios/59458269/dou-secao-1-24-09-2013-pg-29](http://www.jusbrasil.com.br/diarios/59458269/dou-secao-1-24-09-2013-pg-29)

Richardson, R. (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.

Rodrigues, G. M. A., Sala, J. B. & Siqueira, D. C. (2017) Visas and qualifications: Syrian refugees in Brazil - Brazil's humanitarian visa programme for Syrian refugees and its efforts to recognise their qualifications could offer lessons for refugee protection and integration across the region. *FMR56 - Latin America and the Caribbean*. Recuperado em 13 de janeiro de 2018 de <http://www.fmreview.org/latinamerica-caribbean/rodrigues-sala-desiqueira.html>

Roudinesco, E.; Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Saillant, F. (2007). Vous êtes ici dans une mini-ONU: les réfugiés publics au Québec. De l'humanitaire au communautaire. *Anthropologie et Sociétés*, 31(2), 65-90.

Sampieri, R. H., Fernández-Collado, C., & Lucio, P. B. (2006). *Metodología de la investigación* (4a ed.). Iztapalapa: McGrall-Hill.

Silva, J. V., & Corgozinho, J. P. (2011). Atuação do psicólogo, SUAS/CRAS e Psicologia Social Comunitária: possíveis articulações. *Psicologia e Sociedade*, 23(n. spe.),12-21.

Smeeke, A., Verkuyten, M., Çelebi, E. C., Acarturk, C. & Onkun, S. (2017). Social identity continuity and mental health among Syrian refugees in Turkey. *Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol*, 52: 1317-1324.

Tinghög, P., Malm, A., Arwidson, C., Sigvardsdotter, E., Lundin, A. & Sabooche, F. (2017) Prevalence of mental ill health, traumas and postmigration stress among refugees from Syria resettled in Sweden after 2011: a population-based survey. *BMJ Open* 2017, 7, 1-12.

TV5 (2018). Qu'est-ce que la Ghouta, Théâtre d'horreurs et champ de bataille? Recuperado em 10 de março de 2018 de <https://information.tv5monde.com/info/qu-est-ce-que-la-ghouta-teatro-d-horreurs-et-champ-de-bataille-224898>

Turato, E. R. (2005) Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, 39(3), 507-514.

UNHCR (2013) Le HCR se félicite de l'annonce du Brésil sur des visas humanitaires pour les Syriens. Recuperado em 20 de janeiro de 2018 de <http://www.unhcr.org/fr/news/stories/2013/9/52458fa2c/hcr-felicite-lannonce-bresil-visas-humanitaires-syriens.html>

UNHCR (2016). Environ 80 000 réfugiés déjà arrivés en Europe, durant les six premières semaines de 2016. Recuperado em 18 de janeiro de 2018 de <http://www.unhcr.org/fr/news/stories/2016/2/56be0868c/environ-80-000-refugiés-deja-arrivees-europe-premieres-semaines-2016.html>

United Nations (2016). Global Trends 2015. Recuperado em 27 de junho de 2016 <http://www.unhcr.org/statistics/country/576408cd7/unhcr-global-trends-2015.html>

United Nations (2017). Global Trends 2016. Recuperado em 10 de março de 2018 <http://www.unhcr.org/5943e8a34.pdf>

UNESCO (1998). Declaração Universal dos Direitos Humanos. Brasília, 1998. Recuperado em 15 de agosto de 2016 de <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>

UNESCO (2011). Ancienne ville de Damas. Recuperado em 25 de janeiro de 2018 de <http://whc.unesco.org/fr/list/20>

Vedovato, L. R. & Assis, A. E. S. Q. (2018). Os vetos à Nova Lei de Migração brasileira. A interpretação como um passo necessário. In *Migrações Sul-Sul* / Rosana Baeninger; Lúcia Machado Bógus; Júlia Bertino Moreira; Luís Renato Vedovato; Duval Fernandes; Marta Rovey de Souza; Cláudia Siqueira Baltar; Roberta Guimarães Peres; Tatiana Chang Waldman; Luís Felipe Aires Magalhães (Organizadores.). – Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, (2a edição), 597 – 608.

Weinstein, N., Khabbaz, F., & Legate, N. (2016). Enhancing Need Satisfaction to Reduce Psychological Distress in Syrian Refugees. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 84(7), 645–650.

Wells, R., Zachary, W., Abo-Hilal, M., Hassan, H. H. & Lawsin, C. (2016) Psychosocial concerns reported by Syrian refugees living in Jordan: systematic review of unpublished needs assessments. *The British Journal of Psychiatry*, 209, 99-106.

Wihtol-Wenden, C. (2018). Cohérence et incohérence dans la gestion des migrations et de l'intégration. In Réfugiés, immigration et intégration sociale : pratiques d'accueil, de la solidarité humaine et du vivre ensemble, Québec, Canadá, 22 fevereiro 2018. Université Laval.

World Health Organization (2015). Syria Crisis - Egypt. Donor brief and funding request. Recuperado em 10 dezembro 2017 de [http://www.who.int/hac/crises/syr/syria\\_crisis\\_snapshot\\_egypt\\_june2015.pdf](http://www.who.int/hac/crises/syr/syria_crisis_snapshot_egypt_june2015.pdf)



## APÊNDICES

### APÊNDICA A

#### ROTEIRO - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

##### **Caracterizar os significados atribuídos ao processo migratório pelos refugiados sírios:**

1. Como era a região em que você vivia na Síria (investigar o antes e depois da guerra)?
2. Como estava a sua região quando você partiu?
3. O que significou para você deixar o seu país?
4. Você poderia me contar como se deu a sua saída da Síria? (que trajeto fez, com quem migrou)
5. Em que circunstâncias se definiu que seu destino seria o Brasil? Como foi para você saber que seu destino era o Brasil? (o que pensou sobre isso, que expectativas criou, tinha informações sobre o país, o que já sabia)
6. Antes de morar em Florianópolis, você morou em outra cidade no Brasil?
7. Se sim, como foi morar nessa cidade?
8. O que te levou a vir para Florianópolis?
9. O que significa para você morar em outro país que não a Síria?
10. Como era sua rotina na Síria e como é agora no Brasil?
11. Existe alguma diferença entre a cultura síria e a cultura brasileira? Se sim, quais?
12. E existe alguma semelhanças entre a cultura síria e a cultura brasileira? Se sim, quais?

##### **Identificar os sintomas clínicos decorrentes do refúgio:**

1. O que você sentiu no momento em que percebeu que teria que ir embora do seu país?
2. O que você sentiu quando partiu?
3. O que você sentiu durante o deslocamento? Nesse trajeto houve alguma emoção predominante? O que você sentiu mais forte?
4. E após o deslocamento, com o passar do tempo, esses sentimentos mudaram?

5. E nos dias de hoje, como você tem se sentido?
6. Como era seu sono quando estava na Síria? Você dormia bem? Você percebeu alguma mudança depois que chegou no Brasil? E hoje em dia, como é o seu sono?
7. Como era o seu apetite? O que você comia lá na Síria? Qual a sua comida preferida? Você consegue fazê-la aqui no Brasil?
8. As lembranças do que você viveu durante a guerra se repetem no seu dia a dia?
9. Existem situações que você vivencia no seu cotidiano que te fazem sentir emoções parecidas àquelas ligadas à alguma etapa do processo migratório? \*\*\*
10. Você sonha? Com o que você sonha? (investigar se há diferença nos sonhos durante a pré-migração, o período de deslocamento e a chegada no Brasil)
11. Você percebe alguma mudança em você, algo diferente de como você era antes do processo migratório?
12. Você conhece alguém que veio do seu país e que se sente assim também?
13. Você sente falta de alguma coisa da Síria? O que?

### **Identificar os fatores de risco pré e pós-migratórios dos refugiados sírios na Grande Florianópolis:**

1. Você acha que foi exposto a algum tipo de violência durante o período da migração?
2. Você foi exposto a algum tipo de situação desconfortável no Brasil?
3. Como ficou a sua organização familiar depois da migração? Você tem contato com todos os seus parentes e pessoas próximas (amigos)? (perdas e desaparecimento de parentes)
4. Você conseguiu reunir alguns objetos e trazer com você?
5. Conseguiu se despedir dos amigos, familiares e pessoas que você gostava mais?
6. Você já conhecia o idioma do Brasil antes de imigrar? Como foi, ou está sendo, a aquisição do novo idioma?
7. Alguém ajudou você na chegada ao Brasil? Quem? De que forma essa pessoa ajudou?
8. Como foi a chegada aqui em termos de moradia e acesso a serviços básicos (alimentação, saúde, moradia)? E como está agora?

9. Você faz coisas que lembram hábitos e costumes da sua cultura de origem?
10. Você pensa em retornar para a Síria?
11. Se os participantes se tornaram pais no Brasil, será investigado:
12. O que você sentiu ao ter um filho distante de sua cultura de origem?

**Identificar os fatores de proteção pré e pós-migratórios dos refugiados sírios na Grande Florianópolis.**

1. Você pratica sua religião aqui em Florianópolis?
2. Você tem contato com a comunidade de sírios que existe em Florianópolis? Como é esse contato?
3. Quem são as pessoas que você conversa e convive aqui no Brasil? (investigar rede de apoio, isolamento e integração)
4. O que você fazia para se divertir na Síria?
5. O que você faz para se divertir no Brasil?
6. Como você imagina o seu futuro daqui 5 anos?



## APÊNCICE B

### *FORMULÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO INTERCULTURAL DO NEMPSIC*

Data de aplicação: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

#### **Dados Pessoais:**

1. Nome Completo: \_\_\_\_\_

1.1. Há diferença entre o nome do registro brasileiro e o nome de registro no país de origem ( ) Sim ( ) Não.

2. Aplica-se nome social? Se sim, especifique: \_\_\_\_\_

3. Sexo/Gênero: ( ) Feminino ( ) Masculino ( ) Outro: \_\_\_\_\_

4. Idade: \_\_\_\_\_ anos

5. Data de nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

6. País de nascimento: \_\_\_\_\_

7. Cidade de nascimento: \_\_\_\_\_

8. Pertence a algum grupo étnico? ( ) Sim ( ) Não

9. Se sim, indique qual grupo étnico: \_\_\_\_\_

10. Cor/Raça: ( ) branca ( ) preta ( ) amarela ( ) parda  
( ) indígena ( ) outro: \_\_\_\_\_

11. Nacionalidade(s): \_\_\_\_\_

12. Cidade onde reside atualmente: \_\_\_\_\_

13. Status Conjugal: ( ) Solteiro(a)  
( ) Namorando  
( ) União Estável  
( ) Casado(a)

- ( ) Separado (a)
- ( ) Divorciado(a)
- ( ) Viúvo(a)

**Escolaridade e Ocupação:**

14. Escolaridade. :

- ( ) Não alfabetizado
- ( ) Ensino fundamental incompleto
- ( ) Ensino fundamental completo - aproximadamente 9 anos de duração
- ( ) Ensino médio incompleto
- ( ) Ensino médio completo - aproximadamente 3 anos de duração
- ( ) Ensino técnico incompleto
- ( ) Ensino técnico completo. Qual(is) curso(s) \_\_\_\_\_
- ( ) Ensino superior incompleto
- ( ) Ensino superior completo. Qual(is) curso(s) \_\_\_\_\_
- ( ) Pós Graduação incompleta. \_\_\_\_\_
- ( ) Pós Graduação. Qual(is) curso(s) \_\_\_\_\_

15. Ocupação antes da imigração: \_\_\_\_\_

16. Qual foi a 1ª ocupação no Brasil? \_\_\_\_\_

17. Ocupação atual: \_\_\_\_\_

**Renda:**

18. Qual a sua renda mensal, aproximadamente?

- ( ) Nenhuma renda.
- ( ) Até 1 salário mínimo
- ( ) De 1 a 3 salários mínimos.
- ( ) De 3 a 6 salários mínimos.
- ( ) De 6 a 9 salários mínimos.
- ( ) Mais que 9 salários mínimos.

19. Em relação a sua posição financeira:

- ( ) Respondo unicamente por minhas despesas  
 ( ) Sou a/o responsável pelo sustento de minha família/outros  
 ( ) Contribuo secundariamente com os gastos familiares/outros  
 ( ) Conto exclusivamente com o apoio financeiro de familiares/outros

**Moradia:**

20. A residência em que você mora é:

- ( ) Própria  
 ( ) Alugada  
 ( ) Cedida  
 ( ) Outro: \_\_\_\_\_

21. Número de cômodos da residência: \_\_\_\_\_

22. Número de pessoas na sua residência, contando com você: \_\_\_\_\_ pessoas

23. Atualmente você mora:

- ( ) Com cônjuge  
 ( ) Com filhos  
 ( ) Com os pais  
 ( ) Com irmão (ã)  
 ( ) Com outros parentes. Quem? \_\_\_\_\_  
 ( ) Com amigos  
 ( ) Em república  
 ( ) Em pensão  
 ( ) Sozinho  
 ( ) Outro:

24. Identificação dos membros que residem com o participante

Tipo de Vínculo	Sexo	Idade	Ocupação	Nacionalidade

--	--	--	--	--

### **Utilização do SUS e SUAS**

25. Você já teve acesso ao Sistema Único de Saúde - SUS?

Sim  Não

26. Você possui o cartão do Sistema Único de Saúde - SUS?

Sim  Não  Não sei

27. Você já teve acesso ao Sistema Único de Assistência Social - SUAS?

Sim  Não

28. Você possui um CADÚNICO?  Sim  Não  Não sei

29. Se sim, usufrui/já usufruiu de algum benefício?  Sim  Não

### **Religião:**

30. Possui alguma religião?  Sim  Não

31. Se sim, qual? \_\_\_\_\_

32. É praticante?  Sim  Não

### **Língua**

33. Qual/quais a(s) sua(s) língua(s) primária(s)? \_\_\_\_\_

34. Fala outra língua?  Sim  Não

35. Se sim, qual(is)? \_\_\_\_\_

36. Nível da língua portuguesa antes da imigração:



- a) Compreensão oral: ( ) Ruim ( ) Regular ( ) Boa ( ) Ótima  
 b) Compreensão escrita: ( ) Ruim ( ) Regular ( ) Boa ( ) Ótima  
 c) Expressão oral: ( ) Ruim ( ) Regular ( ) Boa ( ) Ótima  
 d) Expressão escrita: ( ) Ruim ( ) Regular ( ) Boa ( ) Ótima

37. Apropriação da língua portuguesa atualmente:

- a) Compreensão oral: ( ) Ruim ( ) Regular ( ) Boa ( ) Ótima  
 b) Compreensão escrita: ( ) Ruim ( ) Regular ( ) Boa ( ) Ótima  
 c) Expressão oral: ( ) Ruim ( ) Regular ( ) Boa ( ) Ótima  
 d) Expressão escrita: ( ) Ruim ( ) Regular ( ) Boa ( ) Ótima

**Dados sobre a imigração:**

38. Data de saída de sua cidade de residência: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

39. É a primeira imigração? ( ) Sim ( ) Não

40. Você imigrou com alguém? ( ) Sim ( ) Não

41. Se sim, com quem?

- ( ) Com cônjuge  
 ( ) Com filhos  
 ( ) Com os pais  
 ( ) Com outros parentes  
 ( ) Com amigos  
 ( ) Outro: \_\_\_\_\_

42. Após a saída, qual foi o seu percurso até chegar ao Brasil ?

---



---



---

43. Durante esse percurso você se alojou em?

- ( ) Residência própria  
 ( ) Residência alugada  
 ( ) Residência familiar  
 ( ) Residência cedida

- Em um campo de refugiados
- Abrigo
- Na rua
- Outro: \_\_\_\_\_

44. Das pessoas importantes para você, alguém ficou no país de origem?  
 Sim  Não

45. O que levou a saída do país de origem: \_\_\_\_\_

46. Data de entrada no Brasil: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

47. Tipo de visto de entrada:

- Trânsito
- Turismo
- Temporário. Qual: \_\_\_\_\_
- Permanente por razões humanitárias
- Outros. Qual: \_\_\_\_\_

48. Tipo de status migratório atual:

- Refugiado
- Solicitante de refúgio
- Deslocado ambiental
- Imigrante econômico
- Imigrante humanitário
- Apátrida
- Imigrante indocumentado
- Outro. Qual: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE C

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Prezado(a) participante,

Eu, **Mariá Boeira Lodetti**, aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), convido-o(a) a participar do processo de coleta de dados de minha Dissertação de Mestrado, sob orientação do Prof. Dra. Lucienne Martins Borges. Essa pesquisa se intitula *A CONTINUIDADE PARTIDA: OS IMPACTOS PSICOLÓGICOS DA IMIGRAÇÃO EM REFUGIADOS SÍRIOS NA GRANDE FLORIANÓPOLIS* e tem por objetivo compreender os impactos psicológicos da imigração nos refugiados sírios que residem na Grande Florianópolis.

O seu papel enquanto participante consiste em responder às questões de um roteiro de entrevista semiestruturado e de um questionário sóciodemográfico. Cabe salientar que a entrevista será gravada em áudio, e que apenas as pesquisadoras responsáveis terão acesso direto às informações oferecidas por meio dos dados coletados. De acordo com os preceitos éticos contidos na Resolução 466/12 referentes à proteção aos participantes, asseguramos que a sua participação será absolutamente sigilosa, não constando nome ou qualquer outro dado que possa identificá-lo(a).

Antes de falarmos com você, o projeto desse estudo foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da UFSC. Caso você queira entrar em contato com este Comitê, pode fazê-lo por meio dos telefones (48) 3721-6094, pelo e-mail [cepses@saude.sc.gov.br](mailto:cepses@saude.sc.gov.br) e/ou pelo endereço Rua Des. Desembargador Vitor Lima, número 222, sala 401, Trindade, Florianópolis – SC, CEP 88.040-400. Informamos, também, que a sua

participação é absolutamente voluntária, portanto, não poderá ser fornecido qualquer tipo de ajuda financeira e ou ressarcimento da pesquisa.

Esse estudo não se isenta de apresentar riscos psicológicos, podendo causar desconforto a você ao responder as perguntas e contar histórias de sua vida, de seu percurso migratório e sentimentos íntimos. Caso você se sinta desconfortável, tem o direito de interromper a participação em qualquer fase da pesquisa, bem como solicitar a exclusão de seus dados, retirando seu consentimento sem qualquer penalização ou prejuízo. Além disso, caso necessário, a pesquisadora poderá o (a) encaminhar para atendimento na Clínica Intercultural vinculada ao Serviço de Atenção Psicológica – SAPSI da Universidade Federal de Santa Catarina.

As informações obtidas serão armazenadas pela pesquisadora principal por 5 anos e utilizadas na elaboração de trabalhos científicos que poderão vir a ser publicados em meios acadêmicos e científicos. Os resultados dessa pesquisa poderão auxiliar nas intervenções psicológicas em saúde e assistência social para o melhor atender as demandas em saúde mental que refugiados sírios possam apresentar. Ressaltamos que os dados utilizados em produções científicas não farão qualquer alusão a sua identificação. Após a defesa da Dissertação, os resultados da presente pesquisa poderão ser apresentados a você, em data a ser agendada.

Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar participar do estudo, solicito sua assinatura em duas vias no referido Termo. Uma delas permanecerá em seu poder, pois é um documento que comprova o nosso contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa.

Para quaisquer outras informações, coloco-me a sua disposição pelo telefone (48) 9102-2105, e-mail [mboeiralodetti@gmail.com](mailto:mboeiralodetti@gmail.com), e/ou endereço profissional localizado no Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Culturas (NEMPsiC), Sala 8B do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na Rua Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n, Trindade, Florianópolis – SC, CEP 88040-500. A pesquisadora responsável, Prof. Dra. Lucienne Martins Borges, também estará a sua disposição no mesmo endereço, e/ou no telefone (48) 3721 8571 e no e-mail [lucienne.borges@ufsc.br](mailto:lucienne.borges@ufsc.br).

---

Mariá Boeira Lodetti

Pesquisadora Principal –  
Mestranda

---

Dra. Lucienne Martins Borges

Pesquisadora responsável –  
Orientadora

Eu \_\_\_\_\_,  
RG/CPF \_\_\_\_\_,  
declaro através deste documento o meu consentimento em participar da  
pesquisa intitulada **A continuidade partida: os impactos psicológicos  
da imigração em refugiados sírios na Grande Florianópolis**. Declaro  
ainda, que estou informado(a) dos objetivos da pesquisa, do método, de  
meus direitos de desistir participar a qualquer momento e também do  
meu anonimato.

---

Assinatura do participante da pesquisa

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de  
Local (dia) (mês) 2017